

A descoberta dos marsupiais e a “*simivulpa*”, um esquecido símbolo do Novo Mundo

Dante Martins Teixeira¹ & Nelson Papavero²

¹ Pesquisador independente. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: [0000-0002-1768-3376](https://orcid.org/0000-0002-1768-3376). E-mail: d1mthistzool@gmail.com

² Pesquisador independente. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: [0009-0002-7659-1428](https://orcid.org/0009-0002-7659-1428). E-mail: pavotnel@gmail.com

Resumo. Objeto de várias controvérsias e especulações, a viagem de Vicente Yáñez Pinzón ao Novo Mundo (1499-1500) levaria à descoberta do primeiro marsupial jamais visto por um europeu. Descrito como um “animal monstruoso” pelo cronista Pietro Martire d’Anghiera, esse quadrúpede despertou particular atenção por possuir uma bolsa no ventre onde carregava seus filhotes. Baseado nesse relato, Martin Waldseemüller incluiu uma imagem fantasiosa desse mamífero em sua célebre “*Carta Marina*” de 1516. Apesar de existirem figuras e notícias mais exatas já na primeira metade do século XVI, Martire d’Anghiera e Waldseemüller definiriam boa parte das narrativas e ilustrações posteriores, sendo reproduzidos ou adaptados em numerosas ocasiões. Sob o nome de “*simivulpa*” (i.e. “macaco-vulpino”), essa “besta prodigiosa” foi considerada um símbolo do continente americano ao longo de várias décadas, uma relação bem marcada no campo da cartografia. Embora tal visão terminasse por desaparecer no final do século XVII, a relutância dos estudiosos em encarar os marsupiais como um grupo de mamíferos dotado de características próprias – muito distintas daquelas dos placentários – resultaria em numerosas dúvidas e equívocos, alguns dos quais destinados a perdurar pelo menos até o começo do século XX.

Palavras-chave. Marsupial; Gambá; Reprodução; *Simivulpa*; Novo Mundo; “Viagens Andaluzas”; Vicente Yáñez Pinzón; Pietro Martire d’Anghiera; Martin Waldseemüller; Angelo Trevisiano; Fracanzano da Montalboddo; Alessandro Zorzi; Século XVI; Século XVII; História da Zoologia; Animais nas Artes; Animais nos Mapas.

Abstract. The discovery of marsupials and the “*simivulpa*”, a forgotten symbol of the New World. Subject to several controversies and speculations, the voyage of Vicente Yáñez Pinzón to the New World (1499-1500) led to the discovery of the first marsupial ever seen by an European. Described as a “monstrous beast” by the chronicler Pietro Martire d’Anghiera, this quadruped attracted great attention for having a pouch in its belly in which it carried its young. Based on this account, Martin Waldseemüller included a fanciful image of this mammal in his famous “*Carta Marina*” of 1516. Although more accurate figures and reports already existed in the first half of the 16th century, Martire d’Anghiera and Waldseemüller would define much of the later narratives and illustrations, being reproduced or adapted on numerous occasions. Under the name of “*simivulpa*” (“apish fox”), this “prodigious animal” was regarded as a symbol of the Americas for several decades, with a well marked presence in the cartography. Such a view finally disappeared at the end of the 17th century, but the reluctance of scholars to consider marsupials as a distinct group of mammals, with characteristics very different from those of placentals, has given rise to many doubts and misconceptions, some of which destined to persist at least until the beginning of the 20th century.

Keywords. Marsupial; Opossum; Reproduction; *Simivulpa*; New World; Andalusian Voyages; Vicente Yáñez Pinzón; Pietro Martire d’Anghiera; Martin Waldseemüller; Angelo Trevisiano; Fracanzano da Montalboddo; Alessandro Zorzi; 16th century; 17th century; History of Zoology; Animals in Art; Animals in Maps.

INTRODUÇÃO

Com as navegações do século XVI, os naturalistas da Europa foram surpreendidos pela descoberta de estranhos quadrúpedes peludos capazes de abrigar seus filhotes em uma bolsa localizada no ventre, característica destinada a lhes valer o apodo de “animais de bolsa” (“*animalia crumena-ta*”) ou “marsupiais”, alusões ao tradicional alforje de caçadores ou pastores conhecido como “*crumena*” e às sacolas chamadas pelos gregos de

“μαρσίπιον”, palavra latinizada pelos clássicos como “*marsupium*”⁽¹⁾. Em um primeiro momento,

¹ O marsúpio receberia diferentes designações, sendo denominado “útero exterior” (“*uterus exterior*”) por Pietro Martire d’Anghiera (1511), “bolsa” por Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1526), “sacola” (“*crumena*”) por Girolamo Cardano (1550), “útero anexo” (“*utero adnexum*”) por Pietro Bembo (1551), “pele subventral” (“*scortum subventrale*”) por Julius Caesar Scaliger (1557) e “bolsa debaixo da barriga” (“*scarsella sotto il ventre*”) por Girolamo Benzoni (1565). Em geral, as fontes portuguesas do século XVI citam “bolsa” ou “bolsa” (e.g. Gandavo, 1576), além de “antepeito” (Padre Francisco Soares, 1590 *in* Cunha, 1966). As descrições por vezes deixavam a desejar, havendo mesmo exemplos de assertivas fantasiosas que mencionavam a existência de uma bolsa dupla (e.g. Maffei, 1588).

Arq. Zool., 55(1): 1-64, 2024

<https://doi.org/10.11606/2176-7793/2024.55.1>
<https://www.revistas.usp.br/azmz>

Edited by: Joyce Rodrigues do Prado

Received: 11/10/2023

Accepted: 19/01/2024

Published: 03/06/2024

ISSN On-Line: 2176-7793

ISSN Printed: 0066-7870

ISNI: 0000-0004-0384-1825



as notícias acerca desses mamíferos estavam limitadas aos cuscuzes das "Molucas" (Phalangeridae) e aos gambás do Novo Mundo (Didelphidae), embora apenas esses últimos despertassem maior interesse por parte dos estudiosos da época⁽²⁾. Na verdade, os informes relativos às espécies do gênero *Phalanger* mostrar-se-iam vagos o suficiente para propiciar vários equívocos entre gambás e cuscuzes, que chegariam a ser considerados o mesmo animal⁽³⁾. Para autores como Girolamo Cardano, os Phalangeridae eram oriundos da "Etiópia", pátria de bestas fabulosas desde a Antigüidade clássica – opinião reafirmada cem anos depois pelo famoso jesuíta alemão Athanasius Kircher⁽⁴⁾.

De certo modo, tais desacertos ver-se-iam favorecidos tanto pela semelhança existente entre as antigas descrições dos Didelphidae e Phalangeridae, quanto pelo fato desses marsupiais terem sido encontrados no intervalo de poucas décadas durante o início do século XVI, quando as fronteiras entre a América e a Ásia permaneciam totalmente indefinidas. Remontando a antigas narrativas sobre a exploração portuguesa da Insulíndia, as menções acerca dos Phalangeridae costumam ser breves, caso do anônimo "Tratado de las Yslas de los Malucos" de 1536-1538⁽⁵⁾ e da "História do descobrimento e conquista da Índia", publicado por Fernão Lopes de Castanheda em 1554⁽⁶⁾. Em contraste, os comentários feitos por Gabriel Rebelo em 1561 apresentam-se muito mais detalhados⁽⁷⁾.

Ao contrário da obra de Castanheda, os demais documentos continuariam inéditos até data bastante recente. Essa ausência de textos impressos permitiria que a primeira imagem catalogada de um marsupial do Velho Mundo – um casal de cuscuzes retratado nos escritos de Gabriel Rebelo – permanecesse esquecida até bem pouco tempo (Fig. 1). Reforçada pela virtual inexistência de espécimens e de uma iconografia robusta, essas observações terminariam por mergulhar na indiferença freqüentemente dispensada aos registros dos animais de terras distantes presentes em fontes portuguesas. Os marsupiais do neotrópico, entretanto, seguiriam uma trajetória diversa inclusive por constituírem uma completa novidade, tendo surgido na Europa logo após o retorno de Vasco da Gama a Lisboa – quando a conquista do Oriente ainda ensaiava seus primeiros passos.

AS "VIAGENS ANDALUZAS" (1499-1506)

Palco da descoberta dos marsupiais, as chamadas "Viagens Andaluças" – ou "Viagens Menores" – guardam estreito vínculo com a terceira expedição de Colombo (1498-1500), sobre a qual existe ampla bibliografia⁽⁸⁾. Cabe, portanto, comentar apenas que o almirante genovês partiu do porto espanhol de Sanlúcar de Barrameda em 30 de maio de 1498 à frente de seis navios, tendo como objetivo imediato reforçar a presença espanhola nas possessões recém-estabelecidas e investigar a eventual existência de um grande continente ao sul das localidades percorridas nas duas investidas anteriores. Nas Canárias, alcançadas em 19 de junho do mesmo ano, três caravelas traçaram rota para o Caribe levando homens e suprimentos para a cidade de Santo Domingo em Hispaniola, enquanto o restante da frota prosseguiria para o arquipélago de Cabo Verde, de onde iniciaram a travessia rumo sudoeste em 4 de julho de 1498. Após atingir a ilha de Trinidad em 31 de julho, os navegantes exploraram o golfo de Pária e alguns pontos das penínsulas de Pária e Araya, litoral da Venezuela. Em 15 de agosto, Colombo bordejou a ilha Margarita rumo ao norte para ancorar na foz do rio Ozama, o porto de Santo Domingo, entre 19 e 20 de agosto de 1498. Em 18 de outubro, cinco embarcações seriam enviadas de volta à Espanha sob o comando de Giovanni Antonio – filho de Antonio Colombo, tio do Almirante – levando cartas para os Reis Católicos falando

² O mundo islâmico já detinha informações sobre os cuscuzes pelo menos desde o século IX, conforme sugere o célebre "Livro dos Animais" de al-Jahiz (Foltz, 2006; Souami, 1988). Quanto aos cangurus (Macropodidae), o primeiro registro feito por um europeu parece caber ao espanhol Diego de Prado y Tovar, que teria abatido um mamífero desse tipo – identificado como *Thylogale brunii* (Schreber, 1778) – na costa meridional da Nova Guiné durante o ano de 1606. Apesar de muito posterior às notícias sobre os Phalangeridae, essa observação antecede o informe de 1629 escrito pelo holandês François Pelsaert sobre um representante do gênero *Macropus* – provavelmente *Macropus eugenii* Desmarest, 1817. Para outros detalhes, vide Calaby (1965), Dawson (2012), Major (1859) e Stevens (1930).

³ Alcaide-Mor da fortaleza de Tidor nas Molucas, Gabriel Rebelo associaria os Phalangeridae às preguiças do Brasil (Bradypodidae), conforme consta em seu manuscrito de 1561 (*in Sá, 1955*; vide nota 7).

⁴ Segundo Cardano (1550), a "Etiópia" seria pátria de um animal com uma "bolsa no ventre, na qual ele carrega seus filhotes", enquanto as "Índias Ocidentais" possuiria um outro, "aparentado às doninhas", capaz de "carregar suas crias da mesma maneira" (vide nota 92). Embora utilize termos muito semelhantes, Kircher (1675) designa esse quadrúpede da "Etiópia" como "*alloleopithicum*" (*sic*; na verdade "αλλοπεκοπιθηκος", de "αλώπηξ" = raposa e "πιθηκος" = macaco) advertindo que o mesmo não deve ser confundido com a variedade do Novo Mundo.

⁵ "Há umas alimárias que parecem furões, algum tanto maiores: chamam-se cussos, de rabos compridos com que se dependuram pelas árvores, em que de continuo andam, dando com ele uma volta ou duas no ramo. Tem na barriga um bolso como antresolho; desde que pare cria aí o filho em uma mama, até que não há mester [de] ama; assim que gerado e criado a mãe anda pejada, e comem-nos como coelhos com seus sarmonejos" (*in Sá, 1988*). A autoria do "Tratado de las Yslas de los Malucos" permanece indefinida, apesar de ter sido muitas vezes atribuída a Antônio Galvão (vide Albuquerque, 1989, 1994a; Vilas Bôas, 2018). Segundo J.H. Calaby (*in* Flannery, 1994 e *in* Smith & Hume, 1984), esse "cusso" só poderia pertencer a *Phalanger orientalis* (Pallas, 1766).

⁶ "Há também nestas ilhas uns bichos como coelhos, que tem nas barrigas uns bolsos como aljabeiras, & quando parem metem neles os filhos, & co'eles dentro, sem lhe cairem, correm & saltam polas árvores, dumas em outras; estes se chamam cuços na língua da terra e são muito bons para comer" (Castanheda, 1551-1561).

⁷ De acordo com Sá (1955), existiriam duas versões do texto de Gabriel Rebelo, ambas depositadas na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa (Fundo Geral, códigos 923 e 199). Datada de 1561, essa "Historia das Ilhas de Maluco" parece ser cópia de um antigo original e discorre sobre os cuscuzes nos seguintes termos: "Há muitos bichos em todas as ilhas, a que chamão cuços, são de estranha feição, entre ratos, e coelhos, e o corpo mui piloso e áspero; tira a crespo e ruivo; e alguns a brancos. Tem grandes e redondos olhos, o rabo comprido, e sem pello; tem muita força; fedem muito a rapozinhos; trazem a barriga por o chão; os machos tem gran-

des companhões, e não se lhe sabe natura; as fêmeas, pelo conseguinte, não tem, nem gera dentro na barriga, como todas as mais alimárias; mas na abertura do embigo atrás; a qual abertura se não enxerga de fora e, aberta com a mão, fica de dentro, com o corpo inteiro, sem nenhuma quebradura, e sem pelo; e tem no meio huma tripinha, por onde se cria a criança; a qual tem pegada em sua boca, e assim cresce, até ser para parir, ou despedir o filho, e sempre he um só; o qual se torna ali a recolher, cada vez, como em ninho, até a mãe o acabar de deitar de si; a qual se mantém do fruto das árvores, e sobe mui alto, por todas elas, e dependura-se por o rabo, e o filho sempre dentro, sem cair; e não tem casa na terra, senão nas mesmas árvores, entre o musgo delas. Dizem alguns que há estes no Brazil, e lhe chamão preguiça". Sem data conhecida, a segunda variante seria mais recente e constitui uma versão abreviada do texto anterior. Vide também Thomaz (2003).

⁸ As viagens de Colombo deram origem a uma bibliografia particularmente copiosa cuja análise escapa aos objetivos aqui propostos. A título de referência, mencionaríamos os trabalhos de Bartolomé de las Casas (1875-1876), Bedini (1992), Beretta (1945), F. Colombo (1892), Morison (1954, 1963, 1971-1974), Navarrete (1825-1837), Sauer (1966) e Varela (1984).

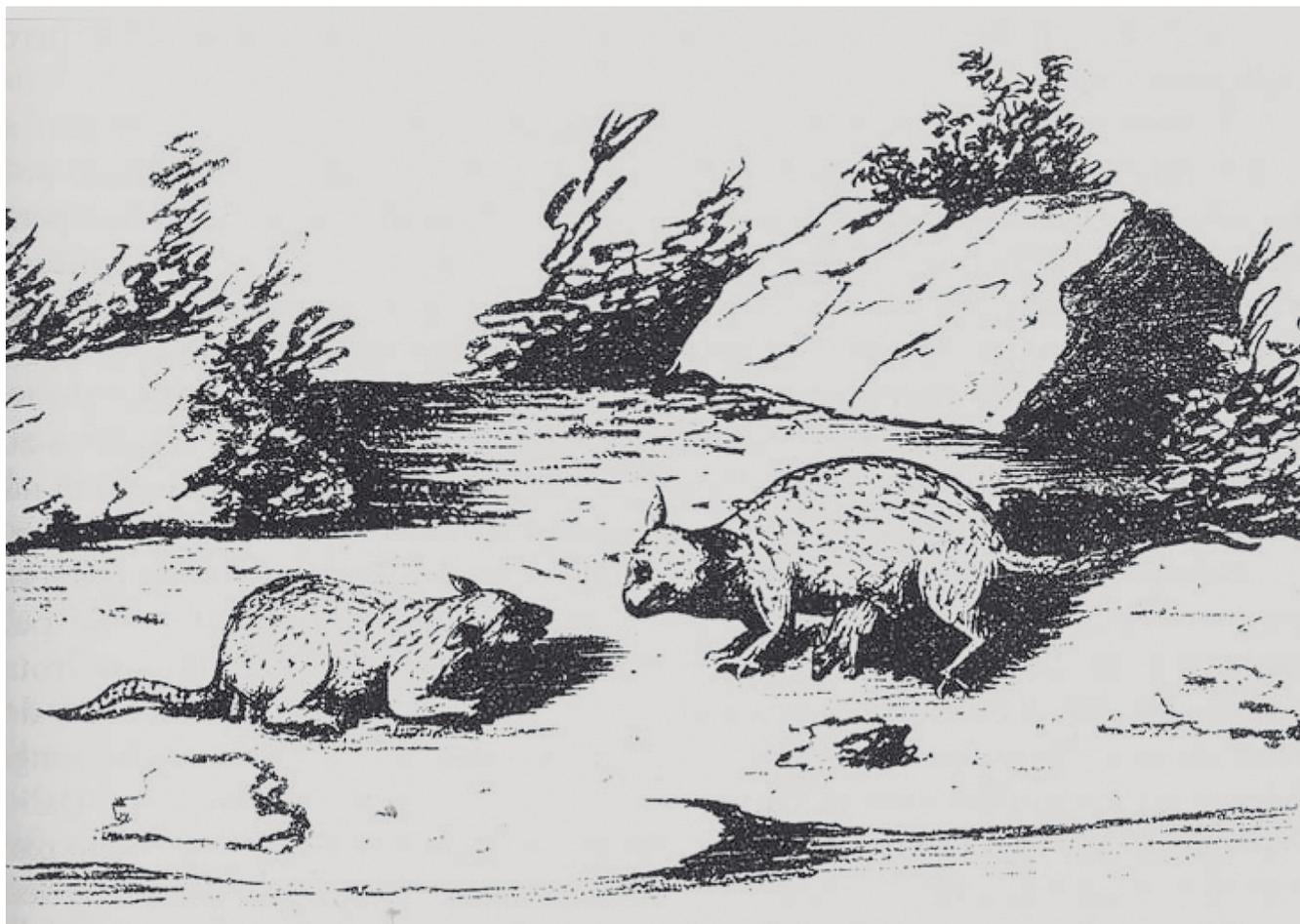


Figura 1. Casal de cuscuzes (Phalangeridae). Desenho a lápis da "História das Ilhas de Maluco" de Gabriel Rebelo, manuscrito datado de 1561 (in Thomaz, 2003).

Figure 1. Pair of cuscuses (Phalangeridae). Pencil drawing of "História das Ilhas de Maluco" by Gabriel Rebelo, manuscript dated 1561 (in Thomaz, 2003).

da rebelião liderada pelo Alcaide-Mor Francisco Roldán⁽⁹⁾ e das novas terras encontradas, além de 600 indígenas escravizados e mais de 1,36 kg de "aljôfar miúdo ou grosso com muitas boas pérolas entre ele"⁽¹⁰⁾.

A sucessão de eventos terminaria por tornar imperativa a decisão de abolir os consideráveis privilégios de Colombo outorgados pela "Capitulação de Santa Fé" (1492) e estabelecer um efetivo controle do poder reinante sobre os domínios do Novo Mundo, cujos limites apresentavam-se cada vez mais dilatados. Não surpreende, portanto, que o virtual monopólio das navegações exercido pelo Almirante fosse questionado através da "Real Provisão" assinada em 10 de outubro de 1495, a qual permitia a realização de "viagens de descobrimento e resgate", ou seja, incursões privadas de aventureiros interessados em alcançar novos territórios e explorar suas riquezas – em particular ouro, prata, pedras preciosas e pérolas. Ape-

sar de contestada, essa licença seria posta em prática no ano de 1499 com as primeiras "Viagens Andaluzas", assim chamadas devido à origem de boa parte dos marinheiros e armadores envolvidos⁽¹¹⁾. Destituído do cargo de Governador e Vice-Rei das Índias, Colombo terminaria por perder as mercês concedidas anteriormente, levando seus herdeiros a mover intrincadas ações judiciais contra a Coroa – os ditos "pleitos colombinos". Tal disputa seria encerrada apenas 1536 mediante o pagamento de uma pensão anual e a concessão de títulos nobiliárquicos⁽¹²⁾.

Embora terminassem por percorrer um vasto espaço compreendido entre a embocadura do Orenoco e o golfo do México, os marinheiros andaluzes seguiriam basicamente a mesma rota do terceiro itinerário de Colombo – ao qual foi negado qualquer direito sobre as descobertas efetuadas na costa sul-americana⁽¹³⁾. Malgrado tenha havido onze dessas expedições entre 1499 e 1506 (Tabela 1), aquela efetuada por Vicente Yáñez Pinzón

⁹ Em 1497, Francisco Roldán insurgiu-se contra o desastroso governo de Colombo e sua parentela, levando favorecido pela dura realidade vivida nos assentamentos espanhóis. Escolhido pelos Reis Católicos como juiz encarregado de investigar as acusações feitas de parte a parte, Francisco de Bobadilla foi nomeado Governador das Índias em 21 de maio de 1499, desembarcando em Santo Domingo a 23 de agosto de 1500. No começo de outubro de 1500, Colombo e seus irmãos Bartolomeo e Diego seriam embarcados a ferros para a Espanha, enquanto Bobadilla daria lugar ao novo governador Nicolás de Ovando em 3 de setembro de 1501. Para maiores detalhes, vide Bartolomé de las Casas (1875-1876), Julián (2015) e Varela (2006).

¹⁰ Conforme Bartolomé de las Casas (1875-1876) e López de Gómara (1552). Para outros comentários e informações sobre a pesca de pérolas no Novo Mundo durante a primeira metade do século XVI, vide Acosta (2011), Donkin (1998), Martire d'Anghiera (1530) e Mosk (1938).

¹¹ Para maiores detalhes sobre as "Viagens Andaluzas", vide Araguás (2005), Chaves & Ortiz (1991), Irving (1883), Ochoa (2014), Ramos (1981), Sauer (1966) e Vigner (1976).

¹² Vide nota 16.

¹³ Nas palavras de Vigner (1976), as "Viagens Andaluzas" constituíam uma óbvia violação dos privilégios concedidos a Colombo em 1492. Não obstante, o Rei Fernando de Aragão – "um dos homens mais astutos e inescrupulosos de seu tempo" – acolheria de bom grado o capcioso argumento de que o Almirante não havia desembarcado e tomado posse pessoalmente das terras descobertas, tendo permanecido a bordo por estar enfermo. Refutada por diversos testemunhos, tal alegação tornar-se-ia um dos principais pontos de discórdia observados nos "pleitos colombinos". Vide nota 16.

Tabela 1. As "Viagens Andaluzas" de 1499-1506¹.

Table 1. Andalusian Voyages from 1499-1506¹.

PARTICIPANTES	PARTIDA	RETORNO
Alonso de Hojeda Juan de la Cosa Amerigo Vepucci	18 de maio 1499	Junho de 1500
Peralonso Niño Cristóbal Guerra	Junho de 1499	Abril de 1500
Vicente Yáñez Pinzón	Entre novembro e dezembro de 1499	30 de setembro de 1500
Diego Lepe	Dezembro de 1499	Julho de 1500
Alonso Vélez de Mendonça Luis Guerra	Agosto de 1500	Junho de 1500
Cristóbal Guerra Diego Rodríguez de Grajeda	Final do verão de 1500 ²	Novembro de 1501
Rodrigo de Bastidas Juan de la Cosa	Outubro de 1500	Setembro de 1502
Alonso de Hojeda Juan de Vergara García de Campos	Janeiro de 1502	Verão de 1503 ²
Cristóbal Guerra Luis Guerra	Entre maio e julho de 1504	Morreram na viagem
Juan de la Cosa Pedro de Ledesma	Setembro de 1504	Março de 1506
Alonso de Hojeda Pedro de la Cueva	Junho de 1505	Estabelecidos em Hispaniola

¹ Modificada de Vigneras (1976).

² Trata-se do verão boreal.

(1499-1500) seria a única de fato relevante para efeito do presente ensaio, correspondendo ao exato momento da descoberta dos marsupiais pelos europeus.

A exemplo do observado em relação às demais "Viagens Andaluzas", as informações sobre a jornada de Pinzón mostram-se escassas e fragmentárias, derivando de poucas fontes. Além de alguns poucos documentos oficiais⁽¹⁴⁾, do mapa-múndi de Juan de la Cosa⁽¹⁵⁾ e dos depoimentos ouvidos durante o processo movido por

¹⁴ Datado de 5 de setembro de 1501, um dos documentos mais esclarecedores a esse respeito nomeia Vicente Yáñez Pinzón como capitão e governador das terras descobertas, fornece vagos detalhes sobre a expedição e relaciona os topônimos conferidos a alguns dos acidentes geográficos. Também são dignos de nota dois diplomas legais destinados a garantir os direitos de Pinzón e de seus sobrinhos Arias Pérez e Diego Fernández, a saber uma "Provisão Régia" de 5 de dezembro de 1500 e uma "Executória" lavrada em 21 de junho de 1500. O texto completo ou parcial dessas fontes oficiais encontra-se disponível em Guedes (1975), Lopez del Prado (1859), Manzano & Fernández-Heredia (1988), Navarrete (1825-1837, 1923), Oliveira (1974) e Silva (1861). Para maiores detalhes sobre a biografia dos irmãos Martín Alonso, Francisco Martín e Vicente Yáñez Pinzón, consulte-se autores como Asensio y Toledo (1892), Bartolomé de las Casas (1875-1876), Duro (1892), Herrera y Tordesillas (1601-1615), Manzano & Fernández-Heredia (*op. cit.*), Navarrete (*op. cit.*) e Oviedo y Valdés (1535).

¹⁵ Concluído em Puerto de Santa Maria durante o ano de 1500 (*teste Leite, 1958-1960*), esse misterioso planisfério estaria baseado tanto nas observações pessoais acumuladas pelo próprio Juan de la Cosa durante as viagens de Colombo e Hojeda, quanto nos testemunhos prestados por outros aventureiros da época. Considerada indiscutível por certas fontes (*e.g.* Varnhagen, 1854), a real contribuição de Vicente Yáñez Pinzón ainda permanece indefinida, pois seu retorno à Espanha em 30 de setembro de 1500 antecederia em poucos dias a partida de Rodrigo de Bastidas para o Novo Mundo, frota na qual Juan de la Cosa ocupava o posto de principal piloto (Bartolomé de las Casas, 1875-1876). Como o navegador biscaíno só retornaria em setembro de 1502, parece razoável supor que o mapa em questão foi elaborado entre o seu retorno à Europa no final da segunda viagem de Colombo (junho de 1496) e o novo embarque para as Índias na armada de Bastidas (outubro de 1500). Movidos pela inabalável crença de Juan de la Cosa ter incorporado as descobertas levadas a cabo por Pinzón, autores como Varnhagen (*op. cit.*) ver-se-iam obrigados a postergar a finalização dessa carta geográfica para a primeira semana de outubro do ano de 1500. Entretanto, de acordo com o estudo levado a cabo por Guedes (1975), o traçado do litoral sul-americano presente no mapa de Juan de la Cosa refletiria sobretudo o trajeto das expedições de Alonso de Hojeda e Diego de Lepe, havendo poucos topônimos passíveis de serem atribuídos a Pinzón.

Dom Diego Colombo⁽¹⁶⁾, chamam a atenção os testemunhos de cronistas como Antônio Galvão, Bartolomé de las Casas, La Popelinière, López de Gómara, Antonio de Herrera y Tordesillas e Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés⁽¹⁷⁾. Ademais, as célebres "Décadas" de Pietro Martire d'Anghiera são consideradas por muitos como uma referência incontornável sobre o assunto, apesar de incluírem numerosas contradições e incongruências, além de acréscimos inseridos ao longo do tempo.

PIETRO MARTIRE D'ANGHIERA E AS "DÉCADAS DO NOVO MUNDO"

Membro de uma família procedente de Anghiera, cidade situada às margens do Lago Maggiore, Lombardia, Pietro Martire teria nascido na vizinha Arona no dia 2 de fevereiro de um ano qualquer entre 1455 e 1459. Em 1477, ainda como estudante, viajaria para Roma a fim de prosseguir e aperfeiçoar seus estudos clássicos, destacando-se a ponto de ser designado como secretário do Governador Francesco Nero. Introduzido nos círculos eruditos graças ao amparo do Cardeal Ascanio Sforza, o jovem Pietro Martire permaneceria na cidade por mais dez anos, aperfeiçoando seus conhecimentos e construindo um sólido círculo de amizades. Em 1487 optaria por transferir-se para a Espanha a convite de Dom Juan Íñigo López de Mendonza, Conde de Tendilla e embaixador espanhol junto à Santa Sé, sendo apresentado aos Reis Católicos em 13 de novembro. Meses mais tarde, trocaria a oferta da Rainha Isabel de se ocupar com a educação dos jovens nobres pela campanha militar contra os infiéis, tendo uma participação discreta nos cercos de Baza (1489) e de Granada (1491), último bastião mouro em terras ibéricas.

Ao perceber como a carreira religiosa facilitaria sua trajetória, Pietro Martire preferiu abraçar o sacerdócio, sendo escolhido capelão da Rainha Isabel em 1492. Em junho desse mesmo ano, tornar-se-ia responsável pelo ensino dos jovens cavaleiros da corte espanhola, assumindo o cargo de contínuo da casa real com um estipêndio de 30.000 maravedis por ano. Em 1501, desempenharia com grande sucesso uma difícil missão diplomática junto ao Sultão do Egito Kan-suh el Churi, o qual ameaçava lançar severas represálias contra os cristãos, sobretudo aqueles que viviam nos lugares sagrados da Palestina. No ano seguinte, após seu regresso do norte da África, seria recompensado com o posto de mestre dos cavaleiros, ob-

¹⁶ Por quase três décadas, os herdeiros de Colombo acionariam judicialmente a Coroa em defesa dos privilégios outorgados em abril de 1492 pela "Capitulação de Santa Fé". Iniciado em 1508 por Dom Diego Colombo – primogênito do Almirante – esse processo envolveria os participantes das "Viagens Andaluzas", pois os direitos sobre os territórios sul-americanos constituíam parte do litígio. A fim de estabelecer a verdade dos fatos, as partes envolvidas tomariam o testemunho daqueles que haviam participado das primeiras navegações ao Novo Mundo, convocados a responder diversas perguntas elaboradas pelos fiscais da coroa (as chamadas "Probanzas del Fiscal") e várias outras propostas pelo filho de Colombo (as "Probanzas del Almirante"). Como Vicente Yáñez Pinzón, Diego de Lepe e seus companheiros estavam entre os ouvidos, alguns depoimentos revelam-se de certa valia para estabelecer o itinerário das expedições de 1499-1500. Para maiores detalhes, vide Armillas (2005), Colón de Carvajal (2016), Fernández (1987), Guedes (1975), Leite (*in* Dias, 1921-1924), Muro Orejón (1967-1989), Navarrete (1825-1837), Ramos (1981), Rumeu de Armas (1985) e Vigneras (1976).

¹⁷ Vide Bartolomé de las Casas (1875-1876), Galvão (1563), Herrera y Tordesillas (1601-1615), La Popelinière (1582), López de Gómara (1552) e Oviedo y Valdés (1535).

tendo a indicação da própria Rainha Isabel para o priorado de Granada em 1503. A morte da soberana, ocorrida em 1504, não afetaria o crescente prestígio do cronista italiano junto a Fernando de Aragão, ao Cardeal Jiménez de Cisneros e ao futuro imperador Carlos V, privilégio capaz de levá-lo a ser nomeado conselheiro da Junta das Índias em 1518, Cronista de Castela em 1520 e membro do Supremo Conselho das Índias em 1524. Agraciado pelo Papa com o título de Arcipreste de Ocaña em 1523, no ano seguinte foi indicado Abade da Jamaica por Carlos V, mas nunca exerceu tal posição. Velho e cansado, morreria na cidade de Granada em outubro de 1526⁽¹⁸⁾.

A breve biografia apresentada basta para caracterizar Pietro Martire como um típico cortesão italiano criado nos luxos e intrigas da cúria romana, um político culto e arguto o suficiente para perceber o importante papel exercido pela Igreja na formação do Estado espanhol e entregar-se ao sacerdócio por mera conveniência pessoal. Sua obra, portanto, também deve ser entendida como fruto de uma refinada estratégia construída em torno do grande apreço e insaciável curiosidade dos poderosos por segredos de gabinete e novidades exóticas. Em certo sentido, semelhante circunstância parece ser capaz de explicar algumas peculiaridades das "Décadas", que podem ser vistas tanto como um desalinhado acúmulo de informações, quanto um autêntico meio termo entre o memorial histórico e o típico "livro de viagens" tão apreciado pelos renascentistas.

Encarado como assunto absolutamente secundário em um primeiro momento, as "Índias Novas" iriam ganhar corpo nos escritos de Pietro Martire na exata medida do interesse manifestado por certos personagens de relevo, os quais se demonstrariam cada vez mais atentos às riquezas e surpreendentes descobertas vindas do outro lado do oceano⁽¹⁹⁾. No esforço de atender seus correspondentes e consolidar a invejável posição de interlocutor privilegiado, o hábil cronista italiano não pouparia esforços na tentativa de registrar o testemunho daqueles que retornavam das terras distantes, além de descrever os mais variados produtos trazidos de além-mar, por vezes remetendo amostras selecionadas para os amigos mais influentes⁽²⁰⁾. Com o passar do tempo, Pietro Martire conquistaria a fama de grande entendido em assuntos do

Novo Mundo sem jamais ter deixado a Europa, paradoxo capaz de despertar virulentas críticas de alguns dos seus contemporâneos⁽²¹⁾. Apesar de tudo, as "Décadas" revessem-se de inegável importância por constituir o primeiro esboço de uma história da América, tendo obtido numerosas reimpressões e traduções até os dias de hoje⁽²²⁾.

A escolha do Novo Mundo como tema principal dos textos de Pietro Martire em nada facilitaria a elaboração das oito "Décadas" destinadas a compor o futuro "De Orbe Novo", cuja conclusão tardaria nada menos de 32 anos. Segundo consta, semelhante esforço teria sido encarado como um autêntico estorvo pelo próprio autor, cada vez mais asoberbado com as lides políticas e a manutenção de uma volumosa correspondência. Não surpreende, portanto, estar a primeira "Década" composta por passagens escritas ao longo de 17 anos (1493-1510), pois seus dois livros iniciais remontam a 13 de novembro de 1493 e 29 de abril de 1494, enquanto o terceiro viria à luz seis anos mais tarde, estando datado de 23 de abril de 1500. Em 1501, Pietro Martire daria sua tarefa por encerrada ao finalizar os sete livros restantes, decisão alterada em 1510 graças ao acréscimo de mais um capítulo, imaginado como um novo livro décimo da primeira "Década", mudança que acarretaria a fusão do anterior ao livro nono. A segunda e terceira "Décadas" teriam custado um esforço menos irregular, referindo-se respectivamente aos anos de 1514 e 1516, enquanto as cinco últimas seriam elaboradas entre 1520 e 1525⁽²³⁾. A viagem de Vicente Yáñez Pinzón ao Brasil encontra-se descrita no livro nono da primeira "Década", havendo raras referências sobre pontos geográficos pertinentes e eventos correlatos nos demais trechos da obra.

Grças à colaboração involuntária de Domenico Pisani, Embaixador da República de Veneza junto à corte dos Reis Católicos, o texto da primeira "Década" seria objeto de duas publicações não autorizadas já nos albores do século XVI. Com efeito, ao chegar à Espanha no ano de 1500, Pisani traria consigo um secretário de nome Angelo Trevigiano, que havia prometido remeter notícias acerca das novas terras recém-descobertas para Domenico Malipiero, seu amigo e protetor. No intuito de cumprir semelhante tarefa, esse auxiliar travaria relações com o próprio Cristóvão Colombo e também com Pietro Martire, então empenhado em reunir material sobre o assunto. Entre agosto e dezembro de 1501, Trevigiano enviaria a Malipiero quatro cartas com a descrição das três pri-

¹⁸ Para maiores detalhes sobre a vida do cronista italiano, consulte-se Lunardi *et al.* (1988), Mariéjol (1887), Martínez (1949), O'Gorman (1972), Olmedilla de Pereiras (1974), Pennesi (1894), Rodríguez-Sala (1994) e Salas (1986), bem como as notas e/ou comentários de J.T. Arocena (*in Martire d'Anghiera*, 1944), J.T. Asensio (*in Martire d'Anghiera*, 1892), T. Celotti (*in Martire d'Anghiera*, 1930), P. Gaffarel (*in Martire d'Anghiera*, 1907), e E. O'Gorman (*in Martire d'Anghiera*, 1964).

¹⁹ Segundo as fontes disponíveis, semelhante transição ocorreria de forma muito rápida, pois o Novo Mundo já ocupava uma posição central nos escritos de Pietro Martire em 1494. Na verdade, a crescente avidez por qualquer rumor sobre as "Índias" recém-descobertas encontra-se bem marcada tanto no texto das "Décadas" quanto na sua correspondência privada. Com bem-humorada malícia, o cronista italiano chegaria a comentar que – mesmo a contragosto – teria de prosseguir escrevendo as "Décadas" para "não ser excomungado" (Martire d'Anghiera, 1670).

²⁰ A julgar pelo relato das "Décadas", Pietro Martire teria examinado artigos tão distintos como pepitas de ouro, pedaços de obsidiana e de âmbar, sementes e cascas de diversos vegetais, milho, pimenta da terra, madeira de aloé, especiarias trazidas do Oriente, batatas, uvas silvestres de Cuba, supostos fragmentos de canela e gengibre, pérolas de Pária e animais diversos, bem como nativos do Novo Mundo levados para a Corte, ídolos dos naturais de Cuba e Hispaniola, códices mexicanos, objetos de adorno, vestimentas, jóias e armas. Para o Cardeal Ascanio Sforza enviaria ídolos cubanos, amostras de milho, pimenta, obsidiana e várias sementes,

enquanto o Papa Leão X receberia ramos de craveiro-da-índia trazidos por Sebastian el Cano a bordo do "Victoria", único navio sobrevivente da frota de Fernão de Magalhães.

²¹ Um dos exemplos mais acabados dessas críticas pertence à famosa "Historia general y natural de las Indias", onde o experimentado cronista Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés mostra sua indignação com os erros e imprecisões cometidos por Pietro Martire ao comentar que "por certo yo veo cosas escriptas desde España destas indias que me maravillo de los que osaron los auctores decir dellas, arrimados a sus elegantes estilos, seyendo tan desviados de la verdad como el cielo de la tierra; y quedan disculpados con decir: así lo oí, e aunque no lo vi, entendi de personas que lo vieron e dieron a entender; de manera que se osó escribir al Papa e a los Reyes e príncipes extraños" (Oviedo y Valdés, 1535). Maiores considerações acerca dessa irreconciliável antipatia podem ser obtidas em Gerbi (1975).

²² Vide Martire d'Anghiera (1907, 1930, 1944, 1945, 1964).

²³ Para maiores detalhes sobre a obra de Pietro Martire, consultem-se os comentários e bibliografias organizadas por A.M. Carlo (*in Martire d'Anghiera*, 1945), S. Conti (*in Martire d'Anghiera*, 1988) e J.H. Sinclair (*in Martire d'Anghiera*, 1944, 1964).

meiras viagens de Colombo, além da narrativa referente às expedições de Alonso Niño e Vicente Yáñez Pinzón⁽²⁴⁾.

Ao oferecer tais documentos ao Senado, Domenico Malipiero despertaria o interesse do editor Albertino Vercellese da Lisona, o qual publicaria os escritos de Trevigiano em 1504 sob o título de "Libretto de tutta la navigazione de Re de Spagna de le Isole et Terreni novamente trovati"⁽²⁵⁾. Pouco depois, Fracanzano da Montalboddo incluiria o "Libretto" no "Paesi novamente ritrovati. Et Novo Mondo da Alberico Vespuccio Florentino intitolato", uma coleção de viagens datada de 1507. Ao contrário do ocorrido com o "Libretto", a obra de Montalboddo logo se converteu em um autêntico sucesso, sendo reimpressa e traduzida para outros idiomas durante os anos seguintes⁽²⁶⁾. Em 1516, quando denunciou o uso abusivo de seus originais, Pietro Martire cometeria o equívoco de atribuir a responsabilidade do plágio realizado a Alvisi da Cadamosto, talvez por conhecer apenas o "Paesi novamente ritrovati" – cujo primeiro capítulo está dedicado à viagem efetuada por Cadamosto no Cabo Verde e Senegal a mando do Infante Dom Henrique, irmão do Rei de Portugal⁽²⁷⁾. Desprezadas as versões italianas do "Libretto" e do "Paesi", a primeira "Década" só viria à luz em Sevilha no ano de 1511, constituindo parte integrante de uma coletânea de trabalhos de Pietro Martire intitulada "P. Martyris Anglerii mediolanensis opera. Legatio Babylonica. Oceani Decas. Poemata. Epigrammata", cujo lançamento teria contrariado o desejo do próprio autor⁽²⁸⁾. Abarcando as três primeiras "Décadas", a primeira edição autorizada – as "De Orbe Novo Decades" – surgiria em 1516 na cidade de Alcalá, ao passo que o texto integral das oito "Décadas" ganharia corpo apenas em 1530 – portanto quatro anos após a morte do cronista italiano – como "De Orbe Novo Petri Martyris ab Angleria Mediolanensis Protonotarii Cesaris senatoris Decades"⁽²⁹⁾.

²⁴ O relato sobre a viagem de Pinzón estaria incluído na quarta carta, escrita em dezembro de 1501 (Berchet, 1892-1896). Entre 1497 e 1498, Angelo Trevigiano – ou Trevisan – esteve a serviço do almirante Domenico Malipiero, comandante da armada veneziana e cronista. Enviado à Espanha, serviu como secretário e chanceler dos embaixadores Domenico Pisani (1501) e Vincenzo Quirini (1503-1507). Terminaria sendo designado para a Chancelaria Ducal em 1508, mas faleceu pouco depois de voltar para Veneza (Berchet, 1891, 1892-1896; Donazzolo, 1929; Lucchetta, 1980).

²⁵ Vide Trevigiano (1504). A julgar pelos comentários de Moraes (1983), o "Libretto" teria sido impresso apenas uma vez, permanecendo esquecido por mais de duzentos anos até ser mencionado na "Della letteratura veneziana" de Foscarini (1752), enquanto outros autores mencionam a existência de uma desaparecida edição de 1502 (Aricò, 1993). Até meados do século passado, esse folheto de extrema raridade era conhecido de apenas três exemplares pertencentes a coleções européias e norte-americanas. Para maiores detalhes, comentários e reproduções parciais ou completas do original, vide Airdi & Formisano (1996), Aricò (*op. cit.*), Cro (2009), Eatough (1998), Fernández-Armesto (1992), Gerulewicz (1974), Sanz (1960), Symcox (2002), Symcox & Rabitti (2001), Thatcher (1903-1904) e Wroth (1930).

²⁶ Vide Montalboddo (1507, 1508, 1512, 1517, 1519), bem como as traduções para o latim, francês, alemão e inglês de Eden (1555), Grynaeus (1532), Madrignano (1508), Redover (1515) e Ruchamer (1508). A autoria do "Paesi novamente ritrovati" foi atribuída por Humboldt (1814-1834) ao veneziano Alessandro Zorzi, questão que continua gerando várias discussões mesmo nos dias de hoje (e.g. Airdi & Formisano, 1996; Almagià, 1936; Ankenbauer, 2010; Grieb, 2007; Laurenich-Minelli, 1985; Leporace, 1966; Rodrigues, 1906). Muito interessado nas viagens ultramarinas de Portugal e Espanha, Zorzi deixaria alguns manuscritos, além de anotações e desenhos acrescentados em textos impressos.

²⁷ Vide Cro (1998, 2003) e Moraes (1983).

²⁸ Vide Martire d'Anghiera (1511). Além do texto da primeira "Década", essa coletânea incluiria uma versão ampliada dos três informes apresentados por Pietro Martire aos Reis Católicos dando conta de sua missão diplomática ao Egito ("Legatio Babylonica"), bem como uma série de poemas ("Poemata") e epigramas diversos ("Epigrammata").

²⁹ Vide Martire d'Anghiera (1516, 1530).

A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN (1499-1500) E A DESCOBERTA DOS MARSUPIAIS

A julgar pelas "Décadas" e demais registros, Pinzón teria partido do porto de Palos entre novembro e dezembro de 1499⁽³⁰⁾ com quatro pequenas caravelas construídas a sua custa, tendo como capitães os sobrinhos Diego Fernandes Colmenero e Arias Pinzón (ou Arias Pérez), além de vários outros parentes e amigos. Com o auxílio dos pilotos Alonzo Núñez, Juan de Jerez, Juan de Umbria e Juan Quintero Príncipe – os três últimos veteranos das viagens de Colombo – a flotilha dirigiu-se primeiro para as Canárias e depois para o arquipélago do Cabo Verde, iniciando a travessia do Atlântico na primeira quinzena de janeiro de 1500 ao largo da ilha de Santiago⁽³¹⁾. Seguindo para sudoeste, os navegantes percorreriam 300 léguas, quando perderam de vista a estrela polar e enfrentaram uma terrível tempestade. Teriam atingido terra firme 240 léguas⁽³²⁾ adiante no dia 26 de janeiro⁽³³⁾, batizando o primeiro acidente geográfico registrado como "cabo de Santa Maria de la Consolación" (ou "cabo de la Consolación")⁽³⁴⁾. Depois de tomar posse dessas paragens desconhecidas e de gravar seus próprios nomes, os dos Reis Católicos e a data do acontecimento em árvores e rochedos⁽³⁵⁾, a expedição chegaria a um rio que chamaram de "Fermoso"⁽³⁶⁾ e à foz de um segundo curso d'água onde foi chantada uma cruz⁽³⁷⁾.

³⁰ De acordo com o autor considerado, Pinzón teria partido de Palos a 13 de novembro (Galvão, 1563; López de Gómara, 1552), 18 de novembro (Grynaeus, 1532; Montalboddo, 1507), nas calendas de dezembro (i.e. entre 14 de novembro e 1º de dezembro; Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530), no princípio de dezembro (Bartolomé de las Casas, 1875-1876) ou no final de dezembro (Charlevoix, 1736).

³¹ A data do início da travessia varia entre os dias 6 ("Codex Trevisan" e "Manuscrito di Ferrara", vide Anexos 1 a 4) e 13 de janeiro (Bartolomé de las Casas, 1875-1876; Herrera y Tordesillas, 1601-1615).

³² Cerca de 1.774,80 km e 1.419,84 km respectivamente. Vide nota 128.

³³ A data do avistamento estaria entre os dias 20 (Montalboddo, 1507, bem como o "Codex Trevisan" e o "Manuscrito di Ferrara", vide Anexos 1 a 4) e 26 de janeiro (Bartolomé de las Casas, 1875-1876; Charlevoix, 1736; Herrera y Tordesillas, 1601-1615; Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530).

³⁴ Conforme bem observou Rodolfo García (*in* Varnhagen, 1927), tal evento poderia ter ocorrido em 2 de fevereiro, celebração da festa de Santa Maria, pois os navegantes da época muitas vezes guardavam o costume de nomear os acidentes geográficos conforme o santo do dia. Vide notas 36 e 47.

³⁵ Não poderia passar sem registro o curiosíssimo relato de Oliveira (1969), o qual menciona haver, na cidade de Camocim, certos "rumores" sobre um determinado lajeado situado "no lado oeste-sudoeste de Jurucoacoara" marcado com "letras, inclusive uma data com dia, mês e ano de 1500".

³⁶ O acidente geográfico denominado de "Fermoso" ou "Hermoso" ("fornoso" em português) constituiu um enigma particularmente intrincado, pois a "Capitulação" de 1501 (*in* Lopez del Prado, 1859) limita-se a designar como "Rosto hermoso" uma falésia ou um cabo (talvez o mesmo "cabo de Santa Maria de la Consolación"), enquanto o mapa de Juan de la Cosa parece assinalar tanto um "P. Fermoso" quanto um "Ro F", possíveis abreviaturas de "Puerto Fermoso" e "Rio Fermoso" ou "Rosto Fermoso" (Guedes, 1975; Leite *in* Dias, 1921-1924; Oliveira, 1969). Na verdade, algumas reproduções do mapa de Juan de la Cosa contêm apenas a notação "P. Fermoso" ao passo que outras também mostram um "Ro F". Bastante mutilada por um rasgão no original, essa última legenda continua sendo motivo de controvérsia, havendo aqueles capazes de interpretá-la como "Ro S", abreviatura do mesmo "Rio San lique" presente no chamado "Portulano de Egerton" de 1508 (e.g. Oliveira, *op. cit.*). Dependendo da fonte consultada, essas referências podem dizer respeito à Ponta de Jericoacoara (o "Rosto hermoso" de Varnhagen, 1854), ao rio Curu (o "Rio Fermoso" de Guedes, *op. cit.*) ou à enseada de Mucuripe (o "Puerto Fermoso" de Oliveira, *op. cit.*).

³⁷ Vários autores concordam em identificar esse curso d'água como o rio Camocim, chamado por alguns de Coreau (e.g. Guedes, 1975; Oliveira, 1969). O cruzeiro em questão seria avistado por Diego de Lepe pouco tempo depois, ao passo que o curso d'água correspondente encontra-se localizado no mapa de Juan de la Cosa como o "ro do se falla una cruz". Também na carta do Novo Mundo pertencente à "Oceani Decas" existe um ponto assinalado como "c. de cruz" (Martire d'Anghiera, 1511).

Sem encontrar os tesouros esperados e entrando em choque com indígenas belicosos, os marinheiros velejavam por mais 40 léguas⁽³⁸⁾ até deparar-se com um surpreendente "mar de águas doces"⁽³⁹⁾. Ao investigar a origem desse fenômeno, descobriram um enorme estuário com numerosas ilhas, região denominada "Mariatambal"⁽⁴⁰⁾ por seus pacíficos habitantes, apresando 36 deles como escravos. Nessa localidade, os barcos de Pinzón não apenas sofreriam o efeito da pororoca⁽⁴¹⁾ como seriam alcançados pelas embarcações de Diego de Lepe⁽⁴²⁾. Recobrando a visão da estrela polar após terem sido obrigados a avançar rumo norte pelo traçado da costa, as caravelas continuariam a bordejar o litoral sul-americano ao longo da província de Pária. Em algumas das ilhas visitadas, carregaram os navios com paus-de-tinta e cassiafístula⁽⁴³⁾. As árvores eram muito encorpadas e entre elas topavam com um "animal monstruoso" que possuía no ventre uma bolsa onde abrigava seus filhotes, o qual foi capturado e levado para a Espanha. Continuaram na direção de Hispaniola, onde aportaram no dia 23 de julho.

Prosseguindo em sua derrota pelo Caribe, seriam assaltados por uma fortíssima tempestade e terminaram reduzidos a duas embarcações, uma bastante avariada⁽⁴⁴⁾. Após enfrentar uma arriscada viagem de volta, os sobreviventes atracariam no porto de Palos em 30 de setembro de 1500. Além de perder metade da frota e boa parte dos tripulantes, essa aziaga empresa revelar-se-ia um completo fracasso em termos econômicos⁽⁴⁵⁾.

No que concerne à navegação de Vicente Yáñez Pinzón, as "*Oceani Decas*" de 1511, as "*De Orbe Novo Decades*" de 1516 e 1530 apresentam discrepâncias por vezes expressivas em termos de conteúdo. Exemplos das mudanças sem grandes conseqüências estariam na designação conferida às ilhas do Cabo Verde, chamadas de "Cassitéridas" em 1511 e "Hespérides" em 1516, ou na listagem das localidades assinaladas entre Pária e Cartagena das Índias, pois a versão de 1511 menciona três topônimos ("Curiana", "Canchieto" e "Cuchibachoa") e a de 1516 acrescenta duas outras indicações ("Cumaná" e "Manacapana"). Não obstante, chama a atenção que os extensos comentários sobre o "Marañón" presentes nas "*De Orbe Novo Decades*" estejam ausentes das "*Oceani Decas*"⁽⁴⁶⁾, bem como o fato de as diferentes versões do texto de Pietro Martire muitas vezes discordarem dos informes proporcionados por outras fontes – estímulo considerável para a acirrada discussão sobre o possível itinerário do navegador espanhol e a eventual descoberta do Brasil meses antes de Pedro Álvares Cabral, perspectiva recusada com veemência por alguns historiadores portugueses. Com efeito, vários autores defendem a possibilidade de Pinzón ter chegado às Guianas ou Venezuela, enquanto os adeptos de um desembarque em nossas praias sugerem pontos tão distantes entre si como o cabo de Santo Agostinho (Paraíba), a ponta do Calcanhar (Rio Grande do Norte) e a ponta do Mucuripe (Ceará)⁽⁴⁷⁾.

Apesar de o assunto permanecer aberto a intermináveis disputas⁽⁴⁸⁾, não é impossível supor que Pinzón tenha de fato ultrapassado o equador e atingido território brasileiro, hipótese capaz de transformar o relato do cronista italiano no primeiro documento porventura disponível sobre a natureza e os habitantes do país. A despeito de tais incertezas não permitirem definir o exato local de captura do primeiro marsupial visto por um europeu, as

³⁸ Cerca de 236,64 km. Vide nota 128.

³⁹ O "Mar dulce" por vezes receberia outras designações, pois a "Capitulação" de 1501 (in Lopez del Prado, 1859) fala de um "Rio Grande" também chamado de "Santa Maria de la Mar dulce", enquanto a carta da "*Oceani Decas*" menciona um "ro. grande" (Martire d'Anghiera, 1511) e o mapa de Juan de la Cosa assinala um "G de S. Mia", provável abreviação de "[Rio] G[rande] de S[anta] M[ar]ia [de la Mar dulce]" (Guedes, 1975; Leite, 1958-1960 e in Dias, 1921-1924). Como se não bastasse, o mesmo fenômeno observado por Pinzón já havia sido registrado em agosto de 1498 por Colombo, pois caberia ao almirante genovês descobrir um "mar de águas doces" formado pelo delta do Orenoco ao vencer a Boca do Dragão ("Boca del Drago") e penetrar no golfo de Pária, aproximando-se da Boca da Serpente ("Boca del Sierpe", vide nota 147). Não deve causar surpresa, portanto, que o "Mar de agua dulce" esteja situado próximo à "Boca del Drago" no mapa de Juan de la Cosa (Morison, 1954; O'Gorman, 1972; Varela, 1984). De qualquer forma, poucos aspectos da viagem de Pinzón revelam-se tão confusos quanto a identificação do "Mar dulce" e do "Marañón", pois a primeira edição autorizada das "Décadas" (i.e. Martire d'Anghiera, 1516) chega a tratar esses dois cursos d'água como caudais bastante distantes ou muito próximos entre si conforme a passagem do texto considerada. Embora parcela razoável dos estudiosos não hesite em atribuir os comentários sobre "Marañón" e o "Mar dulce" a um mesmo rio, no caso o Amazonas (e.g. Holanda, 1960; Southey, 1810-1819; Varnhagen, 1854), tal hipótese inspira certa cautela, pois essa última denominação também já foi aplicada ao Orenoco e ao Mearim.

⁴⁰ A grafia desse topônimo mostra-se inconstante até mesmo em transcrições distintas de um único documento. De fato, a versão da "Capitulação" de 1501 feita por Lopez del Prado (1859) menciona "marina tubulo", enquanto Silva (1861) adota a forma "marina tambal". Vide nota 169.

⁴¹ Segundo Guedes (1975), tal evento foi comprovado graças a Antón Hernández Colmenero, um dos tripulantes de Pinzón. Ao prestar seu testemunho nas "Probanzas del Fiscal", esse marinheiro declararia ter sofrido "dentro del Rio [Grande] un marrajo e estando surtos el agua a la manera de golpe de la mar e el ruydo que traya les alço quatro brazas el navio" (in Muro Orejón, 1967-1989).

⁴² Conforme observado por Guedes (1975), atestam esse encontro os testemunhos prestados nas "Probanzas del Fiscal" tanto por Juan Calvo, um dos tripulantes de Pinzón, quanto por Bartolomé Roldan, um dos pilotos de Diego de Lepe (vide Muro Orejón, 1967-1989).

⁴³ Vide notas 140 e 141.

⁴⁴ De acordo com autores como Bartolomé de las Casas (1875-1876), essa tempestade teria ocorrido antes da chegada de Pinzón à ilha de Hispaniola, algo que contraria a opinião corrente e testemunhos prestados durante as "Probanzas del Fiscal" (in Muro Orejón, 1967-1989).

⁴⁵ Objeto dos comentários de vários historiadores (e.g. Manzano & Fernández-Heredia, 1988; Vigneras, 1976), o desastre econômico dessa expedição faria com que Pinzón tivesse de recorrer ao auxílio da Coroa para livrar-se de suas dívidas.

⁴⁶ À primeira vista, portanto, procedem as especulações acerca de tal referência ter sido incorporada ao original por volta de 1514 (e.g. Leite, 1958-1960 e in Dias, 1921-1924), detalhe capaz de suscitar numerosas indagações quanto à veracidade da suposta descoberta da foz do Amazonas. Ao eliminar essa citação de suas análises, até os mais firmes partidários do navegador espanhol (e.g. Guedes, 1975) não apenas fortaleceriam as suspeitas existentes, como terminariam por desprezar a hipótese de certos depósitos prestados pelos participantes da expedição terem sido incluídos ou subtraídos dos diferentes escritos de Pietro Martire ao sabor das circunstâncias, até que as "Décadas" por fim alcançassem seu formato definitivo (i.e. Martire d'Anghiera, 1530). Vide nota 39.

⁴⁷ O "cabo de Santa Maria de la Consolación", primeiro acidente geográfico nomeado pela expedição, já foi atribuído a localidades na Paraíba (cabo de Santo Agostinho, apud Holanda, 1960; Southey, 1810-1819), Rio Grande do Norte (cabo de São Roque ou ponta do Calcanhar, apud Rio Branco, 1899; Vigneras, 1976) e Ceará (ponta do Mucuripe, apud Guedes, 1975; Varnhagen, 1854). Conforme bem observou Rodolfo Garcia (in Varnhagen, 1927), um argumento relevante para aqueles que identificam o "cabo de Santa Maria de la Consolación" como cabo de Santo Agostinho seria dado pelo próprio testemunho de Pinzón nas famosas "Probanzas del Fiscal", onde o navegador espanhol reconhece ter descoberto terras "desde el cabo de Consolación, que es en la parte de Portugal, é agora se llama cabo de Sant Augustin" (vide Leite in Dias, 1921-1924; Muro Orejón, 1967-1989 e Navarrete, 1825-1837).

⁴⁸ Um exemplo nesse sentido pode ser conferido pelo acerbado debate de Gaspar da Naia (1956) com T.O.M. de Souza (1956). Para maiores informações acerca da viagem de Pinzón e seu itinerário, consulte-se Abreu (1883, 1907), Asensio y Toledo (1892), Casal (1817), Charlevoix (1736), E. Colombo (1876), D'Arvezac (1857), De La Blache (1902), Duro (1892), Espinola (2001), Ferrer de Couto (1856), Framis (1947), Guedes (1975), Hernandez-Pinzón y Ganzinotto (1920), Holanda (1960), Humboldt (1814-1834), Irving (1881, 1883), Labrado (2003, 2022), Leite (1931, 1950, 1958-1960 e in Dias, 1921-1924), Manzano & Fernández-Heredia (1988), McClymont (1916), Morison (1971-1974), Munilla (1954), Oliveira (1969, 1974, 1979), Rio Branco (1899), Silva (1861), Sousa Sobrinho (1946), Southey (1810-1819), Varnhagen (1854) e Vigneras (1976).

fontes século XVI costumam associar esse quadrúpede à "província de Pária", termo nebuloso empregado na época para designar boa parte da faixa setentrional da América do Sul. Mesmo assim, certas publicações são categóricas em atribuir o registro em questão à Venezuela⁽⁴⁹⁾

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS SOBRE OS MARSUPIAIS DO NOVO MUNDO

Elaborada por autor desconhecido entre 1501 e 1503, a "Storia delle navigazioni del Colombo, or Colocut" – ou apenas "Codex Trevisan" – reproduz as já mencionadas cartas enviadas por Angelo Trevigiano a Domenico Malipiero entre agosto e dezembro de 1501. Depositada na Library of Congress de Washington D.C. (Mss. Med. & Ren. n. 26), essa cópia englobaria uma versão inicial da primeira "Década" de Pietro Martire e trata da expedição de Vicente Yáñez Pinzón em um "Septimo libro dela septima navigatione" disposto entre os fólhos 28 verso e 30 recto⁽⁵⁰⁾. De acordo com o manuscrito, os navegantes teriam encontrado entre as árvores "um animal monstruoso que possui o corpo e focinho de raposa, a cauda e patas traseiras de macaco, aquelas da frente de homem e as orelhas de morcego. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos [...] Este animal morreu quando foi levado de Sevilha a Granada para os Sereníssimos Reis e o vi morto. Levaram também os filhotes que ele tinha naquele ventre, os quais morreram no navio" (Anexos 1 e 2).

Anos mais tarde, os comentários de Trevigiano seriam transcritos pelo veneziano Alessandro Zorzi no "Manoscritto di Ferrara", uma miscelânea de relatos concluída entre 1506 e 1507 pertencente à Biblioteca Comunale Ariostea di Ferrara (Mss. c1. II, 10)⁽⁵¹⁾. A exemplo do documento anterior, a navegação de Vicente Yáñez Pinzón corresponde a um "Libro septimo delle Antipodi" ordenado entre os fólhos 40 recto e 44 recto, mas o texto mostra certas discrepâncias ao falar de "um animal monstruoso que possui a cabeça e o focinho de raposa, a cauda e as patas traseiras de macaco, aquelas da frente de homem e as orelhas como asas de morcego [...] Este animal morreu quando foi levado de Sevilha a Granada para os seus reis – e o já mencionado senhor Angelo Trevisano viu-o

morto. Levaram também os filhotes que ele tinha naquele ventre, os quais morreram no navio" (Anexos 3 e 4).

O texto de Zorzi não traria maiores conseqüências, a exemplo do ocorrido com a brevíssima citação de Antón Hernández Colmenero – um dos tripulantes de Pinzón – sobre certo "macaco" capturado no litoral de Pária⁽⁵²⁾ (Anexo 5). Por outro lado, as missivas de Trevigiano viriam compor o já mencionado "Libretto de tutta la navigatione de Re de Spagna", o qual viria à luz em 1504 trazendo a notícia de um "novo animal quase monstruoso que tinha o corpo e focinho de raposa, a garupa e patas traseiras de macaco e as da frente quase como de homem, as orelhas como de morcego. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos [...] um destes animais, junto com seus filhotes, foi levado de Sevilha a Granada aos Sereníssimos Reis. Os filhotes, entretanto, morreram no navio e o adulto na Espanha. Apesar de mortos, foram vistos por muitas pessoas diferentes" (Anexos 6 e 7). O "Libretto" pode não ter atraído grande atenção, mas o trecho sobre o "animal monstruoso" seria reproduzido sem alterações no "Paesi novamente ritrovati" de Fracanzano da Montalboddo, renomada coletânea de viagens lançada em 1507 (Anexos 8 e 9).

Embora os esforços de Angelo Trevigiano permitissem a circulação dos escritos de Pietro Martire pela Europa logo no início do século XVI, sua autoria passaria a ser reconhecida apenas com a publicação das "Occeani Decas" de 1511 e das "De Orbe Novo Decades" de 1516 e 1530. Conforme estipula o nono livro da primeira "Década", a viagem de Vicente Yáñez Pinzón pelo litoral de Pária levaria à descoberta de um "animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego e mãos humanas, imitando nos pés um símio, que transporta seus filhos já nascidos – para onde quer que vá – em um útero externo a modo de uma grande bolsa [...] Capturaram com os filhotes o próprio animal. As crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses. Por fim ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos" (Anexos 10 a 15)⁽⁵³⁾.

Tais referências dariam origem a diversas narrativas sobre os metatérios do Novo Mundo impressas até meados do século XVI. Uma das primeiras, difundida em 1532 pelo "Novus Orbis Regionum" de Simon Grynaeus, limita-

⁴⁹ Vide Gallego (2010). No entanto, a possibilidade de Pinzón ter desembarcado no Nordeste levaria certos autores a especularem se algumas das referências presentes nas "Décadas" e no "Paesi novamente ritrovati" não diriam respeito à fauna e flora do Brasil (e.g. Teixeira & Papavero, 2002, 2003). Embora o cronista italiano afirme que o litoral percorrido pertenceria à "província de Pária", tal assertiva pode ser encarada com certa reserva face às confusas alusões envolvendo os cursos d'água de maior porte, nominalmente o "Marañon" e o "Mar Dulce". No entanto, parcela razoável dos estudiosos (e.g. Holanda, 1960; Southey, 1810-1819; Varnhagen, 1854) não hesita em atribuir ambos os comentários a um único rio – no caso o Amazonas – hipótese incerta considerando as dúvidas existentes. Nesse sentido, vale observar que determinadas análises chegaram a atribuir parte das observações feitas nas "costas de Pária" às ilhas Bahamas (e.g. J.T. Asensio in Martire d'Anghiera, 1892). Vide nota 39.

⁵⁰ Maiores comentários e reproduções parciais ou totais podem ser obtidos em Aricó (1993), Berchet (1891, 1892-1896), Brasil (1900-1910), Dursteler (2000) e Morelli (1810). Uma versão digitalizada desse documento encontra-se disponível em <https://www.loc.gov/item/94218598>.

⁵¹ Para outros detalhes e transcrições do texto original, consulte-se Almagià (1936), Ferraro (1835) e Laurenich-Minelli (1985). Vide nota 26.

⁵² Em testemunho prestado a 25 de setembro de 1515 no âmbito das "Probanzas del Fiscal", Colmenero mencionaria que "entraron en un rio en que hallaron el agua dulce que entrava en la mar treinta leguas el agua dulce e que hallaron dentro del rio un macaco" (in Manzano & Fernández-Heredia, 1988; Muro Orejón, 1967-1989). Apesar de os atuais habitantes do Brasil muitas vezes associarem os marsupiais aos ratos, algumas espécies são identificadas como "um tipo de macaquinho" tanto pelo formato das patas quanto pelos hábitos arbóricolas, caso da mucura-chichica, *Caluromys lanatus* (Olfers, 1818). Vide notas 16 e 91.

⁵³ Pedro Martire faria uma segunda alusão a esse animal no nono livro da segunda "Década". Dada de 1514 e dirigida a Leão X, o cronista diria que "acerca do animal (não conhecido, que eu saiba, de nenhum escritor) que leva consigo seus filhos em uma bolsa no ventre e que subindo nas árvores se alimenta de seus frutos, falei o suficiente em minha Década a qual suponho ter chegado às mãos de Sua Santidade antes de sua exaltação ao posto mais alto que existe, pois saíu impressa escapando de meus escaninhos" ("De animali ferente secum natam sobolem in uterali crumena scriptorum nulli meo iudicio noto, quod septim arboreis depascitur fructibus, in Decade fati: quam puto ad tuae Sanctitatis manus, priusquam id rerum culmen adipisceretur devenisse. Quando quidem e meis latebris impressa evasit" no original, vide Martire d'Anghiera, 1516, 1530).

-se a transcrever o conteúdo do "Itinerarium Portugallensium" de 1508, aqui entendido como a versão em latim do "Paesi novamente ritrovati" lançado no ano anterior. Não deve causar surpresa, portanto, o fato de Grynaeus repetir o mesmo erro observado no "Itinerarium", onde a sentença "orechie come la notola" ("orelhas como de morcego") do "Paesi" foi vertida para "aures autem habet noctuae" ("orelhas como de coruja")⁽⁵⁴⁾. Semelhante equívoco estaria destinado a perpetuar-se em publicações subseqüentes, conforme demonstra a "Ex Aelianum Historiam" do polímata francês Pierre Gilles d'Albi, uma tradução da "Natureza dos Animais" de Claudius Aelianus datada de 1533 e quase esquecida nos dias de hoje. Entre os numerosos acréscimos introduzidos por Gilles, destaca-se aquele sobre estranhos animais encontrados na região de Pária, "bestas de quatro patas com a parte anterior de raposa e a posterior de macaco, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja" que "carregam sob o ventre um outro ventre, como uma bolsa, no qual seus filhotes ficam escondidos pelo tempo necessário até que possam sair em segurança para buscar de comida sem a proteção de seus pais", não deixando esse abrigo "exceto para mamar"⁽⁵⁵⁾. Sem maiores justificativas, o autor terminaria por conferir-lhes a evocativa denominação de "simivulpa", ou seja, "macaco-raposa" ou "macaco-vulpino".

As observações de Pierre Gilles seriam reproduzidas em 1551 por Conrad Gesner, erroneamente visto como responsável pela criação do neologismo "simivulpa" graças ao sucesso alcançado pelo primeiro tomo da "Historia Animalium", livro dedicado aos "quadrúpedes vivípa-

ros"⁽⁵⁶⁾. O naturalista suíço também repete Pietro Martire ao falar "daquele animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego e mãos humanas, imitando nos pés o macaco, que transporta seus filhos já nascidos para onde quer que vá em um útero externo a modo de uma grande bolsa [...] Capturaram com os filhotes o próprio animal. As crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses. Ao fim ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos" (Anexos 16 e 17). De forma implícita, a influência das "Décadas" às vezes se faria presente em outras obras do período, por exemplo nas duas edições da "Historia del Mondo Nuovo" de Girolamo Benzoni publicadas em 1565 e 1572⁽⁵⁷⁾.

AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES DOS MARSUPIAIS DO NOVO MUNDO

Tomando os escritos de Pietro Martire como referência, o imaginário europeu acabaria por construir uma figura bastante fantasiosa dos marsupiais do Novo Mundo, dando corpo a seres improváveis capazes de refletir a descrição do cronista de Anghiera em alguns de seus detalhes. Este é o caso da representação mais antiga conhecida até o momento, um desenho traçado por Alessandro Zorzi à margem do fólio 42 verso de seu já mencionado "Manoscritto di Ferrara" (1506-1507). Uma variante quase idêntica desse mesmo autor garante o fólio 28 recto no volume dedicado à América do chamado "Codice Alberico" pertencente à Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (Banco Rari 233, 234, 235 e 236) – uma extensa coletânea composta tanto por manuscritos quanto por textos impressos acrescidos de notas e ilustrações marginais que parece ter sido finalizada após 1538⁽⁵⁸⁾. As duas imagens adequam-se ao conteúdo do "Manoscritto di Ferrara" inclusive nos erros de transcrição cometidos por Zorzi, o qual fala de um quadrúpede com as orelhas "como as asas de um morcego" ("le orecchie di ale di notola") ao invés das orelhas "como as do morcego" ("le orecchie come la notola") citadas originalmente por Angelo Trevigiano (compare Anexos 1 a 4). O resultado é um animal corpulento com rostro afilado, cauda um tanto alongada, ventre pronunciado, patas mal delineadas e imensas asas membranosas postas nos lados da cabeça

⁵⁴ Segundo o "Itinerarium Portugallensium" – a tradução para o latim do "Paesi novamente ritrovati" feita por Madrigano (1508) – os navegadores encontraram no litoral de Pária "um bizarro quadrúpede: sua parte anterior é como a de uma raposa, enquanto a posterior é como a de um macaco, mas seus pés parecem humanos. Têm orelhas como as de uma coruja e sob o ventre usual possui outro como uma bolsa, no qual seus filhotes se escondem até poderem sair com segurança e procurarem comida sem a proteção dos pais. Nunca deixam esta bolsa, exceto para amamentar. Esta besta monstruosa e três dos seus filhotes foi trazida para Sevilha e de Sevilha para Iliberis, ou Granada, como um presente para os Reis [Católicos], que sempre se deliciam com coisas novas" ("Conspexere etiamnum ibi animal quadrupes prodigiosum quidem: nam pars anterior vulpem: posterior vero simiam praesentabat, nisi quod pedes effingit humanos: aures autem habet noctuae, & infra consuetam alvum aliam habet instar crumenae, in qua delitescunt catuli ejus tantisper: donec tuto prodire queant: & absque parentis tutela cibatum quaerere: nec unquam exeunt crumenam: nisi cum sugunt: portentosum hoc animal cum catulis tribus sibilium delatum est: & ex sibilis illiberis id est granatam: in gratiam regum: qui novis semper rebus oblectantur" no original, vide Madrigano, op. cit.). Embora seja usualmente aplicada aos morcegos, sobretudo os de maior porte pertencentes ao gênero *Nyctalus* (Vespertilionidae), a palavra italiana "nottola" também pode designar diferentes espécies de corujas (Tytonidae e Strigidae). Não surpreende, portanto, que o "Itinerarium" fale de "noctua", termo latino empregado por autores clássicos como Plínio e Virgílio para nomear essas aves. A exemplo de Grynaeus (1532), tal engano seria reproduzido em outras obras dos séculos XVI e XVII (e.g. Montanus, 1671; Münster, 1550a; Ogilby, 1671), tendo chegado até os nossos dias (e.g. Duzer, 2020; George, 1969; Parrish, 1997). Consulte-se os Anexos 8 e 9, bem como nota 26.

⁵⁵ "De Simivulpa. It qui nostra memoria Payram regionem lustrarunt, bestiam dicunt se vidisse quadrupedem, ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam: praeterquam quod humanis pedibus sit, & noctuae auribus, & subter communem ventrem, instar marsupii alium ventrem gerat, in quem tam diu ejus catuli occultantur, dum tuto exire, & sine parentis tuitione cibaria inquirere possunt, ac nimirum non ex eo receptaculo prodeunt, nisi cum lac fugunt" (Gilles, 1533). Em tradução livre: "Da Simivulpa. Aqueles que, segundo nossa lembrança, exploraram a região de Pária, dizem ter visto bestas de quatro patas com a parte anterior de raposa e a posterior de macaco, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja. E sob o ventre usual carregam um outro ventre, como uma bolsa, no qual seus filhotes ficam escondidos pelo tempo necessário até que possam sair em segurança para buscar comida sem a proteção de seus pais. É claro que não saem desse abrigo, exceto para mamar". Para maiores detalhes sobre a vida e obra de Pierre de Gilles, consulte-se Hamy (1900) e Keimer (1948). Vide nota anterior.

⁵⁶ Reconhecida por Blumenbach (1802), a prioridade de Pierre Gilles teria passado despercebida pelas diversas fontes que sugerem Gesner (1551) como idealizador do nome "simivulpa" (e.g. Marshall, 1981; Papavero et al., 2015; Pietsch, 2011; Rice, 2006). Algumas publicações adotam a corruptela "semivulpa", ou seja, "meio raposa" ou "quase raposa" (e.g. Gregory, 1910; Jonstons, 1650; Ray, 1693).

⁵⁷ A primeira edição da "Historia del Mondo Nuovo" limita-se a mencionar um "animale che va una scarsella sotto il ventre, & quando volere andare da un luogo a un' altro, vi mette gli figliuoli dentro" (Benzoni, 1565), enquanto a segunda fala de um "animale monstruoso, che ha vna scarsella sotto il ventre, & quando vuole andare da vn luogo a vn'altro, vi mette gli figliuolo dentro, questo animale ha il corpo, & il muso di volpe, & le mani, e i piedi di forma come il gatto, ma gli move; & ha gli orecchi, come il pipistrello" (Benzoni, 1572).

⁵⁸ Reunidos por Zorzi, os quatro tomos do "Codice Alberico" congregam descrições, cartas e mapas sobre várias partes da Ásia, África e América. A imagem em questão foi adicionada a uma das páginas do "Paesi novamente ritrovati" referente a navegação de Vicente Yáñez Pinzón que integram o volume dedicado ao Novo Mundo (Banco Rari 234, fólios 26 verso a 28 verso). Uma versão digitalizada encontra-se disponível em Pinto et al. (2014). Para maiores informações, vide Almagià (1936), Aricò (1993), Ferraro (1835), Formisano (2014), Laurencich-Minelli (1985) e Mildonian (1990).



Figura 2. O marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón segundo desenhos de Alessandro Zorzi. De cima para baixo, da esquerda para a direita: "Codice Alberico" (antes de 1538), "Manoscritto di Ferrara" (1506-1507) e cópia desse último reproduzida por Ferraro (1835).

Figure 2. The marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón according to drawings by Alessandro Zorzi. From top to bottom, left to right: "Codice Alberico" (before 1538), "Manoscritto di Ferrara" (1506-1507) and a copy of the latter reproduced by Ferraro (1835).

(Fig. 2). De qualquer maneira, a obscura reconstrução de Alessandro Zorzi nunca chegaria a ser reproduzida por outras fontes e tampouco foi registrada nos estudos sobre o assunto consultados⁽⁵⁹⁾.

Ao contrário do que defendem alguns, a segunda ilustração conhecida de um marsupial parece ter sido concebida de acordo com os mesmos princípios e espelha com maior fidelidade as observações de Pietro Martire, tendo aparecido na notória "Carta Marina" publicada por Martin Waldseemüller em 1516⁽⁶⁰⁾. Grosso modo, essa gravura retrata um ser atarracado com a cabeça e focinho de vago aspecto vulpino, provido de caninos aparentes e orelhas de borda dentada. Os membros estão cobertos por uma pelagem comprida, as mãos mostram-se um tanto humanóides e possuem ao menos quatro dedos alongados, enquanto os pés são menos definidos. Chama atenção a cauda curta e pilosa, bem como a desmesurada bolsa esférica da barriga e as duas mamas proeminentes situadas no baixo ventre (Fig. 3).

Apesar dos inegáveis pontos de convergência, a narrativa de Pietro Martire nunca mencionou um mamífero encorpado com as extremidades peludas, rabo curto e grandes úberes pendentes. No entanto, as fêmeas maduras de raposas, *Vulpes vulpes* (Linnaeus, 1758), muitas vezes apresentam tetas avantajadas no período da

amamentação, fenômeno registrado inclusive pela iconografia do século XVI. Ademais, como a cauda desse "monstruoso animal" do Novo Mundo seria parecida a de um primata, valeria lembrar que o macaco-da-barbaria, *Macaca sylvanus* (Linnaeus, 1758) – representante notável pela cauda vestigial ou ausente – estava entre os símios mais populares da Europa quinhentista (Fig. 4)⁽⁶¹⁾. Na verdade, o desenho obtido surge como produto de uma intrigante colagem fundamentada nos relatos sobre a viagem de Pinzón e na criatividade do ilustrador da "Carta Marina", mas não guarda a menor semelhança com qualquer marsupial do continente americano, constituindo mais uma evidência das enormes dificuldades enfrentadas para deteminar o verdadeiro aspecto de uma espécie desconhecida a partir de meros relatos, questão recorrente na história da Zoologia⁽⁶²⁾.

O cartucho situado ao lado dessa imagem contém uma legenda em latim passível de ser traduzida como: "Encontra-se aqui um animal com esse aspecto, o qual possui uma bolsa debaixo do ventre onde transporta seus filhotes e só os deixa sair para mamar. Um deles

⁵⁹ Vide Cardoso (1915), Eastman (1915a, 1915b), Hartman (1952) e Martínez (2022).

⁶⁰ A "Carta marina navigatoria Portvgallen navigationes, atqve tocuis cogniti orbis terre marisque formam natvram sitvs et terminos nostris temporibvs recognitos et ab antiqvorum traditione differentes, eciam qvor vetvsti non meminervnt avtores, hec generaliter indicat" é conhecida de um único exemplar atualmente depositado na Geography and Map Division da Library of Congress, Washington D.C. (G1015.S43 1517).

⁶¹ Enquanto as "Décadas" citam que esse estranho animal apresentaria um "rabo de cercopiteco" ("cercopithecus"), as versões italianas do "Libretto" e do "Paesi novamente ritrovati" – bem como as traduções desse último representadas pelo "Itinerarium Portugallensium" de Madriano (1508) e a "Newe unbekante landte" de Ruchamer (1508) – falam das "partes posteriores de um símio" ("scimmia", "simia" e "affe") definição ampla o suficiente para ser aplicada a qualquer macaco. Vide notas 26 e 54, além dos Anexos 6 a 9.

⁶² Rice (2006) defende a mesma opinião, ao passo que outros autores enxergam reais semelhanças entre o quadrúpede da "Carta Marina" e os marsupiais do Novo Mundo, ou aventam a existência de uma hipotética imagem prévia desaparecida (e.g. Dickerson, 1998; Duzer, 2020; George, 1969). Sobre as dificuldades encontradas em figurar animais exóticos, consulte-se o interessante ensaio de Westphal (2015) sobre as antigas representações dos elefantes.



Figura 3. O marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón segundo gravura da “*Carta Marina*” de Martin Waldseemüller (1516).

Figure 3. The marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón according to an engraving in “*Carta Marina*” by Martin Waldseemüller (1516).

foi oferecido ao Rei de Espanha na cidade de Granada” (Tabela 2 e Fig. 3). O final da sentença sugere que Waldseemüller baseou-se em uma das variantes do texto de Pietro Martire publicadas antes de 1511, seja o “*Libretto de tutta la navigatione de Re de Spagna*” (1504), o “*Paesi novamente ritrovati*” (1507), a “*Newe unbekante landte*” (1508) ou o “*Itinerarium Portugallensium*” (1508). No entanto, a facilidade de dispor de uma obra em latim, aliada à figura de uma besta com a cauda curta e orelhas com a borda irregular lembrando os tufos de uma coruja, tornam atrativas as especulações em torno dessa última versão⁽⁶³⁾.

A “*Carta Marina*” mostrar-se-ia decisiva para o perene vínculo desse quadrúpede com a América, relação particularmente marcada na cartografia dos séculos XVI e XVII. De fato, adaptações da figura de Waldseemüller seriam associadas ao Novo Mundo e assim difundidas pelas tiragens da “*Geografia*” de Ptolomeu impressas entre 1522 e 1541 por Johann Grüninger, Johann Koberger e os irmãos Trechsel⁽⁶⁴⁾, bem como pela versão da “*Carta Marina*” de Lorenz Fries publicada pelo mesmo Grüninger em 1525, 1530 e 1531⁽⁶⁵⁾. Contudo, a estampa da “*Geografia*”

afasta-se do modelo original ao mostrar uma besta corpulenta e hirsuta com a boca pouco rasgada, caninos quase imperceptíveis, cauda curta ericada na ponta e dedos terminados em garras⁽⁶⁶⁾. Em comparação, o animal encontrado no mapa de Lorenz Fries guarda evidente semelhança com aquele da “*Carta Marina*” de 1516, apesar de possuir a cabeça e orelhas mais alongadas, boca sem caninos aparentes e cauda um pouco menor. Salta aos olhos, entretanto, a bolsa abdominal oblonga e a presença de um pequeno filhote sendo amamentado na única teta representada, uma autêntica novidade em termos das ilustrações de marsupiais produzidas durante a primeira metade do século XVI⁽⁶⁷⁾ (Fig. 5). Em pouco tempo, reproduções mais ou menos exatas da ilustração de Waldseemüller ou dessas variantes passariam a constar em diversos trabalhos, conforme indica o “*Globe Doré*” atribuído a Johannes Schöner (ca. 1527)⁽⁶⁸⁾, o enigmático

⁶³ De fato, a referência à Granada não aparece nas edições das “*Décadas*” de 1511, 1516 e 1530 (vide Anexos 10 a 15). Conforme já foi destacado, ao verter o “*Paesi novamente ritrovati*” para o latim, Madrignano (1508) cometera o erro de traduzir “*notola*” por “*noctua*”, termo empregado pelos clássicos para designar diferentes espécies de corujas. Esse equívoco seria perpetuado em obras posteriores (e.g. Grynaeus, 1532; Montanus, 1671; Münster, 1550a; Ogilby, 1671) e talvez seja o motivo de o quadrúpede ilustrado na “*Carta Marina*” apresentar as orelhas com bordas dentadas (vide notas 54 e 61).

⁶⁴ Vide Ptolomeu (1522, 1525, 1535, 1541). Para outros detalhes, consulte-se Sabin (1886).

⁶⁵ O mapa de 1525 não parece ter sobrevivido, mas sua existência estaria comprovada inclusive pelo “*Uslegung der Mercarthen oder Cartha marina*”, um livreto destinado a acompanhá-lo escrito por Lorenz Fries (1525). Demasiado raras, as impressões de 1530 e 1531 encontram-se representadas por exemplares depositados na Bayerische Staatsbibliothek de Munique (Mapp. 1,9m/1) e no Museum zu Allerheiligen de Schaffhausen (Inv. 6102). Vide outros detalhes em Bruman (1989), Duzer (2020), Johnson (1963) e Petrzilka (1970).

⁶⁶ Nas edições da “*Geografia*” examinadas (Ptolomeu, 1522, 1525, 1535, 1541), esta gravura sobrepõe-se a uma variante da legenda em latim existente na “*Carta Marina*” de 1516 (Tabela 2). Para Duzer (2020), a imagem em questão seria “essencialmente idêntica” àquela do mapa de Waldseemüller e poderia constituir a verdadeira origem de certas representações dos gambás trazidas à luz posteriormente, o que parece correto ao menos no caso dos globos terrestres de Mercator e dos mapas de Todeschi e Visscher, entre outros (compare Figs. 5, 7 e 18). Não se sabe ao certo, porém, quantos exemplares da “*Carta Marina*” de 1516 teriam sido de fato impressos e postos em circulação. Vide notas 60 e 70.

⁶⁷ Grosso modo, as legendas do mapa de Lorenz Fries lançado em 1530 – e talvez aquelas da perdida versão de 1525 – foram escritas em alemão, enquanto as do exemplar de 1531 estão vazadas em latim. Em ambos exemplos, o texto que ladeia a imagem do marsupial estaria baseado naquela da “*Carta Marina*” de Waldseemüller (vide Tabela 2 e Bruman, 1989).

⁶⁸ Pertencente à Bibliothèque Nationale de France em Paris (GE A-333), esse globo de cobre dourado está intitulado como “*Nova et integra universi orbis descriptio*”. Sua autoria é incerta, embora seja atribuída a Johannes Schöner com certa frequência. Abaixo da figura do “quadrúpede monstruoso” foi gravada a legenda “*America inventa 1497*” (“*América descoberta 1497*”), sentença relacionada às notícias sobre as viagens de Amerigo Vespucci publicadas na “*Cosmographiae Introductio*” de Martin Waldseemüller (1507). Para outros detalhes, vide Ferro et al. (1991), HARRISSE (1892), Meurer (2007) e Stevenson (1921).

Tabela 2. Legendas das imagens de marsupiais presentes em alguns mapas e globos terrestres dos séculos XVI e XVII.

Table 2. Captions of images of marsupials present on some maps and globes from the 16th and 17th centuries.

AUTOR / FONTE	ANO	TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO LIVRE
Martin Waldseemüller "Carta Marina"	1516	"Reperitur hic animal hanc effigiem proferens huiusque sub ventre reservaculum quo Pullos genitos comportat nec illos nisi lactandi gratia emittere solet oblatum est tale regi Hispaniae in civitate Granata"	"Encontra-se aqui um animal com esse aspecto, o qual possui uma bolsa sob o ventre onde transporta seus filhotes e só os deixa sair para mamar. Um deles foi oferecido ao Rei da Espanha na cidade de Granada"
Ptolomeu "Geographie" e "Geographica Enarrationes"	1522 a 1541	"Reperitur hic animal habens reservaculum quo suos pullos secum portat et eos non nisi lactandi tempore emittit Tale regi Hispaniae Granale oblatum est"	"Encontra-se aqui um animal que possui uma bolsa na qual transporta seus filhotes com ele e só os deixa sair no momento de mamar. Foi oferecido ao Rei da Espanha em Granada"
Lorenz Fries "Carta Marina"	1530	"Sie ist ein thier funden worden in disses gestalt hat ein behaltung im buch darin e seine iungen tregt, lasst sie dan hinden und zwischen den harechten beinen zu sougen der gleich thier ward dem künig von hyspanien eins geschickt"	"Encontra-se aqui um animal com esse aspecto. Ele possui uma bolsa no ventre na qual carrega seus filhotes. Deixa-os sair e irem para trás, entre as pernas, para mamar. Um desses animais foi enviado ao Rei da Espanha"
Gerard Mercator Globos terrestres	1541	"Hunismodi alit hec terra animal sub pectore habens receptaculum quo foetus recondit quos non nisi lactandi gratia promit"	"Esta terra cria um tipo de animal que possui sob o peito uma bolsa na qual guarda os filhotes, os quais só saem para mamar"
Caspar Vopel "Nova et Integra Universalisque Orbis"	1545	"Reperiuntur animal hac forfiguram ferentia, habent que sub ventre reservaculum, quo pullos intus comparant, nec illos nisi lactandi gratia emittere solet"	"Encontra-se aqui um animal com esse aspecto, o qual possui uma bolsa sob o ventre onde transporta os filhotes e só os deixa sair para mamar"
Gerard Mercator "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio"	1569	"Tale in his regionibus animal invenitur habens sub ventre receptaculum quo tenellos fovet catulos quos non nisi lactandi gratia promit"	"Nessa região encontra-se um animal com esse aspecto que possui uma bolsa sob o ventre na qual mantém seus filhotinhos aquecidos e só os deixa sair para mamar"
Petrus Plancius "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula"	1592	"Tale in Paria regione animal reperitur, ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam refrens, preter quam quod pedibus sit humanis, et noctue auribus, atque subter communem ventrem alium gerat, in catulos quos non nisi lactandi gratia inde promit – a Gesnero Simivulpa et Simia vulpina vocant"	"Na região de Pária encontra-se esse animal, que possui a parte anterior de raposa e a posterior de símio, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja ¹ . E sob o ventre usual carregam um outro ventre, no qual mantém seus filhotes e só os deixam sair para mamar. É chamado por Gesner de <i>simivulpa</i> e <i>simia vulpina</i> "
Cornelis de Jode "Brasília et Peruviae"	1593	"Animal hoc ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam representat"	"Este animal possui a parte anterior de raposa e a traseira de símio"
Jodocus Hondius "Nova et Exacta Totius Orbis Terrarum Descriptio"	1603 e 1608	"Simivulpa animal"	"O animal <i>simivulpa</i> "
Josua van den Ende "Planisfério"	1604	"Tale in Paria regione animal reperitur, ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam refrens, preter quam quod pedibus sit humanis, et noctue auribus, atque subter communem ventrem alium gerat, in catulos quos non nisi lactandi gratia inde promit – a Gesnero Simivulpa et Simia vulpina vocant"	"Na região de Pária encontra-se esse animal, que possui a parte anterior de raposa e a posterior de símio, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja ¹ . E sob o ventre usual carregam um outro ventre, no qual mantém seus filhotes e só os deixam sair para mamar. É chamado por Gesner de <i>simivulpa</i> e <i>simia vulpina</i> "
Luis Teixeira "Magna Orbis Terrarum Nova Universalis et Accurata Tabula"	1604	"Tale in Paria regione animal reperitur, ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam refrens, preter quam quod pedibus sit humanis, et noctue auribus, atque subter communem ventrem alium gerat, in catulos quos non nisi lactandi gratia inde promit – a Gesnero Simivulpa et Simia vulpina vocant"	"Na região de Pária encontra-se esse animal, que possui a parte anterior de raposa e a posterior de símio, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja ¹ . E sob o ventre usual carregam um outro ventre, no qual mantém seus filhotes e só os deixam sair para mamar. É chamado por Gesner de <i>simivulpa</i> e <i>simia vulpina</i> "

¹ Conforme Pierre Gilles (in Gesner, 1551). Vide nota 55, bem como Anexos 14 e 15.



Figura 4. A raposa (*Vulpes vulpes*) e o macaco-da-barbaria (*Macaca sylvanus*) segundo gravuras de Marcus Gheeraerts pertencentes à "Warachtighe Fabulen der Dieren" (1567).

Figure 4. The fox (*Vulpes vulpes*) and the barbery monkey (*Macaca sylvanus*) according to engravings by Marcus Gheeraerts belonging to "Warachtighe Fabulen der Dieren" (1567).



Figura 5. De cima para baixo: o marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón segundo gravuras da "Geografia" de Claudius Ptolomeus (1522-1541) e da "Carta Marina" de Lorenz Fries (1530).

Figure 5. From top to bottom: the marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón according to engravings in "Geography" by Claudius Ptolemy (1522-1541) and "Carta Marina" by Lorenz Fries (1530).



Figura 6. Representação do marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón gravada no "Globe Doré" atribuído a Johannes Schöner (ca. 1527).

Figure 6. Representation of the marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón engraved in the "Globe Doré" attributed to Johannes Schöner (ca. 1527).

"Atlas du Dauphin" (ca. 1538)⁶⁹), os globos terrestres de Gerard Mercator (1541)⁷⁰ e a "Nova et Integra Universalisque Orbis" de Caspar Vopel, mapa de 1545 conhecido apenas de duas cópias posteriores⁷¹ (Figs. 6 a 8).

Publicadas a partir de 1550, as edições da "Cosmografia" de Sebastian Münster trariam duas novas composições relacionadas aos metatérios. Associada aos célebres "tigres da Hircânia" tantas vezes citados pelos clássicos⁷², a primeira teria a "Geografia" de Ptolomeu como modelo, mas o carnívoro representado apresenta a pelagem longa restrita aos membros anteriores, orelhas arredondadas com a borda lisa, compridas vibrissas no focinho e os caninos bem evidentes, enquanto as patas possuem apenas três dedos armados com unhas afiladas. Como se não bastasse, as traduções latina, francesa e italiana

de Münster trariam uma segunda imagem totalmente inédita que retoma alguns detalhes da criatura encontrada na "Carta Marina" de Lorenz Fries – por exemplo a bolsa ventral menos pronunciada e o filhote sendo amamentado na única teta presente (compare Figs. 5 e 9). No entanto, esse quadrúpede distingue-se pelo porte esguio, pelagem baixa nos membros posteriores, cabeça alongada e orelhas à feição de tufo de corujas – característica explicitada no texto correspondente⁷³. Tendo alcançado certa notoriedade, as pranchas da "Cosmografia" seriam reproduzidas em livros como a "Prodigiorum ac Ostentorum Chronicon" de Conrad Lycosthenes e o "De quadrupedibus digitatis viviparis" de Ulisse Aldrovandi⁷⁴.

O artifício de congregar elementos de fontes distintas parece ter sido empregado na "simivulpa" de Conrad Gesner, sem dúvida a mais famosa de todas as ilustrações vistas até o momento. Com efeito, apesar de lembrar a gravura de Waldseemüller, o formato da cabeça, as orelhas arredondadas com a borda lisa, os longos caninos e as patas de três dedos terminadas em unhas pontiagudas evocam o "tigre da Hircânia" de Sebastian Münster, ao passo que a influência da "Carta Marina" de Lorenz Fries evidencia-se pelos dois filhotes sendo amamentados. Semelhante acréscimo tornaria necessário reduzir o tamanho da arredondada bolsa ventral e tornar as mamas mais evidentes, além de girar a posição do corpo para um ângulo favorável (Fig. 10). De acordo com o texto, a "simivulpa" da "Historia Animalium" refletiria

⁶⁹ Depositado na Koninklijke Bibliotheek de Haia (129.A.24), o magnífico "Atlas du Dauphin" é de autoria desconhecida, mas parece ser produto da "Escola de Dieppe" e talvez tenha sido traçado por um cartógrafo português. Acredita-se que esteja dedicado ao Delfim da França, o futuro rei Henri II. Para maiores informações, vide Cortesão & Mota (1960-1962), Destombes & Gemez (1961) e Serchuck (2018).

⁷⁰ Cerca de duas dúzias de globos de Mercator teriam chegado aos dias de hoje. Naqueles examinados, a imagem desse quadrúpede encontra-se ladeada por uma sentença escrita em latim que recorda o texto disponível na "Carta Marina" de Waldseemüller e nas variantes existentes na "Geografia" de Ptolomeu (Tabela 2).

⁷¹ Impressa em Veneza por Giovanni Andrea Valvasore, a primeira cópia da "Nova et Integra Universalisque Orbis Totius Juxta Germanum Neoterorum Traditionem Descriptio" data de 1558 e encontra-se depositada na coleção de mapas da Harvard University em Cambridge (Hough 51 2577 P). A segunda foi executada em Antuérpia por Bernard van den Putte durante o ano de 1570, pertencendo à Herzog August Bibliothek de Wolfenbüttel (HAB, K 3, 5). Nas duas cartas, a figura do marsupial margeia a costa setentrional da América do Sul e está acompanhada por uma legenda em latim obviamente relacionada àquela da "Carta Marina" de Waldseemüller (Tabela 2). Para maiores informações, consulte-se Meurer (2007), Michow (1892), Ruge (1904) e Shirley (1991).

⁷² Por exemplo em Münster (1550a, 1550b, 1552, 1558). Ao mencionar os "tigres da Hircânia", autores clássicos como Plínio, Pomponius Mela e Marcial pretendiam referir-se ao extinto tigre-persa, *Panthera tigris virgata* (Illiger, 1815), antes encontrado do Cáucaso e Turquia até o sul do mar Cáspio e o mar de Aral. Apesar das várias referências na arte e literatura, esse felino teria sido pouco comum em Roma, não havendo notícias de sua presença antes do século XI a.C. Para mais informações, vide Kitchell Jr. (2014) e Toynbee (1973).

⁷³ As traduções latina, francesa e italiana mencionam respectivamente "aures autem habet noctuae", "les oreilles comme un chathuant ou hibou" e "orecchie di civetta", claras referências às corujas (Münster, 1550b, 1552, 1558). Quanto às tiragens em alemão, essa gravura só viria a aparecer na última edição póstuma da "Cosmografia" (Münster, 1628). De qualquer forma, a descrição fornecida parece refletir o texto do "Itinerarium Portugallensium" de Madriagnano (1508), o que basta para explicar as "orelhas de coruja" do animal retratado. Vide Fig. 9, bem como as notas 54 e 63.

⁷⁴ Vide Aldrovandi (1637) e Lycosthenes (1557).



Figura 7. Ilustrações do marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón nos globos terrestres de Gerard Mercator (1541).

Figure 7. Illustrations of the marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón in Gerard Mercator's globes (1541).

aquilo "geralmente representado em cartas geográficas", possível referência à combinação de diferentes opções (Anexos 16 e 17).

Respalhada pelo indiscutível sucesso dos livros de Gesner, a "simivulpa" conquistaria grande notoriedade, convertendo-se em um verdadeiro símbolo do Novo Mundo pelo menos até o primeiro quartel do século XVII. Algumas cópias seguiriam a "Historia Animalium" com razoável apuro, enquanto outras surgem como enigmas de difícil solução. Entre as primeiras, caberia citar aquelas dos "Quatro Elementos" de Joris Hoefnagel, da "Brevis & admiranda descriptio Regni Guianae" de Levinus Hulsius, da "Nuova Raccolta de li Animali piu curiosi del

Mondo" de Antonio Tempesta, do "Symbolorum & emblematum" de Joachim Camerario, da "Decima Tertia Pars Historiae Americanae" de Matthäus Merian e da "Historia Naturalis de Quadrupetibus" de Johannes Jonstonus⁽⁷⁵⁾ (Figs. 11 e 12).

As menos convencionais incluiriam as alegorias da América imaginadas por Gerad van Groeningen e Mar-

⁷⁵ Vide Camerario (1595), Hulsius (1599), Jonstonus (1650), Merian (1634) e Tempesta (1620). Consulte-se Hendrix (1984) para maiores detalhes sobre os "Quatro Elementos", título conferido a extensa iconografia executada por Joris Hoefnagel por volta de 1575-1580. A pintura da "simivulpa" pertence ao volume intitulado como "Terra", enquanto os três restantes correspondem à "Aqua", "Aer" e "Ignis". Todos se encontram depositados na National Gallery of Art de Washington D.C. (1987.20.5, 1987.20.6, 1987.20.7 e 1987.20.8).

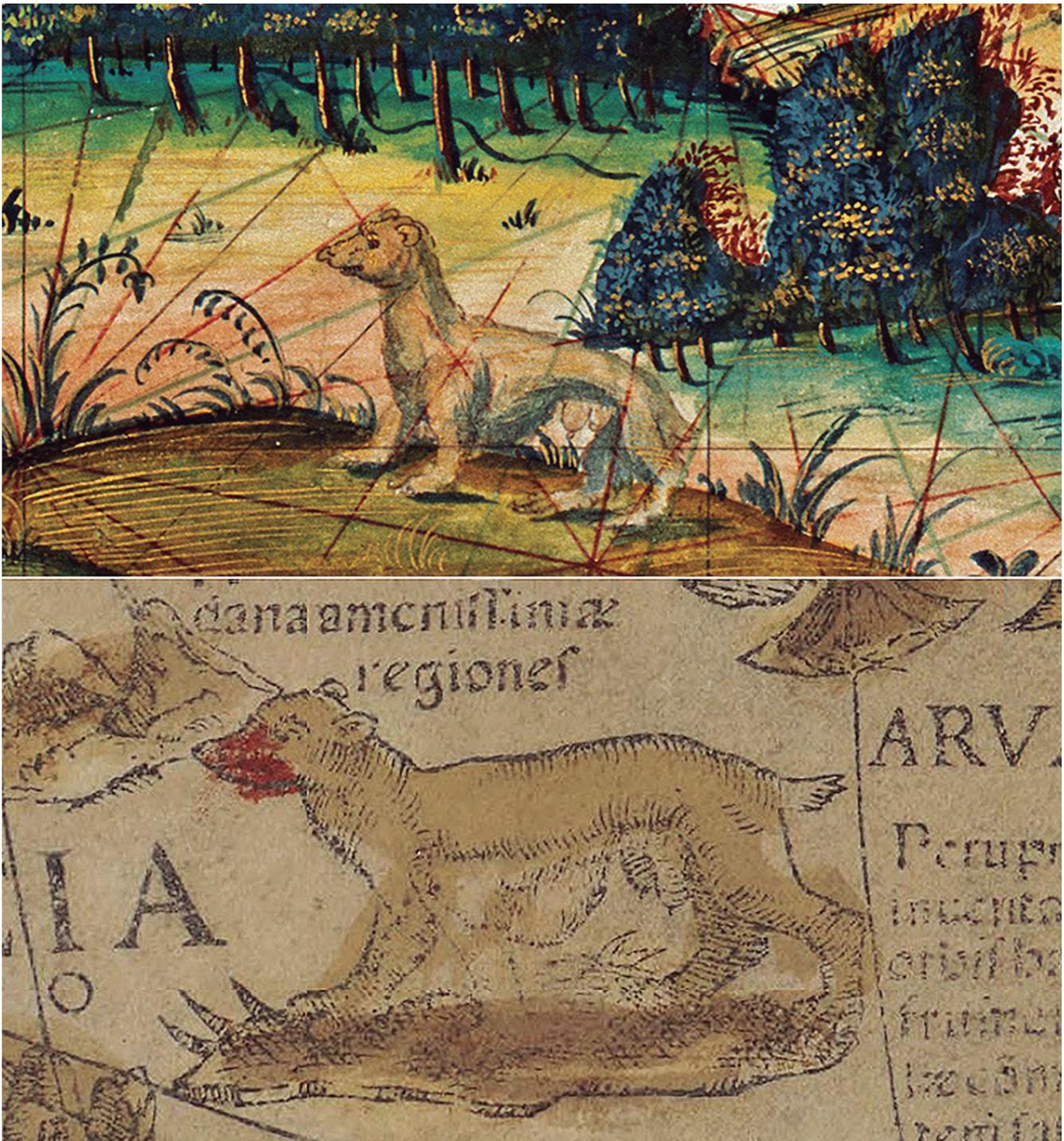


Figura 8. De cima para baixo: ilustrações do marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón presentes no anônimo "Atlas du Dauphin" (ca. 1538) e na "Nova et Integra Universalisque Orbis" de Caspar Vopel (cópia de 1558).

Figure 8. From top to bottom: illustrations of the marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón present in the anonymous "Atlas du Dauphin" (ca. 1538) and in the "Nova et Integra Universalisque Orbis" by Caspar Vopel (copy of 1558).

cus Gheeraerts, a primeira por volta de 1570 e a segunda entre 1590 e 1600. Na mais antiga há duas "simivulpas" atreladas a uma suntuosa carruagem repleta dos tão coibidos metais preciosos – "América, seu ouro e prata locupletam meu povo" de acordo com o título em latim⁽⁷⁶⁾. Nada emblemática é a "Semivulpe de Parias", bela aqua-

rela quincentista encontrada no álbum de desenhos de animais pertencente ao acervo do grande colecionador e mecenas Pierre Séguier, Chanceler da França entre 1635 e 1672⁽⁷⁷⁾. Um caso assaz curioso envolve a edição de 1682

⁷⁶ "America auro et argento meos repleo" no original. A gravura também apresenta uma segunda inscrição que dispensa comentários: "America agresti ignorantia, in occidente", ou seja, "América, rústicos ignorantes no Oeste". Uma cópia dessa mesma composição ornamenta as bordas da "Americae Tabula Nova Multi-Locis" de 1600, mapa de autor desconhecido per-

tencente ao Département de Cartes et Plans da Bibliothèque Nationale de France em Paris (GE B-1115 RES).

⁷⁷ Esse álbum sem título está depositado no Département de Estampes et Photographie da Bibliothèque Nationale de France (PET Fol.-JB-22). Para Bouchot (1895), as pinturas que compõem o volume seriam contemporâneas as de Pierre Belon ("Ces dessins naïfs sont contemporains de ceux publiés par Belon"), remontando, portanto, a meados do século XVI.

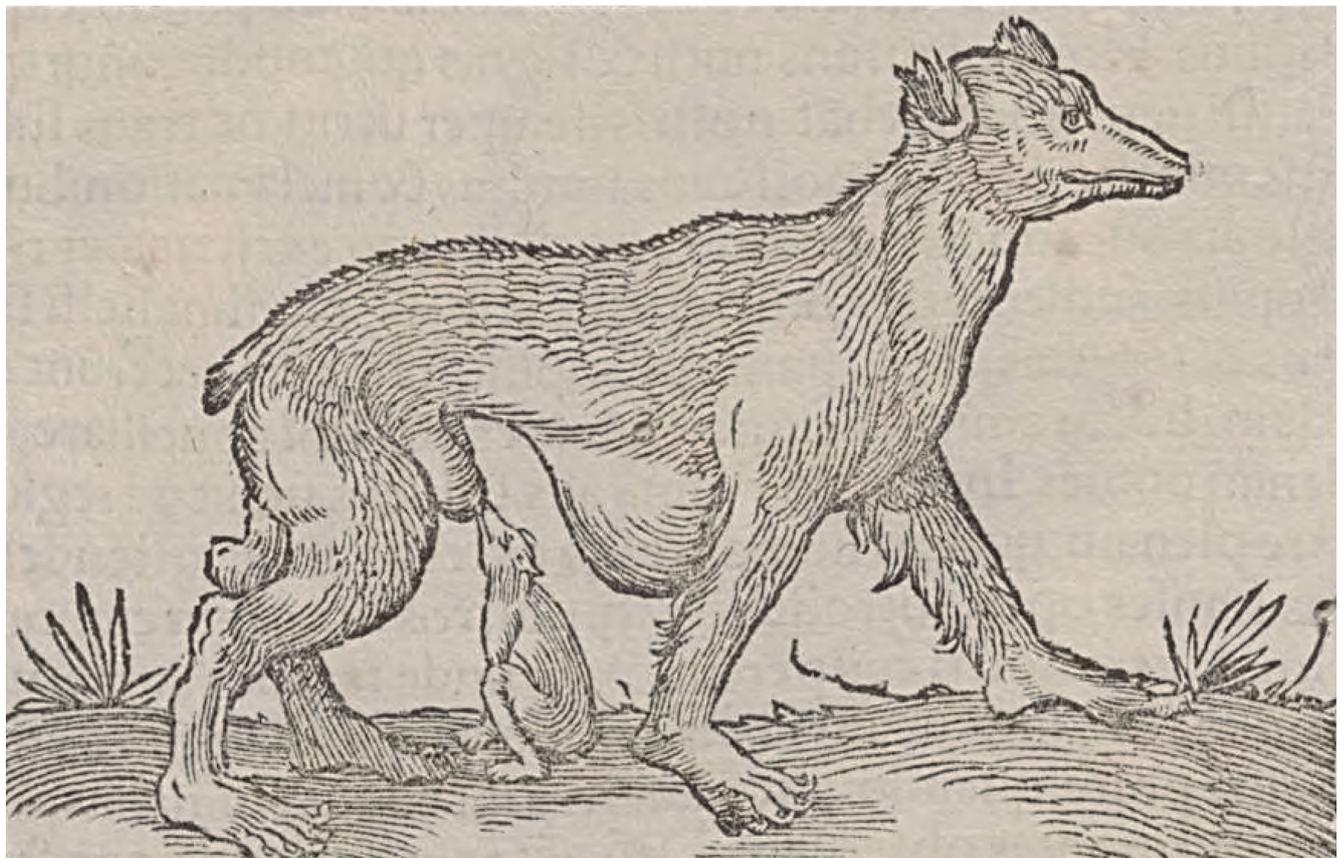


Figura 9. De cima para baixo: o tigre da Hircânia e o marsupial descoberto por Vicente Yáñez Pinzón segundo a "Cosmografia" de Sebastian Münster (1550).
Figure 9. From top to bottom: the Hyrcanian tiger and the marsupial discovered by Vicente Yáñez Pinzón according to "Cosmography" by Sebastian Münster (1550).



Figura 10. A "simivulpa" da "Historia Animalium" de Conrad Gesner (1551).
Figure 10. The "simivulpa" from Conrad Gesner's "Historia Animalium" (1551).



Figura 11. De cima para baixo, da esquerda para a direita: ilustrações da "simivulpa" nos "Quatro Elementos" de Joris Hoefnagel (ca. 1575-1580), na "Nuova Raccolta de li Animalii piu curiosi del Mondo" de Antonio Tempesta (1620) e na "Brevis & admiranda descriptio Regni Guianae" de Levinus Hulsius (1599).
Figure 11. From top to bottom, left to right: illustrations of the "simivulpa" in the "Four Elements" by Joris Hoefnagel (ca. 1575-1580), in "Nuova Raccolta de li Animalii piu curiosi del Mondo" by Antonio Tempesta (1620) and in "Brevis & admiranda descriptio Regni Guianae" by Levinus Hulsius (1599).

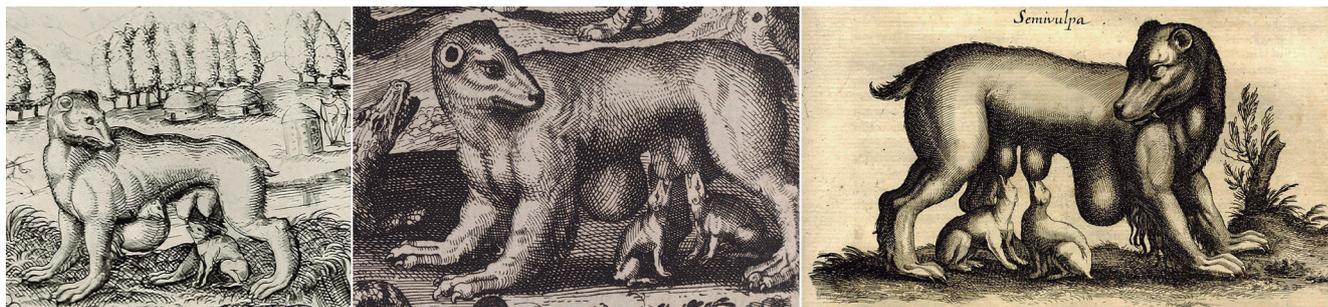


Figura 12. Da esquerda para a direita: gravuras da "simivulpa" no "Symbolorum & emblematum" de Joachim Camerario (1595), na "Decima Tertia Pars Historiae Americanae" de Matthäus Merian (1634) e na "Historia Naturalis de Quadrupetibus" de Johannes Jonstonus (1650).

Figure 12. From left to right: engravings of the "simivulpa" in "Symbolorum & emblematum" by Joachim Camerario (1595), in "Decima Tertia Pars Historiae Americanae" by Matthäus Merian (1634) and in "Historia Naturalis de Quadrupetibus" by Johannes Jonstonus (1650).



Figura 13. A "America" de Gerad van Groenigen (1570).

Figure 13. Gerad van Groenigen's "America" (1570).

do clássico romance de cavalaria "Valentine e Orson, os dois filhos do Imperador da Grécia". Abandonado na floresta, Orson seria criado por uma urso – representada na brochura pela "simivulpa" amamentando duas crias e o menino enjeitado em suas três tetas⁽⁷⁸⁾ (Figs. 13 e 14).

Circunstância similar ocorreria nos domínios da cartografia, com a maioria das imagens da "simivulpa" sofrendo algum tipo de alteração. O par de filhotes lactentes costuma ser mantido até nas variantes mais grosseiras – por exemplo na "Nova et Exacta Delineatio Americae Partis

Australis" de Jodocus Hondius (1599)⁽⁷⁹⁾ – mas o animal muitas vezes assume acentuados ares vulpinos e exibe uma caixa torácica desenvolvida ao invés de uma bolsa ventral propriamente dita, disposição análoga à figura da "Carta Marina" de Lorenz Fries. Semelhante tendência pode ser observada no "Brasiliae et Peruviae" de Cornelis de Jode (1593)⁽⁸⁰⁾, na "Delineatio Omnium Orarum

⁷⁸ Vide Anônimo (1682). Sobre as histórias de animais amamentando crianças na Europa medieval, consulte-se o interessante artigo de Dittmar *et al.* (2011).

⁷⁹ A "Nova et Exacta Delineatio Americae Partis Australis" de Jodocus Hondius acompanha o relato sobre a viagem de Walter Raleigh à Guiana impresso por Hulsius (1599) e aparece tanto na edição latina quanto na alemã.

⁸⁰ Nesse mapa de Cornelis de Jode pertencente ao "Speculum Orbis Terrae" (1593), a imagem da "simivulpa" está acompanhada por uma sucinta observação em latim que pode ser associada a diversas fontes anteriores (vide Tabela 2).



Figura 14. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: ilustrações da "simivulpa" na "America" de Marcus Gheeraerts (1590-1600), no álbum de Pierre Séguier (ca. 1650) e no anônimo romance de cavalaria "Valentine e Orson" (1682).

Figure 14. From left to right, top to bottom: illustrations of the "simivulpa" in "America" by Marcus Gheeraerts (1590-1600), in the album by Pierre Séguier (ca. 1650) and in the anonymous chivalric romance "Valentine and Orson" (1682).

Totius Australis Partis Americae" (1596) e no "Planisfério" (ca. 1598-1600) de Arnold Florent van Langren⁽⁸¹⁾, assim como na "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio" de Gerard Mercator (1569)⁽⁸²⁾ e nos trabalhos de Petrus Plancius nomeados como "Meridionalis Americae Pars in quinque regiones ab Hispanis dividitur" (ca. 1592-1594) e "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" (1592) (Figs. 15 e 16)⁽⁸³⁾. Conforme seria de esperar, o mesmo quadrúpede ressurgiria nas tiragens dessa última carta geográfica concebidas por Arnoldo di Arnoldi (1600, 1642 e 1660), Jodocus Hondius (1603 e 1608), Josua van den Ende (1604), Luis Teixeira (1604) e Frans van den Hoeye (1610-1636?)⁽⁸⁴⁾. Grosso

modo, tais reproduções aproximam-se da ilustração de Plancius nas cópias de Josua van den Ende e Luis Teixeira, ainda que naquela de Jodocus Hondius só exista uma cria sendo amamentada. As estampas de Arnoldo di Arnoldi e Frans van den Hoeye são idênticas, porém divergem das restantes em termos do aspecto geral (Fig. 17).

O fato de a "simivulpa" constituir um emblema do Novo Mundo adotado por inúmeros cartógrafos evidencia a dificuldade de inventariar certos motivos no universo dos mapas compostos durante os séculos XVI e XVII. A influência de autores renomados constitui um agravante, conforme indicam o "Nova Universi Terrarum Orbis Mappa" (1605) e a "Nova et Accurata Totius Americae Tabula" (1608) de Willem Janszoon Blaeu. Ambos representariam a "simivulpa", mas o segundo voltou a ser impresso por Henricus Hondius (1612, 1624), Stefano Mozzi Scolari (ca. 1646), Claes Visscher (ca. 1650), Charles Alexis-Hubert Jaillot (1669) e Pietro Todeschi (ca. 1673). Em traços grosseiros, as três últimas versões mostram um animal sem filhotes similar àquele encontrado nas edições da "Geografia" de Ptolomeu publicadas entre 1522 e 1541 por Johann Grüninger, Johann Koberger e os irmãos Trechsel (compare Figs. 5 e 18). Na verdade, a "simivulpa" pode surgir nos contextos mais inesperados, caso do exemplar com feições vulpinas situado em pleno território canadense na "Americae Tabula Nova Multi-Locis", mapa de autor desconhecido datado de 1600⁽⁸⁵⁾ (Fig. 19).

Destacariamos ainda uma série de arranjos relacionados de alguma maneira à "simivulpa" que não pu-

⁸¹ Mapa gravado por Arnold Florent van Langren para o "Itinerario" de Linschoten (1596). A mesma imagem estaria presente no planisfério de Hendrik Florent van Langren impresso em 1599, o qual teve seu único exemplar destruído em 1945. Um fac-símile parcial foi publicado por Wieder (1927).

⁸² Na opinião de Duzer (2020), o quadrúpede da "Carta Marina" de Lorenz Fries teria servido de base para as imagens correspondentes da "Cosmographia Universalis" de Sebastian Münster e da "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio" de Mercator (compare Figs. 5, 9 e 16). Não é possível descartar, porém, que a representação da "simivulpa" presente nesse último caso possa ter sido inspirada pela gravura de Gesner (Fig. 10), embora a legenda anexa recorde àquela encontrada nos globos terrestres de 1541, portanto dez anos antes da "Historia Naturalis" ser publicada (Tabela 2). Segundo consta, o único exemplar completo da "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio" está depositado no Maritiem Museum de Rotterdam (Atlas 51_01). Vide também Hoff (1961).

⁸³ A "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" de Plancius é conhecida apenas de um exemplar pertencente ao Colegio del Corpus Christi em Valencia, Espanha, mas um fac-símile encontra-se disponível em Wieder (1927). A legenda que acompanha a ilustração da "simivulpa" faz clara referência à "Historia Animalium" de Gesner (1551). Vide Tabela 2 e Anexo 16.

⁸⁴ A exemplo do observado no original de Plancius, a figura da "simivulpa" presente nas variantes de Luis Teixeira e Josua van den Ende está acompanhada por uma extensa legenda em latim que evoca a "Historia Animalium" de Gesner (Tabela 2 e Anexo 16). A mesma sentença estaria traduzida para o italiano na "Descrittione Universale della Terra con l'uso del Navigare, nuovam accresciuta" de Arnoldo di Arnoldi, enquanto a versão de Jodocus Hondius limita-se a uma curtíssima observação (Tabela 2).

⁸⁵ Vide nota 76.



Figura 15. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: gravuras da "simivulpa" no "Brasilia et Peruviae" de Cornelis de Jode (1593), na "Nova et Exacta Delineatio Americae Partis Australis" de Jodocus Hondius (1599) e no "Delineatio Omnium Orarum Totius Australis Partis Americae" Arnold Florent van Langren (1596).

Figure 15. From left to right, top to bottom: engravings of the "simivulpa" in "Brasilia et Peruviae" by Cornelis de Jode (1593), in "Nova et Exacta Delineatio Americae Partis Australis" by Jodocus Hondius (1599) and in "Delineatio Omnium Orarum Totius Australis Partis Americae" Arnold Florent van Langren (1596).



Figura 16. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: gravuras da "simivulpa" na "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio" de Gerard Mercator (1569) e nos mapas de Petrus Plancius nomeados como "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" (fac-símile do original de 1592, in Wieder, 1927) e "Meridionalis Americae Pars in quinque regiones ab Hispanis dividitur" (ca. 1592-1594).

Figure 16. From left to right, top to bottom: engravings of the "simivulpa" in "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio" by Gerard Mercator (1569) and in maps by Petrus Plancius named "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" (facsimile of the 1592 original, in Wieder, 1927) and "Meridionalis Americae Pars in quinque regiones ab Hispanis dividitur" (ca. 1592-1594).

deram ser vinculados a nenhuma fonte em particular, seja pela falta de detalhes ou pela inventividade de seus criadores. Os primeiros incluíam as gravuras do "Ragionamento" de Luca Contile (1574), do frontispício do "Speculum Orbis Terrae" de Cornelis de Jode (1593)⁸⁶ e da "Nova Totius Orbis Descriptio" atribuída a Giacomo Gastaldi (ca. 1600), enquanto o segundo grupo englo-

ba a alegórica "Americca" de Etienne Delaume (1575) e uma prancha da "Nieuwe en Onbekende Weereld" de Arnoldus Montanus (1671) – reimpressa sem retoques na tradução inglesa de John Ogilby trazida à luz nesse mesmo ano (Figs. 20 e 21). Sob esse ponto de vista, a variante observada no anônimo "Peru Regio" (após 1530) e na "Americae sive quartae orbis partis" de Diego Gutiérrez (1562) revela-se digna de nota, pois o porte delgado e a posição da teta recordam uma das gravuras existentes nas traduções latina, francesa e italiana Sebastian Münster, mas o formato da cabeça e os longos caninos sugerem uma origem diversa (compare

⁸⁶ Vide Contile (1574) e Jode (1593). Sem oferecer maiores justificativas, Eisler (1995) especula que a imagem do "Speculum Orbis Terrae" poderia estar inspirada em um canguru encontrado durante uma "antiga viagem espanhola à Nova Guiné" (vide nota 2). Um animal bastante similar aparece em uma gravura composta pelo impressor italiano Francisco Villamena no ano de 1602, assunto tratado de forma exaustiva no abrangente estudo de Rice (2006).



Figura 17. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: gravuras da "simivulpa" na "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" de Jodocus Hondius (fac-símile de 1927 do original de 1608), na "Magna Orbis Terrarum Nova" de Luis Teixeira (1604), na "Nova orbis terrarum geographica ac hydrographica descriptio" de Frans van den Hoeye (1610-1636?) e no "Planisfério" de Josua van den Ende (1604).

Figure 17. From left to right, top to bottom: engravings of the "simivulpa" in "Nova et Exacta Terrarum Orbis Tabula" by Jodocus Hondius (1927 facsimile of the 1608 original), in "Magna Orbis Terrarum Nova" by Luis Teixeira (1604), in the "Nova orbis terrarum geographica ac hydrographica descriptio" by Frans van den Hoeye (1610-1636?) and in the "Planisphere" by Josua van den Ende (1604).

Figs. 9 e 22)⁸⁷. Sem apresentar vestígios de mamas ou filhotes, o mamífero de face canina, cauda curta e ventre assaz proeminente encontrado na anônima "Carta Harleian" (ca. 1546) talvez possa estar associado à "simivulpa", mas a estranha besta de colorido brancacento e peito volumoso do planisfério de Pierre Desceliers (1546) sequer pode ser identificado como um carnívoro de qualquer tipo (Fig. 23)⁸⁸.

⁸⁷ Existiriam apenas dois exemplares completos do mapa de Gutiérrez pertencentes à Library of Congress em Washington D.C. (G3290 1562. G7) e à British Library em Londres (Map 69810). Pairam dúvidas, entretanto sobre quantas folhas avulsas ou cópias parciais poderiam estar em circulação. Sem autor conhecido, o "Peru regio Caroli V mandato et auspitiis Ao 1530 perlustrata est inventaq" talvez tenha sido impresso na segunda metade do século XVI, estando representado por um exemplar no Département de Cartes et Plans da Bibliothèque Nationale de France em Paris (GED 7958).

⁸⁸ George (1969) tampouco parece convencida e chega a falar de uma "vaca com bolsa" ("pouched cow"). Por outro lado, a associação com a "simivulpa" defendida por Cardoso (1915) baseia-se na imagem bastante retocada de um fac-símile litografado pelo cartógrafo Eugène Rembielinski em 1852. Também conhecido como "Mape du Dauphin", o original do "Mappemonde" de Pierre Desceliers encontra-se depositado na Manchester Library da University of Manchester (French MS 1*), ao passo que a "Carta Harleian" pertence à British Library, Londres (Add. MS 5413).

Obras ligadas aos marsupiais são raras nas artes plásticas dos séculos XVI e XVII. A mais antiga parece pertencer à "Arca de Noé sobre o Monte Ararat" de Simon de Myle (1570) e mantém relação com a prancha da "Historia Animalium", a despeito de os exemplares possuírem longas caudas muito próximas daquelas observadas em várias espécies do Neotrópico – discrepância inusitada passível de ser entendida tanto como uma inesperada licença artística quanto uma surpreendente correção respaldada em alguma fonte desconhecida⁸⁹ (Fig. 24). Em 1620, uma "simivulpa" muito estilizada amamentando dois filhotes iria adornar o teto da "Long Gallery" do castelo de Earls Hall, Escócia, enquanto Jan van Kessel, "o Velho", reproduziria a gravura de Gesner – ou uma de suas

⁸⁹ Entre 1539 e 1553, o viajante italiano Galeotto Cei ressaltaria existirem "certos mapas-múndi antigos" que "pintariam" os gambás "com nenhuma ou pouca cauda", enquanto ele os "havia visto e segurado na mão pela cauda, longa como a de nossos gatos – ou mais" ("Per certi mappamondi vecchi li dipingono senza o con poca coda: io li ho visti tenuti in mano per la coda, lunga come la delli nostri gatti, o più", vide Cei, 1992, 1995). Outros detalhes sobre o quadro de Simon de Myle, hoje pertencente à uma coleção particular, estão disponíveis em Teixeira (2022).



Figura 18. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: gravuras da "simivulpa" na "Nova et Acuratta Totius America Tabula" de Charles Alexis-Hubert Jaillot (1669), na "America Quarta Pars Orbis" de Claes Visscher (ca. 1650) e na "Nova et Acuratta Totius America Tabula" de Pietro Todeschi (ca. 1673).

Figure 18. From left to right, top to bottom: engravings of the "simivulpa" in "Nova et Acuratta Totius America Tabula" by Charles Alexis-Hubert Jaillot (1669), in "America Quarta Pars Orbis" by Claes Visscher (ca. 1650) and in "Nova et Acuratta Totius America Tabula" by Pietro Todeschi (ca. 1673).



Figura 19. Gravura da "simivulpa" segundo detalhes da "Americae Tabula Nova Multi-Locis", mapa de autor desconhecido datado de 1600.

Figure 19. Engraving of the "simivulpa" according to details from the "Americae Tabula Nova Multi-Locis", a map by an unknown author dated 1600.

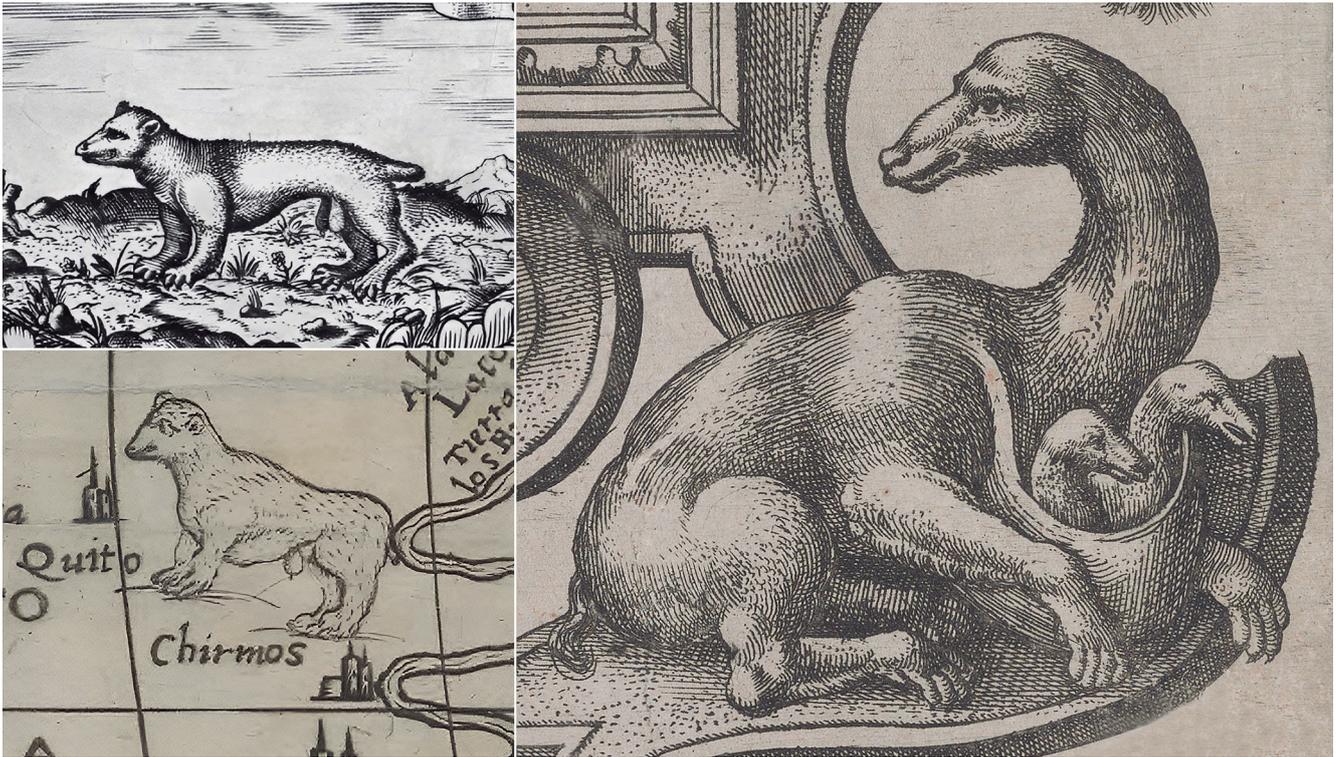


Figura 20. De cima para baixo, da esquerda para a direita: gravuras da "simivulpa" no "Ragionamento" de Luca Contile (1574), na "Nova Totius Orbis Descriptio", mapa atribuído a Giacomo Gastaldi (ca. 1600) e no frontispício do "Speculum Orbis Terrae" de Cornelis de Jode (1593).

Figure 20. From top to bottom, from left to right: engravings of the "simivulpa" in the "Ragionamento" by Luca Contile (1574), in the "Nova Totius Orbis Descriptio", map attributed to Giacomo Gastaldi (ca. 1600) and in the frontispiece of the "Speculum Orbis Terrae" by Cornelis de Jode (1593).



Figura 21. Da esquerda para a direita: a "simivulpa" segundo gravuras da "America" de Etienne Delaume (1575) e da "Nieuwe en Onbekende Weereld" de Arnoldus Montanus (1671).

Figure 21. From left to right: the "simivulpa" according to engravings in "America" by Etienne Delaume (1575) and "Nieuwe en Onbekende Weereld" by Arnoldus Montanus (1671).

cópias incontáveis – no painel lateral dedicado a "Moscou" da "Europa" (1664), quadro pertencente à famosa série de quatro composições conhecida como "Alegoria dos Continentes"⁹⁰ (Fig. 25). Trata-se de uma escolha sin-

gular, pois o mesmo autor acrescentaria representações bastante razoáveis de um gambá (*Didelphis* sp.) nesse mesmo conjunto de pinturas dedicadas às diferentes partes do mundo. Conforme será visto adiante, ainda que imagens fidedignas desses mamíferos circulassem entre os europeus no século XVI, tal disponibilidade não impediria a ascensão da fabulosa "simivulpa". De fato, nenhuma das ilustrações realistas dedicadas aos marsu-

⁹⁰ Vide Martinez (2022). A exemplo do caso de Jan van Kessel, não é fácil definir se a "simivulpa" do castelo de Earlshall estaria baseada nas gravuras de Gesner (1551) ou Topsell (1607), conforme sugerido por Bath (2003) e Egmond (2018). Depositada na Alte Pinakothek de Munich, a "Alegoria dos Continentes" compreende quatro pinturas dedicadas à Europa, Ásia, África e América (Inv. Nº 1910, 1911, 1912 e 1913), das quais apenas a "Europa" e a "América" encontram-se datadas, respectivamente para 1664 e 1666. Cada uma delas possui um painel central cercado por dezesseis menores inspirados em diferentes cidades ou localidades significativas das respectivas regiões, escolha nem sempre respaldada pela realidade geográfica (Teixeira,

2002). De resto, vale observar que a "simivulpa" de Kessel – uma fêmea amamentando dois filhotes – parece estar acompanhada por um macho de aspecto um tanto diverso, dimorfismo fictício ausente no casal retratado na "Arca de Noé" de Simon de Myle (compare Figs. 24 e 25).



Figura 22. Gravura da "simivulpa" segundo detalhe do "Peru Regio", mapa de autor desconhecido posterior a 1530.

Figure 22. Engraving of the "simivulpa" according to detail from "Peru Regio", a map by an unknown author after 1530.



Figura 23. Da esquerda para a direita: ilustrações dos quadrúpedes retratados na anônima "Carta Harleian" (ca. 1546) e no "Planisfério" de Pierre Desceliers (1546).

Figure 23. From left to right: illustrations of the quadrupeds portrayed in the anonymous "Harleian Letter" (ca. 1546) and in the "Planisphere" by Pierre Desceliers (1546).

pliais do neotrópico parece ter conquistado espaço no terreno da cartografia, ausência indicativa da "simivulpa" ter ganhado vida própria, perpetuando sua presença nos mapas apesar da realidade dos fatos.

DISCUSSÃO

Desde o primeiro quartel do século XVI existiriam publicações sobre os marsupiais do Novo Mundo capazes de se antepor ao nebuloso relato de Pietro Martire d'Anghiera e todas as narrativas decorrentes. Com efeito, no "Sumario de la Natural Historia de las Indias" de 1526, Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés descreve a "churca" como uma encarniçada matadora de galinhas semelhante às ratanas pelas orelhas, cauda longa e pelagem, apesar de alcançar maior tamanho e possuir uma insólita bolsa no ventre (Anexo 18)⁽⁹¹⁾. No entanto,

⁹¹ Conforme Oviedo y Valdés (1526). Ainda mais surpreendente é o fato de Hernán Cortés ter levado um gambá para Espanha em maio de 1528, conforme assinala Herrera y Tordesillas (1601-1615). Apesar de algumas espécies de marsupiais arborícolas por vezes serem confundidas com "macaquinhos" (vide nota 52), os habitantes do Brasil em geral associam os

algumas publicações quinhentistas parecem apoiar-se tanto em Oviedo quanto em Pietro Martire, por vezes chegando a mesclar as duas referências, situação bem exemplificada pela "De Subtilitate" publicada por Girolamo Cardano em 1550⁽⁹²⁾. Seis anos depois, o terceiro volume das "Navigationi et Viaggi" de Giovanni Battista Ramusio reuniria a primeira "Década" de Pietro Martire e "Sumario" de Oviedo no mesmo tomo⁽⁹³⁾.

marsupiais aos ratos, conforme explicitam as denominações de "rato-cachorro", "rato-cassaco", "rato-catita" e "rato-cuíca".

⁹² Segundo Cardano (1550), haveria na "Etiópia" um animal "com a parte dianteira de raposa e a traseira de cercopiteco, as patas da frente humanas e as orelhas de morcego, possuindo uma bolsa debaixo do ventre onde carrega seus filhotes para todos os lados e não permite que saiam, exceto quando querem mamar. As Índias Ocidentais produzem a 'chiurca' da família das doninhas, que carrega seus filhotes da mesma maneira" ("Animal aliud mittit Aethiopia, parte anteriore vulpi persimile, cauda & posteriore cercopitheco, pedibus anterioribus humanis, auribus vesperilionis, quod crumenam habet sub ventre, qua catulos undequaque gerit, nec dimittit nisi dum lactare vult. Mittit & India occidentalis Chiurcam è mustellino genere, quae eodem modo filios secum fert" no original). Além da óbvia alusão à "churca" de Oviedo, essa breve referência emprega os termos das "Décadas" de Pietro Martire para descrever um representante dos Phalangeridae. Vide nota 4.

⁹³ Vide Ramusio (1556). Versões desses mesmos textos já haviam sido reproduzidas mais de vinte anos antes em tomos distintos da "Historia de l'Indie Occidentale" (Ramusio, 1534), ao passo que autores como Bembo (1551) também parecem reunir informações de ambas fontes.



Figura 24. Detalhe do casal de "simivulpas" retratado na "Arca de Noé sobre o Monte Ararat" de Simon de Myle (1570).
Figure 24. Detail of the "simivulpas" couple portrayed in "Noah's Ark on Mount Ararat" by Simon de Myle (1570).

Apesar de sua indiscutível excelência, o "Sumario" nunca suplantaria a consagrada "Historia Animalium" de Gesner – situação bastante favorável à permanência da narrativa de Pietro Martire. O mesmo se aplica a outras fontes como a "Warhaftige Historia" de Hans Staden, livro datado de 1557 que obteve grande sucesso e alcançou quatro edições no ano de seu lançamento⁽⁹⁴⁾. O aventureiro alemão dedica todo o capítulo XXX ao "serwoy", "uma espécie de caça [...] do tamanho de um gato, branco de pelagem parda e também cinzenta. Tem rabo como o gato. Quando dá à luz, pare um ou seis filhos e tem uma fenda no ventre de perto de palmo e meio de comprido. Por dentro da fenda há mais uma pele, pois que o ventre não lhe é aberto e por dentro da bolsa estão as tetas. Por onde quer que vá, leva consigo os filhos dentro do saco, entre as duas peles. Muitas vezes ajudei a apanhá-la e lhe tirei os filhos da bolsa"⁽⁹⁵⁾. Remontando

a 1576, as observações de Pero de Magalhães Gandavo sobre os "cerigoês" tampouco obteriam maior repercussão⁽⁹⁶⁾, enquanto os comentários de autores como Galeotto Cei (1539-1553), o padre Joseph de Anchieta (1560) e Gabriel Soares de Sousa (1584-1587) acabariam sendo impressas com séculos de atraso⁽⁹⁷⁾.

A gravura do "serwoy" no livro de Staden passaria despercebida de seus contemporâneos, mesmo destino das ilustrações de outros autores que permaneceram inéditas até data muito recente. Entre as mais significativas, vale destacar aquela da "churcha" de Fernández de Oviedo (antes de 1535, conhecida apenas de uma cópia muito posterior na Colección Muñoz⁽⁹⁸⁾), as pinturas bem

inwendig des schlitzes hats noch eyne haut Dann der bauch ist jme nit offen und inwendig dem schlitzz hats die düttén und wo es hin gehet tregt es die jungen inn dem schlitzz zwischen den zweyen heuten Ich hab sie offtmals helffen fangen und die jungen auß dem schlitzz gelanget" no original de Staden (1557a).

⁹⁴ A primeira tiragem viria à luz em Marburg a 2 de março de 1557, seguida por uma outra impressa na mesma cidade em 8 de setembro e mais duas publicadas em Frankfurt am Main ainda em 1557 (Staden, 1557a, 1557b, 1557c, 1557d). Até o ano de 1964, teriam surgido 83 edições, sendo 27 em alemão, 25 em holandês, 15 em português, cinco em espanhol, quatro em latim, três em francês, três em inglês e uma em japonês. Para uma relação detalhada, vide K. Fouquet (in Staden, 1964).

⁹⁵ "Es hat auch eyn art Wildts heysset Serwoy ist so groß wie eyn katze weissgrau von haren auch schwartzgraw. Hat eyne schwantzz wie eyn katz. Unnd wann es geberet hats eyn junges oder sechs hat eyne schlitzz an dem bauch ist wol eyner halben spannen lang und

⁹⁶ "Outro genero de animaes ha na terra, a que chamão cerigoês, que sam pardos & quasi tamanhos como raposas: os quaes tem huma abertura na barriga ao comprido de maneira que de cada banda lhes fica hum bolso, onde trazem os filhos metidos" (Gandavo, 1576). A extrema raridade do livro de Gandavo levaria a especulações em torno de uma tiragem muito reduzida e a eventual interferência das autoridades portuguesas buscando evitar a divulgação de notícias sobre as possessões ultramarinas (Moraes, 1983).

⁹⁷ Os textos desses autores seriam publicados entre os séculos XVIII e XX (vide Anchieta, 1799; Cei, 1992 e Sousa, 1825).

⁹⁸ Depositada na Real Academia de la Historia em Madrid, essa coleção abarca 76 volumes que reúnem as anotações, apógrafos e resumos dos milhares de documentos consultados por Don



Figura 25. Casal de "simivulpas" retratado no painel lateral dedicado a "Moscou" da "Europa", uma das quatro pinturas integrantes da "Alegoria dos Continentes" de Jan van Kessel, "o Velho" (1664).

Figure 25. Couple of "simivulpas" portrayed in the side panel dedicated to "Moscow" of "Europe", one of the four paintings included in the "Allegory of Continents" by Jan van Kessel, "the Elder" (1664).

como as pinturas do "tlaquatli" no "Codex Florentinus" de Frei Bernardino de Sahagún (1577) – célebre manuscrito que dispensa maiores comentários – além dos desenhos do "tlaquatzin" e do "tambu" presentes na "Relación de las Minas de Temazcaltepec y Tuzantla" (1580) e na anônima "Historia dos Animaes e Arvores do Maranhão" (ca. 1624-1626)⁹⁹ (Figs. 26 e 27).

De forma por vezes gratuita, os textos e imagens quinhentistas sobre os metatérios do Novo Mundo costumam ser atribuídos aos representantes do gênero *Didelphis*, tendência mantida durante o século XVII apesar

da multiplicação das fontes disponíveis. Algumas das primeiras gravuras confiáveis de gambás seriam impressas em 1635 e 1648 na "Historia Naturae, maxime peregrinae" de Juan Eusebio Nieremberg e na "Historiae rerum naturalium Brasiliae" de Georg Marcgrave. Em 1658, esta última seria reproduzida – com o acréscimo de dois filhotes – na "Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles" de Charles de Rochefort. Além disso, pinturas bastante acuradas desses quadrúpedes podem ser observadas em diferentes quadros de Frans Post e Jan van Kessel, "o Velho", concluídos após 1610 (Figs. 28 e 29)¹⁰⁰.

Juan Bautista Muñoz y Ferrandis entre 1770 e 1799 (Bas Martín, 1992). Embora a cópia em questão esteja baseada no manuscrito da "Historia general y natural de las Indias", o desenho original nunca chegou a ser publicado (vide Oviedo y Valdés, 1535, 1851-1855). Para outras informações, consulte-se Turner (1985).

⁹⁹ Atribuído a Frei Cristóvão de Lisboa, a "Historia dos Animaes e Arvores do Maranhão" na realidade parece ser da autoria de um francês ou de alguém que tivesse grande familiaridade com a língua francesa (compare Cristóvão de Lisboa, 1967, 2000, versus Papavero & Teixeira, 1999, 2000). Seria publicado na íntegra no terceiro quartel do século XX. Já o relatório sobre as minas de Temazcaltepec y Tuzantla foi concluído pelo alcaide Gaspar de Covarrubias em 1580 e integra as chamadas "Relaciones Geográficas", extensos questionários enviados pelo governo de Felipe II às autoridades encarregadas das possessões espanholas do Novo Mundo. Encontra-se disponível em Acuña (1986).

¹⁰⁰ Entre eles estariam a "Paisagem Brasileira com uma Casa em Construção", quadro de Frans Post (ca. 1612-1680) depositado na Mauritshuis de Haia (tombo 1127), além da "Alegoria da Ásia", pintura de Jan van Kessel, "o Velho" (ca. 1660-1679), pertencente a um acervo particular. Sobre as gravuras mencionadas, vide Marcgrave (1648), Nieremberg (1635) e Rochefort (1658). Nem mesmo os trabalhos desenvolvidos ao longo dos séculos XVIII e XIX por naturalistas como Buffon (1763) e Cuvier (1829-1830) impediriam autores mais recentes de identificar o quadrúpede capturado por Vicente Yáñez Pinzón como um canguru (e.g. J.T. Asensio in Martire d'Anghiera, 1892), equívoco grosseiro que chegou a gerar uma curiosa disputa no começo do século XX (compare Alexander, 1914 versus Estreicher, 1914). Divergindo da maioria, Rio Branco (1899) atribuiu esse mesmo animal a uma cuica-d'água, *Chironectes minimus* (Zimmermann, 1780), enquanto Martínez (2022) erroneamente associa o "tlaquatzin" de Nieremberg (op. cit.) a um representante do gênero *Caluromys*. A descrição do "saricovieune" de Thevet (1557) de fato parece dizer respeito a *Chironectes minimus*, enquanto a iconografia no Brasil



Figura 26. De cima para baixo, da esquerda para a direita: a "churca" de Gonzalo Fernández de Oviedo (cópia de original anterior a 1535 in Turner, 1985), o "tlaquatl" do "Codex Florentinus" de Frei Bernardino de Sahagún (1577) e o "serwoy" de Hans Staden (1557).

Figure 26. From top to bottom, left to right: the "churca" by Gonzalo Fernández de Oviedo (copy of the original before 1535 in Turner, 1985), the "tlaquatl" from the "Codex Florentinus" by Frei Bernardino de Sahagún (1577) and Hans Staden's "serwoy" (1557).

Grande parte da atenção despertada pelos marsupiais – inclusive a "simivulpa" – está relacionada à presença de uma bolsa ventral onde os filhotes se abrigavam, estrutura inconcebível a ponto de Luciano de Samósata atribuí-la aos habitantes da lua mencionados em sua mordaz "História Verdadeira" (século II d.C.)⁽¹⁰¹⁾. Na tentativa de descrever tal portentoso, diversos renascentistas seriam obrigados a empregar comparações com os outros mamíferos conhecidos na época, no mais das vezes primatas e carnívoros como raposas, doninhas, texugos ou civetas. Muitos designavam os metatérios como "prodígios", "monstros", "híbridos" ou seres de natureza "intermediária" – recursos utilizados com frequência para explicar a descoberta de um número cada vez maior de espécies zoológicas sem nada em comum com a fauna conhecida, realidade que afrontava a crença em uma Arca de Noé e outros dogmas da verdade revelada⁽¹⁰²⁾. Daí viriam os "macacos-raposas" de Conrad Gesner, Ulisse Aldrovandi e Athanasius Kircher, bem como as "raposas-civetas" de Julio Scaliger, criaturas incomuns o suficiente para serem tratadas como um autêntico centão formado pelas partes de diferentes animais, tendência muito clara nos textos de Pietro Martire d'Anghiera, Girolamo Cardano e Francisco Hernandez⁽¹⁰³⁾. O mesmo ocorreria em relação aos representantes australianos, os quais também ganhariam a pecha de "anomalias" em pleno século XIX, sendo encarados por Erasmus Darwin como

"animal mules" resultantes do cruzamento de quadrúpedes distintos⁽¹⁰⁴⁾.

Apesar de toda estranheza causada pelo marsúpio, a reprodução dos gambás não teria despertado inicialmente grandes inquietações. Na verdade, esses mamíferos foram vistos a princípio como uma exótica variedade de carnívoros detentora de uma bolsa ventral empregada para abrigar filhotes pequenos, os quais deixariam seu refúgio apenas para – a exemplo dos eutérios – se alimentar nas tetas situadas entre as patas traseiras da fêmea, suposição errônea amplamente divulgada pela vasta iconografia resultante das ilustrações de Martin Waldseemüller e Conrad Gesner. Embora certos aspectos não estejam claros, existem comentários de autores quinzentistas sobre as crias só chegarem ao marsúpio depois de virem à luz, premissa que reduzia essa estrutura ao papel de receptáculo destinado ao crescimento dos recém-nascidos onde as mamas estavam de fato localizadas⁽¹⁰⁵⁾. De acordo com o jesuíta Joseph de Anchieta, as "sariguéias" tinham "na parte inferior da barriga uma espécie de saco para onde vão os filhos quando são paridos". Nele estavam escondidas as mamas e "cada filhote agarra sua teta e dela não larga até conseguir ficar de pé e andar sozinho"⁽¹⁰⁶⁾. Mais incisiva é a afirmação do mé-

Holandês inclui a ilustração de um gambá e de outro marsupial de pequeno porte sob o nome de "aguaiá", talvez uma *Marmosa* sp. Para outros detalhes, consulte-se Teixeira (1995) e Teixeira & Papavero (2003).

¹⁰¹ Segundo a "História Verdadeira", o estômago dos habitantes da lua "é como um saco onde guardam tudo que necessitam, pois ele ora está aberto, ora fechado. Nele não se vêem nem intestinos nem fígado, mas apenas um interior todo ele peludo e eriçado, de forma que os recém-nascidos, quando é muito frio, se aconchegam ali" (Luciano de Samósata, 2012). Ao descrever a "simivulpa" na "Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio", mapa datado de 1569, Gerard Mercator destacaria "uma bolsa sob o ventre na qual mantém seus filhotinhos aquecidos" (Tabela 2).

¹⁰² Vide Papavero et al. (2004).

¹⁰³ Vide Aldrovandi (1637), Cardano (1550), Gesner (1551), Francisco Hernandez (in Recchi, 1628), Kircher (1675), Martire d'Anghiera (1511, 1516, 1530) e Scaliger (1557).

¹⁰⁴ Vide Smith (1960).

¹⁰⁵ Essas observações não detalham como se daria o nascimento dos filhotes e tampouco tecem considerações sobre a ausência de uma abertura genital comparável a dos placentários, conforme será visto adiante. Não é de todo impossível supor o registro de um parto ou a dissecação de um espécimen, tanto mais que Francisco Hernandez (in Ximenez, 1615) menciona ser o "tlaquatzin" – *Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758 ou *Didelphis virginiana* (Ker, 1792) – criado por muitas pessoas "por regalo y recreación".

¹⁰⁶ "Há também outro [animal] semelhante a uma pequena raposa e ao qual os índios chamam sariguéa, que exala muito mau cheiro e gosta muito de comer galinhas. Tem na parte inferior da barriga uma espécie de saco, dividido de cima para baixo, em que estão escondidos os seios e entrando para ele os filhos quando os pare, agarra cada um em sua teta e dali não saem até que, não precisando mais do auxílio materno, possam ficar em pé e andar por si. Mas antes, depois da morte da mãe, só com muita dificuldade podem ser arrancados vivos de suas tetas. Já matamos muitas e entre elas uma com sete filhotes encerrados na mencionada bolsa" (Anchieta in Peixoto, 1933). Esta passagem da "Epistola quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem" foi escrita por Anchieta "ao último de maio de 1560" nos seguintes termos: "Est et aliud Vulpeculae sere fimile (quod Indi Sariguéa dicunt) quod magnum ex se emittit foetorem, et Gallinarum esu maxime delectatur:

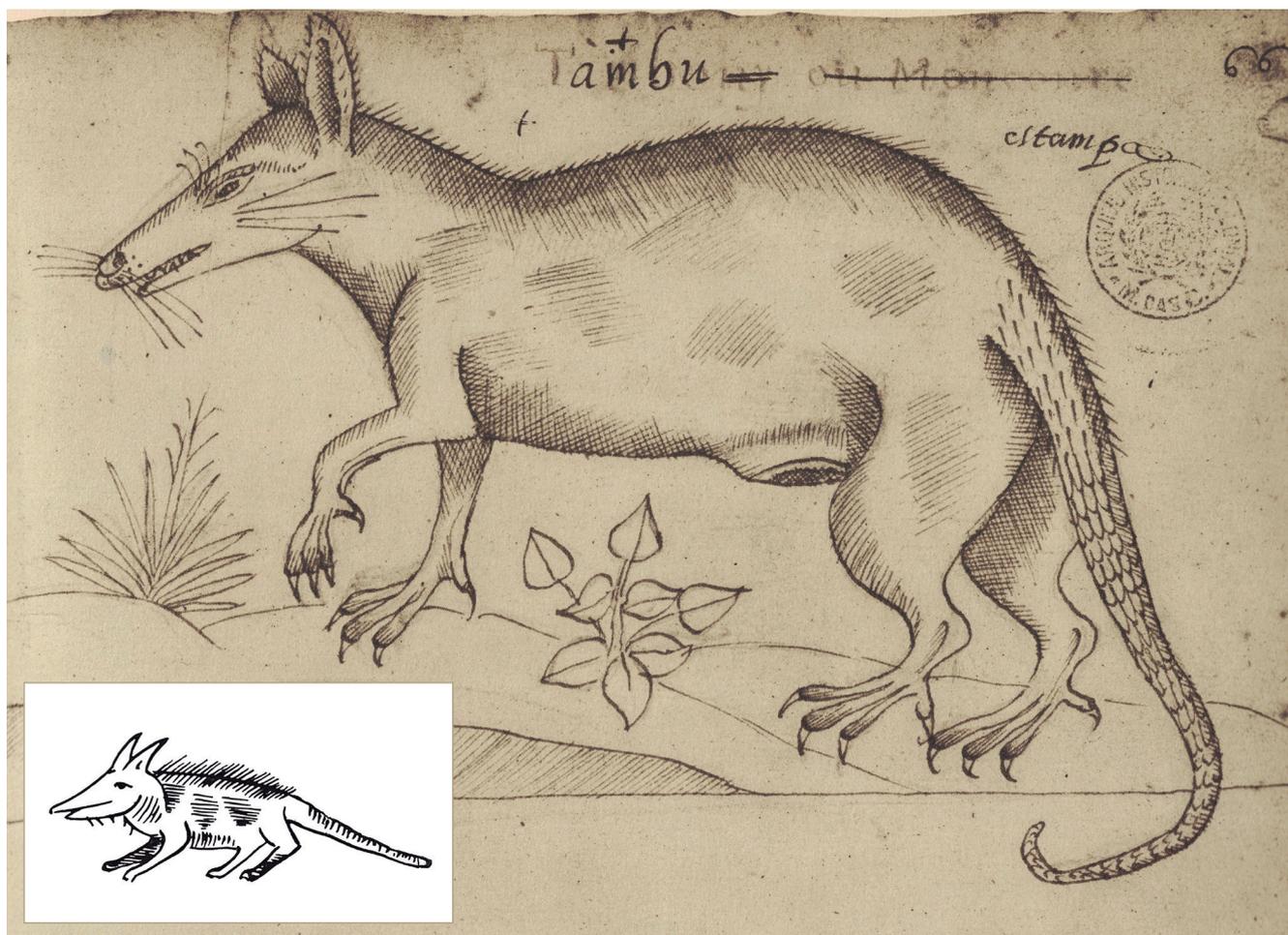


Figura 27. O “tambu” da anônima “Historia dos Animaes e Arvores do Maranhão” (ca. 1624-1626) e detalhe do “tlaquatzin” representado na “Relación de las Minas de Temazcaltepec y Tuzantla” (1580).

Figure 27. The “tambu” from the anonymous “Historia dos Animaes e Arvores do Maranhão” (ca. 1624-1626) and detail of the “tlaquatzin” represented in the “Relación de las Minas de Temazcaltepec y Tuzantla” (1580).

dico Francisco Hernandez sobre filhotes concebidos em um “útero” e “encerrados em certa concavidade no ventre” após “virem à luz”, portanto crescendo em um “local especialmente disposto pela natureza para esse fim”⁽¹⁰⁷⁾. Nesse sentido, os “Diálogos das Grandezas do Brasil” também estabelecem a existência de um “bolso debaixo da barriga dentro do qual agasalham os filhos depois que os parem”⁽¹⁰⁸⁾.

hoc habet in inferiore parte alvi folliculum quendam a summo ad deorsum divisum, quo ubera operiuntur; in quem, cum primum editi sunt, ingressi foetus, singuli singulis uberibus adhaerent, nec inde exeunt, donec matris auxilio minime indigentes, per se jam stare et gradi valeant, imo et post matris occisionem incolumes vix possunt ab ejus uberibus divelli. Occidimus jam multa, inter quae unum cum septem filiis illo folliculo inclusis” (in Anchieta, 1799).

¹⁰⁷ Médico de câmara de Felipe II, Francisco Hernandez permaneceria no México entre 1571 e 1578 para estudar as potencialidades da flora e fauna do Novo Mundo. Faleceu em 1587 sem publicar seus manuscritos, todos destruídos durante um incêndio ocorrido em 1671 no Escorial. Restaram apenas cópias e resumos nos quais se baseiam os livros organizados por Agustín Farfán (1579), Francisco Jiménez (1615) e Nardo Antonio Recchi (1628). De acordo com essa última versão, o “tlaquatzin” (*Didelphis* sp.) tinha ninhadas de quatro ou cinco filhotes que eram concebidos no útero e passavam, depois do nascimento, para uma cavidade no ventre materno na qual permaneciam encerrados até crescerem (“*Quaternos, quinosue parit catulus, quos utero conceptos, editosque in lucem, alvi cavitare quadam, dum adhuc parvuli sunt, condit et servat*”).

¹⁰⁸ Elaborado por volta de 1618, os “Diálogos” costumam ser atribuídos a Ambrósio Fernandes Brandão e só foram publicados na íntegra durante a primeira metade do século XX (Anônimo, 1930). Sobre as controvérsias em relação à autoria e detalhes acerca dos dois manuscritos apócrifos conhecidos até o momento, vide Pérez (2021) e Sobreira (2019).

Vários europeus radicados na América buscariam determinar como os gambás se reproduziam, tarefa nada fácil devido às peculiaridades desse grupo de mamíferos. Dotados de testículos aparentes e um pênis bífido retrátil, os machos eram menos díspares dos demais quadrúpedes em termos de sua aparência externa, mas suas companheiras revelavam-se assaz desconcertantes pela ausência de uma vulva, apresentando somente um ânus e uma bolsa privada de qualquer comunicação com o interior do corpo. Sem atinar que os dutos excretor e genital dos metatérios convergem para uma cloaca, várias fontes dos séculos XVI e XVII terminariam por forjar uma inimaginável casta de bestas onde as fêmeas possuíam o esperado orifício excretor e órgãos reprodutivos sediados no marsúpio. Com efeito, segundo as observações de Pero de Magalhães Gandavo, “destes animais afirma-se que não concebem nem geram os filhos na barriga senão naqueles bolsos, porque nunca de quantos se tomaram achou-se algum prenhe. Além disso há outras conjecturas mui prováveis, por onde se tem por impossível parirem os tais filhos, como todos os outros animais (segundo a ordem da natureza) parem os seus”, alusão reveladora da perplexidade do cronista face à inexistência de uma abertura vaginal indepen-



Figura 28. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: o "tlaquatzin" de Juan Eusebio Nieremberg (1635), a "carigueya" ou "tajibi" de Georg Marcgrave (1648) e o "opassum" de Charles de Rochefort (1658).

Figure 28. From left to right, top to bottom: the "tlaquatzin" by Juan Eusebio Nieremberg (1635), the "carigueya" or "tajibi" by Georg Marcgrave (1648) and the "opassum" by Charles de Rochefort (1658).



Figura 29. Da esquerda para a direita: detalhes dos gambás (*Didelphis* sp.) retratados na "Paisagem Brasileira com uma Casa em Construção" de Frans Post (ca. 1612-1680) e na "Alegoria da Ásia" de Jan van Kessel, "o Velho" (ca. 1660-1679).

Figure 29. From left to right: details of the opossums (*Didelphis* sp.) portrayed in "Brazilian Landscape with a House under Construction" by Frans Post (ca. 1612-1680) and in "Allegory of Asia" by Jan van Kessel, "the Elder" (ca. 1660-1679).

dente⁽¹⁰⁹⁾. Na enviesada interpretação de Gabriel Soares de Sousa, os filhotes eram formados no marsúpio e este "bolso" permanecia fechado até a hora de um excêntrico "parto", definido como o momento no qual as crias já capazes de acompanhar a mãe deixavam seu refúgio – evidente paralelo com o modelo observado entre os placentários⁽¹¹⁰⁾. Tendo permanecido no Brasil entre 1634 e 1641, o mercenário alemão Zacharias Wagener sequer reconheceria a possibilidade de de os "timbús" serem fecundados por seus semelhantes⁽¹¹¹⁾.

¹⁰⁹ Vide Gandavo (1576), que teria passado alguns anos no Brasil durante a década de 1560.

¹¹⁰ Escrito entre 1584 e 1587, o texto de Gabriel Soares de Sousa seria publicado apenas no primeiro quartel do século XIX. A passagem supracitada define os gambás (denominados "semgoi") como "hum bicho do tamanho de hum gato grande, de côr preta e alguns ruivaços, tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça não tem cabelo; as fêmeas tem na barriga hum bolso, em que trazem os filhos metidos enquanto são pequenos, e parem quatro, e cinco, e tem as tetas junto do bolso, onde os filhos mamão, e quando emprenhão, gerão os filhos neste bolso, que está fechado, e se abre quando parem, onde trazem os filhos, até que podem andar com a mãe, que se lhe fecha o bolso. Vivem estes de rapina, e andão pelo chão escondidos espreitando as aves e em povoado as galinhas, e são tão ligeiros que lhes não escapão" (Sousa, 1825).

¹¹¹ Sobre o "tajimbúgh" (*Didelphis* sp.), Zacharias Wagener observa que "até o dia de hoje não foi possível saber ao certo se esse curioso animal pode ou não ser fecundado por outro da mesma espécie" ("Man hat bis auf diesen heutigen Tag noch nicht wohl vernehmen können, ob die-

Na tentativa de compreender essa intrigante questão, os povos originários do Novo Mundo e Austrália elaborariam duas explicações opostas igualmente engenhosas. Para algumas culturas da América do Norte, os gambás eram sexuados e copulavam, mas os machos – na ausência de uma abertura genital discernível nas fêmeas – introduziam seu pênis bifido no nariz de suas parceiras e estas, estando grávidas, "espirravam" os filhotes na bolsa ventral⁽¹¹²⁾. A maioria, porém, defendia a alternativa de as fêmeas produzirem suas ninhadas por partenogênese sem qualquer intervenção do macho, a mesma tese assumida pelos aborígenes da Austrália sobre as espécies locais⁽¹¹³⁾. Baseados ou não no saber indígena, os primei-

ses seltsame Tierlein mit Zutun eines anderen von dergleichen Art trüchtig gemacht werden kann oder nicht" no original). Vide Falcão (1964) e Teixeira (1997).

¹¹² Conforme Hartman (1921).

¹¹³ Vide Burton (1955), Kruse (1951, 1952), Mooney (1900), Nimuendaju (1914) e Swanton (1929). No caso do Brasil, alguns desses mitos seriam reinterpretados pelos jesuítas do século XVII para auxiliar na catequese. De fato, o Padre Simão de Vasconcellos (1663) não só afirmava que os "çarigués [...] concebiam, geravam e criavam" os filhos no "bolso" localizado "na parte inferior do ventre", como atribuía tal fenômeno à graça divina, pois a Virgem Maria teria libertado as fêmeas dos gambás das "dores do parto" em recompensa pelo auxílio prestado à Sagrada Família durante sua fuga para o Egito. Tal crença sobreviveu pelo menos até meados do século XX no folclore de algumas partes do Brasil, conforme registrado por Meyer (1951).



Figura 30. Da esquerda para a direita: gravuras de Edward Tyson (1698) retratando a fêmea de *Didelphis virginiana* e detalhes de seu aparelho reprodutivo, cabendo destacar os ovários (A), trompas de Falópio (c), úteros (E) e cloaca (i).

Figure 30. From left to right: engravings by Edward Tyson (1698) depicting the female *Didelphis virginiana* and details of her reproductive system, highlighting the ovaries (A), fallopian tubes (c), uteri (E) and cloaca (i).

ros cronistas da América – e mesmo aqueles tardios da Austrália – aceitariam a hipótese partenogenética dos filhotes germinarem como frutos nas tetas maternas e nelas permanecerem presos até atingirem idade suficiente para caminharem sozinhos⁽¹¹⁴⁾. Ainda assim, causa surpresa o fato de naturalistas do século XVII terem dissecado carcaças de *Didelphis* sem encontrar um útero verdadeiro⁽¹¹⁵⁾. Passados mais de cem anos, ainda haveria quem assegurasse que os gambás pertenciam todos ao mesmo sexo⁽¹¹⁶⁾, isso sem contar a existência de manifestações recentes onde a reprodução dos marsupiais foi definida como “um segredo da natureza indecifrável para os mortais”⁽¹¹⁷⁾.

Em 1698, Edward Tyson publicaria a primeira descrição detalhada da anatomia de um metatério baseada em uma fêmea de *Didelphis virginiana*. Ao defrontar-se com ovários, trompas de Falópio e dois úteros muito vascularizados, o médico britânico demonstraria que os marsupiais possuíam órgãos reprodutivos completamente dissociados da bolsa ventral, decretando o declínio da crença dominante até então⁽¹¹⁸⁾ (Fig. 30).

¹¹⁴ Adotada por diversas fontes seicentistas (e.g. Nieremberg, 1635; Frans Pelsaert in Major, 1859) essa hipótese sobreviveria ao longo do século XVIII, conforme demonstra a observação de Robert Beverley (1705) sobre os “jovens gambás” serem “formados na bolsa sem jamais penetrarem nas verdadeiras entranhas”, desenvolvendo-se nas tetas maternas. Poucos anos depois, François Valentijn (1724-1726) trataria a “bolsa dos cuscuses” (Phalangeridae) como “o útero onde os filhotes são concebidos”, cabendo às mamas o mesmo papel “dos pedicelos das frutas”, pois “eles permaneceriam ligados a elas até atingir a maturidade, quando se separam ao modo de uma fruta deixando o seu pedicelo”.

¹¹⁵ Fiel adepto do animaculismo, Georg Marcgrave (1648) examinaria uma fêmea de “carigueya” sem encontrar o útero e afirmaria que a concepção e gestação do sêmem teria lugar no marsúpio (“haec bursa ipsae uterus est animalis [...] in hac semen concipitur & catuli formantur”), opinião respaldada pouco depois pelo médico Willem Piso (1658).

¹¹⁶ Por volta de 1769, Joseph Barbosa de Sâa escreveria serem “estes animais todos de hum sexo; tem pela parte exterior da barriga huma membrana ligada a carne pela parte de detrás e a entrada pelos peitos, que forma um bolso com pêlos macios por dentro e mamilos como de huma gata. Dentro deste saco achão-se os filhos, tamanhos de pilhões, que se crião e crescem, de onde sahem quando são capazes de andar” (in Papavero et al. 2012).

¹¹⁷ Na sessão de cartas da saudosa revista “Chacaras e Quintaes” de 15 de agosto de 1916, um desconhecido leitor de Cabo Frio, Rio de Janeiro, pergunta aos editores “como se reproduzem os gambás? Nessa cidade reputa-se tal questão como um segredo da natureza indecifrável para os mortais”.

¹¹⁸ Vide Tyson (1698).

Entretanto, os naturalistas dos séculos XVIII e XIX insistiriam na comparação com os eutérios, transformando o marsúpio em um tipo de “útero suplementar” e seus possuidores em “versões degradadas” dos demais mamíferos, com uma forma de reprodução “intermediária” entre os ovíparos e os placentários. Apesar de não restarem dúvidas sobre tais criaturas trazerem filhotes ao mundo, estes eram vistos como “abortados”, “imperfeitos” ou “prematurados”, tendo de submeter-se a uma “segunda gestação” na bolsa – considerada um “segundo útero” tão importante quanto o primeiro – até atingirem o desenvolvimento esperado em um quadrúpede convencional⁽¹¹⁹⁾. Semelhante visão revelar-se-ia predominante, levando zoólogos como Étienne Geoffroy de Saint-Hilaire a afirmar que esses animais apresentariam duas gestações, uma “uterina” de curta duração seguida por outra “mamífera” ou “pós-uterina” mais longa e significativa, quando as “deficiências” da primeira poderiam ser superadas⁽¹²⁰⁾. Na verdade, os últimos detalhes sobre a reprodução dos metatérios – inclusive o ativo deslocamento dos minúsculos recém-nascidos rumo à bolsa materna – só seriam comprovados em definitivo após 1920⁽¹²¹⁾.

A história da descoberta dos marsupiais adquire contornos quase exemplares, pois as tentativas de explicar as características desses “prodígios” através das mais inu-

¹¹⁹ Esse ponto de vista seria compartilhado por naturalistas como Blumenbach (1779-1780), Cuvier (1829-1830), Daubenton (1763a, 1763b), Duvernoy (1803) e Home (1795). Não parece impossível supor que *Didelphis*, nome escolhido por Linnaeus (1758) para designar os marsupiais, na verdade represente uma alusão à bolsa vista como um segundo útero, ao invés de constituir – como pretendem alguns – uma referência ao aspecto bifido apresentada por esse órgão. Com efeito, “*didelphis*” não passa da forma latinizada de “δι” + “δελφύς”, literalmente “dois úteros” em grego.

¹²⁰ Vide Saint-Hilaire (1796, 1826). No entanto, ao discorrer sobre as cuícas (talvez *Marmosa* sp.), Buffon (1763) registraria que a ausência de uma bolsa comparável a dos gambás não impediria a existência de filhotes presos às tetas, fato capaz de lançar dúvidas sobre o papel de “segundo útero” atribuído ao marsúpio e de sua pretensa importância como abrigo indispensável para o desenvolvimento dos recém-nascidos. Na verdade, essa peculiaridade já havia sido observada no século XVI por Pero de Magalhães Gandavo, o qual menciona haver “huma geração de ratos que trazem os filhos pendurados na barriga e ali se crião e andão assi pegados até serem grandes” (Gandavo, 1826).

¹²¹ Vide Hartman (1922).

sitadas comparações com os eutérios redundariam no acúmulo de sucessivas dúvidas e equívocos destinados a perdurar pelo menos até o começo do século XX. De certa forma, essa trajetória limitar-se-ia a refletir algumas das fragilidades do pensamento renascentista, onde a fidelidade aos clássicos e o gosto pelo maravilhoso mesclava-se com um racionalismo precursor do futuro Século das Luzes, muitas vezes articulando o conhecimento do mundo através de analogias – velho conceito familiar ao pensamento grego e medieval. Devido a tal prática, as semelhanças reais e imaginárias entre os animais descobertos em terras distantes e aqueles conhecidos desde a Antiguidade Clássica terminariam sendo ressaltadas sem maiores preocupações com o espaço geográfico, dando origem às mais surpreendentes teorias. Ao menos em parte, essa tendência talvez explique a marcada resistência dos estudiosos em encarar a reprodução dos metatérios como um fenômeno distinto daquele observado entre os placentários, constituindo um evento compreensível apenas como algo típico de um grupo muito particular de mamíferos. Nesse sentido, os problemas envolvidos na descrição do parto de filhotes diminutos e de outros detalhes nada fáceis de registrar constituem um obstáculo menor frente a dificuldade em conceber a existência de animais ou plantas que não se adequassem às rígidas premissas impostas pela observação empírica de um universo natural europeu demasiado estreito, tipo de mecanismo indutivo capaz de levantar obstáculos consideráveis mesmo para o melhor entendimento de certas peculiaridades apresentadas pela fauna e flora do Velho Mundo. De fato, o aspecto das crias de ursos daria origem à antiga fábula de esses carnívoros nascerem como massas de carne informes a serem moldadas pela mãe até adquirirem sua aparência definitiva, lenda muito presente na literatura e folclore de vários países⁽¹²²⁾.

Guardando íntima relação com as "maravilhas" capazes de encantar uma Europa ávida por novidades vindas do outro lado do oceano, a imaginária versão dos marsupiais do Novo Mundo encarnada pela "simivulpa" iria decair ao longo do século XVII, dando lugar a símbolos mais atrativos do continente americano – em particular os álares e coloridos papagaios. Decorridos quinhentos anos da descoberta de Pinzón, os metatérios continuam despertando a atenção do público graças ao exotismo das espécies australianas, interesse simbolizado pela figura de um jovem canguru assomando da bolsa materna. Na esfera popular, entretanto, as diferentes hipóteses em torno da reprodução desses mamíferos continuam tão vivas quanto no passado, pois ainda hoje muitos seguem acreditando em filhotes gerados no marsúpio ou nele colocados pela fêmea logo após o nascimento.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES: Todos os autores participaram ativamente da discussão dos resultados; eles revisaram e aprovaram a versão final do artigo.

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

INFORMAÇÕES DE FINANCIAMENTO: Este projeto não utilizou nenhum apoio financeiro externo.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos a João Alves de Oliveira (Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Leila Maria Pessôa (Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro) pela leitura do texto original.

REFERÊNCIAS

- Abreu, J.C. de. 1883. *Descobrimiento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger e Filhos.
- Abreu, J.C. de. 1907. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. Rio de Janeiro, M. Orosco.
- Acosta, E.M. 2011. La importancia de las perlas en el descubrimiento de América. *Anuario de Estudios Atlánticos*, Las Palmas, 57: 231-250.
- Acuña, R. (Ed.). 1986. *Relaciones Geográficas del siglo XVI: México*. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 2.
- Aeliano. 1971-1972. *On Animals*. Cambridge & London, Harvard University Press & William Heinemann.
- Airaldi, G. & Formisano, L. (Org.). 1996. *La scoperta nelle relazioni sincrone degli Italiani*. Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- Albuquerque, L.M. de. 1975. A arte de navegar na época dos grandes descobrimentos. In: Guedes, M.J. (Org.). *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Marinha. Vol. 1, Tomo 1, p. 23-52.
- Albuquerque, L.M. de. (Org.). 1989. *Tratado das Ilhas Molucas*. Lisboa, Publicações Alfa.
- Albuquerque, L.M. de. 1994a. Antônio Galvão. In: Albuquerque, L.M. de (Org.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. [Lisboa], Editora Caminho. Vol. 1, p. 444-446.
- Albuquerque, L.M. de. 1994b. Navegação. In: Albuquerque, L.M. de (Org.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. [Lisboa], Editora Caminho. Vol. 2, p. 794-795.
- Albuquerque, L.M. de. 1994c. Balestilha. In: Albuquerque, L.M. de (Org.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. [Lisboa], Editora Caminho. Vol. 1, p. 112.
- Albuquerque, L.M. de. 1994d. Quadrante. In: Albuquerque, L.M. de (Org.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*. [Lisboa], Editora Caminho. Vol. 2, p. 927-928.
- Aldrovandi, U. 1637. *De Quadrupedibus Digitatis Viviparis Libri tres, et de Quadrupedibus Digitatis Oviparis Libri duo*. Bononiae, Nicholaum Tebaldinum.
- Alexander, W.B. 1914. The first description of a kangaroo. *Nature*, London, 93 (March): 664. <https://doi.org/10.1038/093664b0>.
- Almagià, R. 1936. Intorno a quattro codici fiorentini e ad uno ferrarese dell'erudito veneziano Alessandro Zorzi. *La Bibliofilia*, Firenze, 38(9): 313-347.
- Anchieta, J. de, Padre. 1799. *Josephi de Anchieta Epistola, quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*. Olisipone, Typis Academiae Regio.
- Ankenbauer, N.S. 2010. *Das ich mochte meer newer dyng erfahren. Die Versprachlichung des Neuen in den Paesi novamente ritrovati (Vicenza, 1507) und in ihrer deutschen Übersetzung (Nürnberg, 1508)*. Berlin, Frank & Timme.
- Anônimo. 1682. *Valentine and Orson. The Two Sons of the Emperour of Greece*. London, T. Passenger.
- Anônimo. 1930. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras.

¹²² Mencionada por autores clássicos como Aeliano (1971-1972), Aristóteles (1979-1983) e Plínio, "o Velho" (1979-1984), a fábula em questão ganharia espaço nos bestiários medievais, sendo utilizada como símbolo dos idólatras convertidos ao cristianismo. Não deixa de ser curioso observar que o Estagirita registraria a mesma lenda para a raposa-vermelha, *Vulpes vulpes*, mas essa versão não parece ter sobrevivido na literatura e folclore europeus. Para outros detalhes, vide Armstrong (2014) e Ashton (1890).

- Araguás, I.A. 2005. Explorar, conocer: los intérpretes y otros mediadores en los viajes andaluces de descubrimiento y rescate. In: Gutiérrez Escudero, A. & Cuetos, M.L.L. (Org.). *Estudios sobre América: siglos XVI-XX*. Sevilla, Asociación Española de Americanistas. p. 515-528.
- Aricò, A.C. (Org.). 1993. *Lettere sul Nuovo Mondo. Granada 1501*. Venice, Albrizzi Editore.
- Aristóteles. 1979-1983. *History of Animals*. Cambridge, Harvard University Press.
- Armillas, J.A. 2005. Descubrimiento y contacto con otros mundos. In: Floristán, A. (Org.). *Historia Moderna Universal*. Barcelona, Ariel. p. 29-54.
- Armstrong, E.A. 2014. *Animals and animal symbols in world culture*. New York, Cavendish Square.
- Asensio y Toledo, J.M. 1892. *Martin Alonso Pinzón, estudio histórico*. Madrid, La España Moderna.
- Ashton, J. 1890. *Curious creatures in Zoology*. London, John C. Nimmo.
- Babcock, W.H. 1922. *Legendary islands of the Atlantic, a study in Medieval Geography*. New York, American Geographical Society.
- Barroso, G. 1941. *O Brasil na Lenda e na Cartografia Antiga*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Bartolomé de las Casas, Frei. 1875-1876. *Historia de las Indias*. Madrid, Imprenta de Miguel Ginesta.
- Bas Martín, N. 1992. *El cosmógrafo e historiador Juan Bautista Muñoz (1745-1799)*. València, Universitat de València.
- Bath, M. 2003. *Renaissance decorative painting in Scotland*. Edinburgh, National Museums of Scotland Publications.
- Bedini, S.A. (Ed.). 1992. *The Christopher Columbus encyclopedia*. New York, Simon & Schuster. <https://doi.org/10.1007/978-1-349-12573-9>.
- Bembo, P. 1551. *Historiae Venetae Libri XII*. Venetis, Aldi Filios.
- Benzoni, G. 1565. *La historia del Mondo Nvovo di M. Girolamo Benzoni milanese. La qual trata dell'Isola, & Mari nuouamente ritrouati, & delle nuoue Città da lui proprio vedute, per acqua & per terra in quattordeci anni*. Venetia, Francesco Rampazetto.
- Benzoni, G. 1572. *La historia del Mondo Nvovo di M. Girolamo Benzoni milanese. La qual trata dell'Isola, & Mari nuouamente ritrouati, & delle nuoue Città da lui proprio vedute, per acqua & per terra in quattordeci anni. Nuouamente ristampata, et illustrata con la giunta d'alcune cose notabile dell'Isola di Canaria*. Venetia, Pietro & Francesco Tini.
- Berchet, G. 1891. Comunicazione sulle Lettere di Angelo Trevisan intorno ai viaggi di Colombo. *Atti del Reale Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti*, Venezia, 7(2): 903-918.
- Berchet, G. 1892-1896. *Raccolta di documenti e studi. Fonti italiane per la storia della scoperta del Nuovo Mondo*. Roma, Ministero della Pubblica Istruzione, Commissione Colombiana pel quarto centenario dalla scoperta dell'America.
- Beretta, A.B. 1945. *Cristóbal Colón y el descubrimiento de América*. Barcelona & Buenos Aires, Salvat Editores.
- Beverly, R. 1705. *The History and Present State of Virginia, In Four Parts*. London, R. Parker.
- Blumenbach, J.F. 1779-1780. *Handbuch der Naturgeschichte*. Göttingen, Johann Christian Dieterich.
- Blumenbach, J.F. 1802. Beobachtungen an einem lebendigen Beutelthier (*Didelphis marsupialis*). *Magazin für den neuesten Zustand der Naturkunde, mit Rücksicht auf die dazu gehörigen Hilfswissenschaften*, Jena, 3(4): 683-687.
- Bouchot, H. 1895. *Le Cabinet des Estampes de la Bibliothèque Nationale: guide du lecteur et du visiteur*. Paris, E. Dentu Editeur.
- Brasil. 1900-1910. *Livro do Centenario (1500-1900)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional & Associação do Quarto Centenário do Descobrimiento do Brasil.
- Bruman, H.J. 1989. The Schaffhausen Carta Marina of 1531. *Imago Mundi*, Abingdon, 41(1): 124-132. <https://doi.org/10.1080/03085698908592673>.
- Buffon, G.L.L., Comte de. 1763. *Histoire Naturelle Générale et Particulière, avec la description du Cabinet du Roy*. Paris, Imprimerie Royale. Vol. 10.
- Burton, M. 1955. *Animal legends*. London, Frederick Muller.
- Calaby, J.H. 1965. Early European description of an Australian mammal. *Nature*, London, 205 (January): 516-517. <https://doi.org/10.1038/205516b0>.
- Camargos, J.A.A.; Czarueski, C.M.; Meguerditchian, I. & Oliveira, D. de. 1996. *Catálogo de Árvores do Brasil*. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.
- Camerario, J. 1595. *Symbolorvm & emblematvm ex animalibus qvadrpedibus desvmtorvm centvria altera collecta*. Noribergae, Pavlvvs Kavfmann.
- Capmany y de Montpalau, A. de. 1779-1792. *Memorias historicas sobre la marina, comercio, y artes de la antigua ciudad de Barcelona*. Madrid, Impr. de A. de Sancha.
- Cardano, G. 1550. *De Svbtilitate Libri XXI*. Norimbergae, Joh[annes] Petreium.
- Cardoso, A. 1915. El fabuloso "su" o "succarath" y los primitivos retratos de los didelfideos. *Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires*, Buenos Aires, 27: 431-439.
- Casal, M.A. de, Padre. 1817. *Corografia Brazílica ou relação historico-geografica do Reino do Brazil*. Rio de Janeiro, Impressão Regia.
- Castanheda, F.L. de. 1551-1561. *Historia do descobrimento & conquista da Índia pelos Portugueses*. Coimbra, Iohão da Barreyra & Iohão Aluarez.
- Cei, G. 1992. *Viaggio e Relazione delle Indie (1539-1553)*. Roma, Bulzone Editore.
- Cei, G. 1995. *Viaje y Descripción de las Indias 1539-1553*. Caracas, Fundación Banco Venezolano de Crédito.
- Charlevoix, P.F.X. de. 1736. *Histoire et description generale du Japon ... avec les fastes chronologiques de la découverte du Nouveau-Monde*. Paris, Julien-Michel Gandouin.
- Chaves, M. & Ortiz, A.D. 1991. *Los Andaluces y América*. Madrid, Gela & Espasa Calpe.
- Colombo, E. 1876. *Amerigo Vespucci e Vincente Yáñez Pinzon alla scoperta dell' America*. Milano, Serafino Muggiani.
- Colombo, F. 1892. *Historia del Almirante Cristobal Colon en la qual se da particular y verdadera relacion de su vida y de sus hechos, y del descubrimiento de las Indias Occidentales llamadas Nuevo-Mundo escrita por Don Fernando Colon, su hijo*. Madrid, Imprenta de Tomás Minuesa.
- Colón de Carvajal, A. 2016. *La Herencia de Cristóbal Colón: Estudio y colección documental de los mal llamados pleitos colombinos (1492-1541)*. Madrid, Fundación Mapfre.
- Columella. 1941-1955. *De Re Rustica. De Arboribus*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press & William Heinemann.
- Contile, L. 1574. *Ragionamento di Lvca Contile sopra la proprietà delle imprese con le particolari de li academici affidati et con le interpretazioni et croniche*. Pavia, Girolamo Bartoli.
- Corrêa, M.P. 1984. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.
- Cortês, A. & Mota, A.T. da. 1960-1962. *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- Cristóvão de Lisboa, Frei. 1967. *História dos Animais e Árvores do Maranhão*. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino & Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- Cristóvão de Lisboa, Frei. 2000. *História dos Animais e Árvores do Maranhão*. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses & Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Cro, S. 1998. El plagio del *De Orbe Novo* y las protestas de Pedro Mártir. *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*, Madrid, 23: 33-37.
- Cro, S. 2003. "La Princeps" y la cuestión del plagio del *De Orbe Novo*. *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*, Madrid, 28: 15-240.
- Cro, S. 2009. Textos fundacionales de América I. *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*, Madrid, 34: 15-230.

- Cunha, A.G. da. (Org.). 1966. *Coisas notáveis do Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro & Ministério da Educação e Cultura.
- Cuvier, G.L.C.F.D., Baron de. 1829-1830. *Le Règne Animal distribué d'après son organization, pour servir de base à l'Histoire Naturelle des Animaux et d'introduction à l'Anatomie Comparée*. Paris, Imprimerie d'Hippolyte Tiliard. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.1964>.
- D'Avezac, M.A.P. 1857. *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil*. Paris, L. Martinet.
- Dante Alighieri. 1965. *Obras Completas de Dante Alighieri*. Madrid, Editorial Católica.
- Daubenton, L.J.M. 1763a. Description du Sarigue. In: Buffon, G.L.L., Comte de. *Histoire Naturelle Générale et Particulière, avec la description du Cabinet du Roy*. Paris, Imprimerie Royale. Vol. 10, p. 311-334.
- Daubenton, L.J.M. 1763b. Description de la Marmose. In: Buffon, G.L.L., Comte de. *Histoire Naturelle Générale et Particulière, avec la description du Cabinet du Roy*. Paris, Imprimerie Royale. Vol. 10, p. 335-349.
- Dawson, T.J. 2012. *Kangaroos*. Collingwood, CSIRO Publishing. <https://doi.org/10.1071/9780643106260>.
- De La Blache, P.V. 1902. *La rivière Vincent Pinzon étude sur la cartographie de la Guyanne*. Paris, Félix Alcan Éditeur.
- Delumeau, J. 1992. *Une Histoire du Paradis: le Jardin des Délices*. Paris, Librairie Arthème Fayard.
- Denuncé, J. 1910. The discovery of the North Coast of South America according to an anonymous map in the British Museum. *The Geographical Journal*, London, 36(1): 65-80. <https://doi.org/10.2307/1777655>.
- Derby, O.A. 1903. Os mappas mais antigos do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 7: 227-254.
- Destombes, M. & Gernez, D. 1961. Un Atlas Nautique du XVI^e siècle à la Bibliothèque Royale de la Haye (Pays-Bas). In: Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, 1960, Lisboa. *Actas ... Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações da Morte do Infante Dom Henrique*. Vol. 2, p. 151-161.
- Dias, C.M. (Ed.). 1921-1924. *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto, Litografia Nacional.
- Dickerson, V. 1998. *Drawn from life: science and art in the portrayal of the New World*. Toronto, Toronto University Press. <https://doi.org/10.3138/9781442674103>.
- Dittmar, P.O.; Maillat, C. & Questiaux, A. 2011. La chèvre ou la femme: parentés de lait entre animaux et humains au Moyen Âge. *Images Re-vues* 9. <https://doi.org/10.4000/imagesrevues.1621>. Disponível: <http://journals.openedition.org/imagesrevues/1621>. Acesso: 30/04/2022.
- Donazzolo, P. 1929. I viaggiatori veneti minore studio bio-bibliografico. *Memorie della Reale Società Geografica Italiana*, Roma, 16: 1-411.
- Donkin, R.A. 1998. *Beyond Price. Pearls and pearl-fishing: Origins to the Age of Discoveries*. Philadelphia, American Philosophical Society.
- Dreyer-Eimbcke, O. 1988. *Die Entdeckung der Erde: Geschichte und Geschichten des Kartographischen Abenteurers*. Frankfurt am Main, Umschau Verlag.
- Duro, C.F. 1892. *Pinzón en el descubrimiento de las Indias, con noticias críticas de algunas obras recientes relacionadas con el mismo descubrimiento*. Madrid, Est. Tip. Sucesores de Rivadeneyara.
- Dursteler, E. 2000. Reverberations of the Voyages of Discovery in Venice, ca. 1501: The Trevisan Manuscript in the Library of Congress. *Mediterranean Studies*, University Park, Pennsylvania, 9: 43-64.
- Duvernoy, G.L. 1803. Sur la dissection de deux femelles de Didelphie manicoú, *Didelphis virginiana*. *Bulletin de la Société Philomatique de Paris*, Paris, 3: 160-161.
- Duzer, C. van. 2020. *Martin Waldseemüller's 'Carta Marina' of 1516. Study and transcription of the long legends*. Cham, Springer.
- Eastman, C.R. 1915a. Early portrayals of the opossum. *The American Naturalist*, Chicago, 49(586): 585-594. <https://doi.org/10.1086/279504>.
- Eastman, C.R. 1915b. Beginnings of American Natural History. *The American Museum Journal*, New York, 15(7/8): 349-355, 417-421.
- Eatough, G. (Ed.). 1998. *Selections from Peter Martyr*. Turnhout, Brepols.
- Eden, R. 1555. *The Decades of the newe worlde or west India*. Londini, Guilhemii Powell.
- Egmond, F. 2018. European exchanges and communities. In: Curry, H.A.; Jardine, N.; Secord, J.A. & Spary, E.C. (Ed.). *Worlds of Natural History*. Cambridge, Cambridge University Press. p. 78-93. <https://doi.org/10.1017/9781108225229.006>.
- Eisler, W.L. 1995. *The Furthest Shore: images of Terra Australis from the Middle Ages to Captain Cook*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Espinola, R. 2001. *Vicente Pinzón e a descoberta do Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- Estreicher, T. 1914. The first description of a kangaroo. *Nature*, London, 93(2316): 60. <https://doi.org/10.1038/093060a0>.
- Falcão, E. de C. (Org.). 1964. *Zacharias Wagener. Zoobibliion: Livro de Animais do Brasil*. São Paulo, Empresa Gráfica Revista dos Tribunais.
- Farfán, A., Frei. 1579. *Tractado Breve de Chirvrgia y del Conocimiento y Cvra De algunas Enfermedades q̄ en esta tierra mas comumente suelen auer Mexico*. Casa de Antonio Ricardo.
- Fernández, R.F. 1987. *Capitulaciones Colombinas*. Zamora, Colegio de Michoacán.
- Fernández-Armesto, F. (Ed.). 1992. *Questa e una opera necessaria a tutti nauiga[n]ti (1490). Alvisè Cà da Mosto. Together with Libretto de tutta navigazione de Re de Spagna*. Delmar, John Carter Brown Library & Scholars' Facsimiles and Reprints.
- Ferraro, G. 1835. *Relazione delle scoperte fatte da C. Colombo, da A. Vespucci e da altri dal 1492 al 1506 tratto dai manoscritti della Biblioteca di Ferrara*. Bologna, Presso Gaetano Romagnoli.
- Ferraz, A.L.P. 1939. *Terra da Ibirapitanga*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- [Ferrer de Couto, J.] 1856. *Historia de la Marina Real Española, desde el Descubrimiento de las Américas hasta el Combate de Trafalgar*. Madrid, Imprenta de José María Ducazcal.
- Ferro, G.; Faldini, L. & Milanese, M. (Org.). 1991. *Iconografia Colombiana*. Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- Flannery, T.F. 1994. *Possums of the World: a monograph of the Phalangerioidea*. Chatswood, Geo Productions Proprietary & Australian Museum.
- Foltz, R.C. 2006. *Animals in islamic tradition and muslim cultures*. Oxford, Oneworld Publications.
- Formisano, L. 2014. La compilazione di viaggi di Alessandro Zorzi. In: Pinto, G.; Rombai, L. & Tripodi, C. (Org.). *Vespucci, Firenze e le Americhe Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, B.R. 233-236*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, p. 441-456.
- Foscarini, M. 1752. *Della Leterattura Veneziana Libri Otto*. Padova, Stamperia del Seminario.
- Framis, R.M. 1947. *Los Pinzones*. Madrid, Editorial Gran Capitán.
- Fries, L. 1525. *Uslegung der Mercarthen oder Cartha marina Darin man sehen mag, wa einer in der welt sey, vnd wa ein ietlich Land, Wasser vnd Stat gelegen ist. Das als in dem büchlin zerfindem*. Strassburg, Johannes Grieninger.
- Fuiano, M. 1973. *Maestri di medicina e filosofia a Napoli nel Quattrocento*. Napoli, Libreria Scientifica Editrice.
- Gallego, R.B. 2010. Primeiras crônicas de la fauna silvestre en Venezuela. In: Machado-Allison, A. (Ed.). *Simposio Investigación y Manejo de Fauna Silvestre en Venezuela en homenaje al Dr. Juhani Ojasti*. Caracas, Academia de Ciencias Físicas, Matemáticas y Naturales, p. 1-24.
- Galvão, A. 1563. *Tratado que compôs o nobre & notauel capitão Antonio Galvão, dos diuersos & desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da Índia às nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos, que são feitos até a era de mil & quinhentos & cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas q̄*

- os fizeram: & em que tempos, & as suas alturas, obra certo muy notauel e copiosa. Lisboa, Casa de loam da Barreira.
- Gandavo, P. de M. 1576. *Historia da provincia sãcta Cruz a que' vulgar mête chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de' Gandavo, dirigida ao muito Ills. sñor Dom Lionis Pra governador que foy de' Malaca & das mais partes do Sul da India*. Lisboa, Antonio Gonsalves.
- Gandavo, P. de M. 1826. Tratado da Terra do Brazil, no qual se contém a informação das cousas que ha nestas partes. *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas*, Lisboa, 4(4): 181-213.
- Gaspar da Naia, A. 1956. Historiografia dos descobrimentos. Impertinências elucidativas de um curioso. *Revista de História*, São Paulo, 13(27): 81-141. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v13i27p81-141>.
- George, W. 1969. *Animals and maps*. London, Martin Secker and Warburg. <https://doi.org/10.1525/9780520330320>.
- Gerbi, A. 1975. *La natura delle Indie nove (Da Cristoforo Colombo a Gonzalo Fernández de Oviedo)*. Milano & Napoli, Riccardo Ricciardi.
- Gerulewicz, M.V. de. 1974. *El mar de los descubridores*. Caracas, Comision Organizadora de la III Conferencia de las Naciones Unidas sobre Derecho del Mar.
- Gesner, C. 1551. *Historiae Animalium Lib[er] I. de Quadrupedibus uiuiparis*. Tigvri, Christ[ophorum] Froshoverum.
- Gilles, P. 1533. *Ex Aelianum Historiam per Petrvum Gillivm latini facti, itemqz ex Porphyrio, Heliodoro, Oppiano, tum eodem Gyllio luculentis accessio-nibus aucti libri XVI. De ui & natura animalium*. Lvgdvni, Seb[astianus] Gryphim.
- Giozzi, G. 2000. *Adam et le Nouveau Monde: la naissance de l'anthropologie comme idéologie coloniale – des généalogies bibliques aux théories raciales (1500-1700)*. Paris, Thétète Éditions.
- Gregory, W.K. 1910. The orders of mammals. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, 27: 1-524. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.15687>.
- Grieb, M.H. (Ed.). 2007. *Nürnberger Künstlerlexikon: bildende Künstler, Kunsthandwerker, Gelehrte, Sammler, Kulturschaffende und Mäzene vom 12. bis zur Mitte des 20. Jahrhunderts*. München, K.G. Saur. <https://doi.org/10.1515/9783110912968>.
- Grynaeus, S. 1532. *Novvs Orbis Regionum nunc ac Insularvm veteribus incognitarum, unà cum tabula cosmographica & aliquot alijs consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti patebit pagina*. Basiliae, Io. Hervagium.
- Guedes, M.J. 1975. As primeiras expedições de reconhecimento da costa brasileira. In: Guedes, M.J. (Org.). *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Marinha. Vol. 1, Tomo 1, p. 179-221.
- Hamilton, E.J. 1934. *American treasure and the price revolution in Spain*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674332157>.
- Hamy, E.T. 1900. Le père de la zoologie française Pierre Gilles d'Albi. *Revue des Pyrénées*, Toulouse, 12: 561-588.
- Harrisse, H. 1892. *The Discovery of North America*. London, Henry Stevens and Son.
- Hartman, C.G. 1921. Traditional belief concerning the generation of the opossum. *Journal of American Folklore*, Boston, 34(133): 321-323. <https://doi.org/10.2307/535156>.
- Hartman, C.G. 1922. Breeding habits, development and birth of the opossum. *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution*, Washington D.C., 1921: 347-363.
- Hartman, C.G. 1952. *Possums*. Austin, University of Texas Press.
- Hendrix, M.L. 1984. *Joris Hoefnagel and the "Four Elements": a study in sixteenth-century nature painting*. Ann Arbor, Tese (Doutorado) – Department of Art and Archeology, Princeton University.
- Hernandez-Pinzón y Ganzinotto, J. 1920. *Vicente Yáñez Pinzón sus viajes y descubrimientos*. Madrid, Imprenta del Ministerio de Marina.
- Heródoto. 1949. *Herodotus*. Oxford, Clarendon Press.
- Herrera y Tordesillas, A. de. 1601-1615. *Historia General de los Hechos delos Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar oceano escrita por Antonio de Herrera Coronista de Castilla*. Madrid, Emprenta Real, Iuan Flamenco & Iuan de la Cuesta.
- Hoehne, F.C. 1937. *Botânica e Agricultura no Brasil no século XVI*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Hoff, B. van't. 1961. *Gerard Mercator's map of the world (1569): in the form of an atlas in the Maritiem Museum "Prins Hendrik" at Rotterdam*. Rotterdam, Maritiem Museum "Prins Hendrik".
- Holanda, S.B. de. (Org.). 1960. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro. Vol. 1, Tomo 1: A Época Colonial – do Descobrimiento à Expansão Territorial.
- Home, E. 1795. Some observations on the Mode of Generation of the Kangaroo, with particular Description of the Organs themselves. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, London, 85(9): 221-238. <https://doi.org/10.1098/rstl.1795.0012>.
- Huddleston, L.E. 1967. *Origins of the American Indians: European concepts, 1492-1729*. Austin, University of Texas Press.
- Hulsius, L. 1599. *Brevis & admiranda descriptio Regni Gvianae, avri avndantissimi, in America, sev Novo Orbe, svb linea aequinoctilia siti: Quod nuper admodum, Annis nimirum 1564, 1595 & 1596. Per Generosum Dominum, Dn. Gvalthervm Raleghe e qvitem Anglum detectum est ... Norimbergae, Impensis Levini Hulsii*.
- Humboldt, F.H.A. von. 1814-1834. *Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent et des progrès de l'astronomie nautique aux XV^e et XVI^e siècles*. Paris, Gide.
- Irving, W. 1881. *Voyages and discoveries of the companions of Columbus*. London, John Murray.
- Irving, W. 1883. *Spanish Voyages of Discovery*. New York, J.W. Lowell.
- Jode, C. de. 1593. *Speculum Orbis Terrae*. Antverpia, Vidua et Heredum Gerardii Iudaeis.
- Johnson, H.B. 1963. *Carta marina: World Geography in Strassburg, 1525*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Jonstonus, J. 1650. *Historia Natvralis de Quadrpetibvs Libri*. Francofurti ad Moenum, Impensis haeredum Matthaei Meriani.
- Julián, A. 2015. El Gobierno de Cristóbal Colón, la Rebelión de Roldán y la pesquisa de Bobadilla. *Clío*, Santo Domingo, 84(190): 231-286.
- Keimer, L.J.G. 1948. Quelques détails oubliés ou inconnus sur la vie et les publications de certains voyageurs européens venus en Egypte pedant les derniers siècles. *Bulletin de l'Institut d'Égypte*, Cairo, 31: 121-175. <https://doi.org/10.3406/bie.1948.3896>.
- Kircher, A., Padre. 1675. *Arca Noë in tres libros digesta*. Amstelodami, Joannes Janssonium.
- Kitchell Jr., K.F. 2014. *Animals in the Ancient World from A to Z*. London, Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203087503>.
- Kruse, A. 1951. Karusakaybë, der Vater der Mundurukú. *Anthropos*, Baden-Baden, 46(5/6): 915-932.
- Kruse, A. 1952. Karusakaybë, der Vater der Mundurukú. *Anthropos*, Baden-Baden, 47(5/6): 992-1018.
- L'Ecluse, C. de. 1605. *Exoticorum Libri Decem: Quibus Animalium, Plantarum, Aromatum, aliorumque peregrinorum Fructuum historiae describuntur*. Antuerpia, Ex Officina Plantiniana Raphelengii.
- La Popelinière, H.L.V., Sieur de. 1582. *Les trois mondes*. Paris, Oliuier de Pierre l'Huillier.
- Labrado, J.I. 2003. El descubrimiento del Brasil por Vicente Yáñez Pinzón: el Cabo de Santo Agostinho. *Huelva em su Historia*, Huelva, 10: 71-94.
- Labrado, J.I. 2022. Vicente Yáñez Pinzón: Descubridor del Brasil. *Huelva em su Historia*, Huelva, 75: 14-19.

- Lagarto, M. 1994. Léguas. In: Albuquerque, L.M. de (Org.). *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*. [Lisboa], Editora Caminho. Vol. 2, p. 590-591.
- Laurencich-Minelli, L. 1985. *Un "giornale" del Ciquecento sulla scoperta dell'America. Il Manoscritto di Ferrara*. Milano, Istituto Editoriale Cisalpino – La Goliardica.
- Leite, D. 1931. *Descobridores do Brasil*. Porto, Lello.
- Leite, D. 1950. *Os falsos precursores de Álvares Cabral*. Lisboa, Editora Portuguesa.
- Leite, D. 1958-1960. *História dos Descobrimientos*. Lisboa, Edições Cosmos.
- Leporace, T.G. 1966. *Le navigazioni atlantiche del veneziano Alvise da Mosto*. [Roma], Istituto Poligrafico dello Stato.
- Linnaeus, C. 1758. *Systema Naturae Per Regna Tria Naturae, Secundum Classes, Ordines, Genera, Species, cum Characteribus, Differentis, Synonymis, Locis*. Holmiae, Laurenti Salvii. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.542>.
- Linschoten, J.H. van. 1596. *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien inhoudende een corte beschryvinghe der selver Landen ende zee-custen met aenwysinge van alle de voornaemde principale Havens Revieren hoecken ende plaetsen tot noch toe vande Portugesen ontdeckt ende bekent*. Amstelredam, Cornelis Claesz.
- López de Gómara, F. 1552. *Primera y Segunda parte de la Historia General de las Indias con todo el descubrimiento y cosas notables que han acaecido dende que ganaron ata el año de 1551*. Çaragoça, Augustin Millan.
- Lopez del Prado, A. de la H. 1859. Capitulação feita pelo Rei e Rainha de Hespanha com Vicente Yanez Pinzon no anno de 1501. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 22: 445-450.
- Lucchetta, G. 1980. Viaggiatori e racconti di viaggi nel Cinquecento. In: Arnaldi, G. & Stocchi, M.P. (Org.). *Storia della cultura veneta*. Vicenza, Neri Pozza Editore. Vol. 3, Tomo 2: Del Primo quattrocento al Concilio di Trento. p. 433-489.
- Luciano de Samósata. 2012. Uma história verídica. In: Magueijo, C. (Ed.). *Luciano*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. Vol. 2: Lúcio – Hermetismo ou as Escolas Filosóficas, p. 61-108.
- Lunardi, E.; Magioncalda, E. & Mazzacane, R. (Ed.). 1988. *La scoperta del Nuovo Mondo negli scritti di Pietro Martire d'Anghiera*. Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- Lycosthenes, C. 1557. *Prodigiorum ac Ostentorum Chronicon*. Basileae, Henricum Petri.
- Madriano, A. 1508. *Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Indiam et inde in occidentem et demum ad aquilonem*. Milano, J.A. Scinzenzeler.
- Maffei, G.P. 1588. *Ioannis Petri Maffei Bergomatis e Societate Iesu Historiarum Indicarum Libri XVI. Selectarum item ex India. Epistolarum eodem Interprete Libri IV. Accessit Ignatii Loilae Viat Postremo-recognita. Et in Opera singula copiosus Index*. Florentiae, apud Philippum Iunctam.
- Major, R.H. (Ed.). 1859. *Early voyages to Terra Australis, now called Australia: a collection of documents of the history of discovery on the coasts of that vast island, from the beginning of the sixteenth century to the time of Captain Cook*. London, Hakluyt Society.
- Manzano, J.M. & Fernández-Heredia, A.M.M. 1988. *Los Pinzones y el descubrimiento de America*. Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica.
- Marcgrave, G. 1648. *Historiae rerum naturalium Brasiliae, libri octo*. In: *Historia Naturalis Brasiliae*. Lugdunum Batavorum & Amstelodami, Franciscum Hackium & Lud[ovicum] Elzevirium. p. 1-292.
- Mariéjol, J.H. 1887. *Un lettré italien à la cour d'Espagne (1488-1526): Pierre Martyr D'Anghera, sa vie et ses aevures*. Paris, Librairie Hachette.
- Marshall, L.C. 1981. The families and genera of Marsupialia. *Fieldiana Geology (New Series)*, Chicago, 8: 1-65. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.3268>.
- Martínez Terán, T. 2001. *Los Antípodas: el origen de los indios en la razón política del siglo XVI*. Puebla, Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades.
- Martínez, D. 2022. *Cross-cultural currents and syncretism in Early Modern opossum iconography*. St Charles, Missouri: Tese (Mestrado) – Faculty of the School of Arts, Media, and Communications, Lindenwood University.
- Martínez, J.C.S. 1949. Pedro Mártir de Anglería, cronista de Indias. *Cuadernos Americanos*, México DF, 8(3): 170-197.
- Martire d'Anghiera, P. 1511. *P. Martyris Anglerii mediolanensis opera. Legatio Babylonica. Oceani Decas. Poemata. Epigrammata*. Hispali, Jacobum Corumberger. p. 1511.
- Martire d'Anghiera, P. 1516. *Ioannes Ruffus foroliuiensis Archiep.us Cosentin.: Legat: Apo. ad lectore. De orbe nouo. Accipe non noti praeclara uolumina mundi oceani: & magnas noscito lector opes. Plurima debetur typhis tibi gratia: gentes ignotas: & aues que uebis orbe nouo. Magna quoq. auctori referenda est gratia nostro: Qui facit haec cunctis regna uidenda locis. Auctor. Siste pedem lector: breuibus compacta libellis haec leges principibus uabriis de cimoq. leoni Pontifici summo inscripta, hic noua multa uidebis. Oceani magnas terras: uasta aequora: linguas haectenus ignotas: atq. aurea saecula nosces: et gentes nudas expertes seminis atri: mortiferi nummi: Gemmisq. auroq. feracem torrentem zonam: parcat ueneranda uetustas. De orbe nouo Decades*. Alcalá, Antonii Nebrissensis.
- Martire d'Anghiera, P. 1530. *De Orbe Nouo Petri Martyris ab Angleria Mediolanensis Protonotarii Cesaris senatoris Decades*. [Alcalá de Henares], Michaelae d' Eguaia.
- Martire d'Anghiera, P. 1670. *Opus Epistolarum Petri Martyris Anglerii Mediolanensis, Protonotarii, Prioris Archiepiscopatus Granatensis, atque a Consiliis Rerum Indicarum Hispanis, tanta cura excusum, ut praeter stylii uenustatem quoque fungi possit vice Luminis Historiae superiorum temporum*. Amstelodami, Danielem Elzevirium.
- Martire d'Anghiera, P. 1892. *Fuentes historicas sobre Colón y América, Pedro Martir Angleria del Real Consejo de las Indias agregado constantemente a la Corte de los Reyes Católicos, y primer historiador del descubrimiento del Nuevo Mundo, que, a instancias de los papas de su tiempo, escribió en latin dándole cuenta de todo, según lo sabia por cartas y explicaciones verbales del mismo Colón, de casi todos los capitanes y conquistadores y de cuantos volvían de América*. Madrid, Imp. de la S.E. de San Francisco de Sales.
- Martire d'Anghiera, P. 1907. *De Orbe Novo de Pierre Martyr Anghiera*. Paris, Ernest Leroux.
- Martire d'Anghiera, P. 1930. *Mundo Nuovo (De Orbe Novo)*. Milano, Edizione Alpes.
- Martire d'Anghiera, P. 1944. *Décadas del Nuevo Mundo*. Buenos Aires, Editorial Bajel.
- Martire d'Anghiera, P. 1945. *Libros de las Décadas del Nuevo Mundo*. México DF, Secretaría de Educación Pública.
- Martire d'Anghiera, P. 1964. *Decadas del Nuevo Mundo, por Pedro Martir de Angleria, primer cronista de Indias*. México DF, Jose Porrua.
- Martire d'Anghiera, P. 1988. *La scoperta del Nuovo Mondo negli scritti di Pietro Martire d'Anghiera*. Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- Mauro, F. 1989. *Portugal, o Brasil e o Atlântico: 1570-1670*. Lisboa, Editorial Estampa.
- McClymont, J.R. 1916. *Vicente Añes Pinçon*. London, Bernard Quaritch.
- Merian, M. 1634. *Decima Tertia Pars Historiae Americanae, quae continet exactam et accuratam descriptionem ...* Francofurti ad Moenvm, Matthaei Meriani ciuis & Chalcographi Francofurtensis.
- Meurer, P.H. 2007. Cartography in German Lands, 1450-1650. In: Woodward, D. (Ed.). *The History of Cartography*, Chicago, University of Chicago Press. Vol. 3, Part 2: Cartography in the European Renaissance, p. 1172-1245.
- Meyer, A. 1951. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro, Editora Aurora.
- Michow, H. 1892. Caspar Vopell, ein Kölner Kartenzeichner des 16. Jahrhunderts. In: Neumayer, G.B. von; Ruge, S.; Gelcich, E.; Baasch, E. et al. (Eds). *Hamburgische Festschrift zur Erinnerung an die Entdeckung Amerikas*. Hamburg, L. Friedrischen. Vol. 1: Zur Erinnerung an die Entdeckung Amerikas, p. 5-22.

- Mildonian, P. 1990. La conquista dello spazio americano nelle prime raccolte venete. In: Aricò, A.C. (Org.). *L'impatto della scoperta dell'America nella cultura veneziana*. Roma, Bulzoni, p. 115-133.
- Monardes, N. 1574. *Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias occidentales, que sirven en medicina*. Sevilla, Alonso Escrivano.
- [Montalbodo, F. da.] 1507. *Paesi nouamente trouati. Et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*. Vicentia, Henrico Vicentino.
- [Montalbodo, F. da.] 1508. *Paesi novamente trouati. & Nouo Mōdo da Alberico Vesputio Florētino intitulado*. Milano, Io. Iacobo.
- [Montalbodo, F. da.] 1512. *Paesi nuouamēte trouati. & Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulado*. Milano, Io. Iacobo.
- [Montalbodo, F. da.] 1517. *Paesi nouamente ritrouati per la Navigatione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio Vesputio Fiorentino intitulado Mondo Nouo*. Venetia, Zorzi de Rusconi.
- [Montalbodo, F. da.] 1519. *Paesi nouamente trouati. & Nouo Mōdo da Alberico Vesputio Fiorētino intitulado*. Milano, Io. Iacobo.
- Montanus, A. 1671. *De Nieuwe en Onbekende Weereld: of beschryving van America en Zuid-Land*. Amsterdam, Jacob van Meurs.
- Mooney, J. 1900. Myths of the Cherokee. *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, Washington D.C., 19(1): 1-548.
- Moraes, R.B. de. 1983. *Bibliographia Brasiliana. Rare Books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian Authors of the Colonial Period*. Los Angeles & Rio de Janeiro, University of California & Livraria Kosmos Editora.
- Morelli, J. 1810. *Lettera rarissima di Cristoforo Colombo*. Bassano, Stamperia Remondiniana.
- Morison, S.E. 1954. *Admiral of the Ocean Sea: a life of Christopher Columbus*. Boston, Little Brown.
- Morison, S.E. 1963. *Journals & other documents on the life & voyages of Christopher Columbus*. New York, The Heritage Press.
- Morison, S.E. 1971-1974. *The European Discovery of the America*. New York, Oxford University Press.
- Mosk, S.A. 1938. Spanish Pearl-Fishing Operations on the Pearl Coast in the Sixteenth Century. *Hispanic American Historical Review*, Los Angeles, 18(3): 392-402. <https://doi.org/10.1215/00182168-18.3.392>.
- Munilla, L.G. 1954. *Descubrimiento del Marañón*. Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla.
- Münster, S. 1550a. *Cosmographie oder Beschreibung aller länder, herschafften, für nemsten stetten, geschichten, gebreüche, hantierungen etc*. Basel, Henricum Petri.
- Münster, S. 1550b. *Cosmographiae uniuersalis Lib VI. in quibus, iuxta certioris fidei scriptorum traditionem describuntur*. Basileae, Henricvm Petri.
- Münster, S. 1552. *La Cosmographie Vniuerselle, contenant la situation de toutes les parties du monde, avec leurs proprietes & appartenances*. [Basilea], Henry Pierre.
- Münster, S. 1558. *Sei libri della Cosmografia Vniuersale, ne quali secondo che n'hanno parlato i piu ueraci scrittori son disegnati*. [Basilea], Henrigo Pietro Basiliensi.
- Münster, S. 1628. *Cosmographia, Das ist Beschreibung der gantzen Welt ...* Basel, Bey den Hericpetrinischen.
- Muro Orejón, A.M. (Ed.). 1967-1989. *Pleitos Colombinos*. Sevilla, Escuela de Estudios Hispanoamericanos.
- Navarrete, M.F. de. 1825-1837. *Coleccion de los viages y descubrimientos, que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV. Con varios documentos ineditos concernientes a la historia de la marina Castellana y de los establecimientos Españoles en Indias, coordinada é ilustrada por Don Martin Fernandez de Navarrete*. Madrid, Imprenta Real.
- Navarrete, M.F. de. 1923. *Viajes Menores – Viajes por la costa de Paria*. Madrid, Espasa Calpe.
- Nieremberg, J.E., Padre. 1635. *Historia Naturae, maxime peregrinae, libris XVI distincta. In quibus rarissima Naturae arcana etiam astronomica, & ignota Indiarum animalia, quadrupedes, aves, pisces, reptilia, insecta, zoophyta, plantae, metalla, lapides, & alia mineralia, fluuiorumque & elementorum conditiones, etiam cum proprietatibus medicinalibus, describuntur; nouae & curiosissimae quaestiones disputantur, ac plura sacrae Scripturae loca erudite enodantur*. Antuerpiae, Balthazaris Moreti. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.66786>.
- Nimuendaju, C. 1914. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 46(2/3): 284-403.
- O'Gorman, E. 1972. *Cuatro historiadores de Indias, siglo XVI*. México DF, Secretaría de Educación Pública.
- Ochoa, J.M.G. 2014. *Breve historia de los Conquistadores*. Madrid, Ediciones Nowtilus.
- Ogilby, J. 1671. *America: being the latest and most accurate description of the New World; containing The Original of the Inhabitants, and the Remarkable Voyages thither*. London, Printed by the Author. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.62761>.
- Oliveira, G.A. de. 1969. Vicente Yáñez Pinzón. *Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza*, 87: 5-34.
- Oliveira, G.A. de. 1974. *Vera Cruz*. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno. Vol. 1: Vicente Yáñez Pinzón, considerações geográficas sobre o descobrimento do Brasil pelos espanhóis.
- Oliveira, G.A. de. 1979. Vicente Yáñez Pinzón y Brasil. *Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza*, 99: 166-221.
- Olmedilla de Pereiras, M. de las N. 1974. *Pedro Mártir de Anglería y la mentalidad exotocista*. Madrid, Editorial Gredos.
- Orta, G. d'. 1563. *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalgumas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina pratica, e outras cousas boas pera saber compostos pello Doutor garçia dorta*. Goa, Ioannes de Endem.
- Orta, G. d'. 1891-1895. *Coloquios dos simples e drogas da India por Garcia da Orta*. Lisboa, Imprensa Nacional. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.105341>.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1526. *Sumario de la Natural Hystoria de las Indias*. Toledo, Remón de Petras.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1535. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme*. Sevilla, Juan Cromberger.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1851-1855. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Madrid, Imprenta de la Real Academia de la Historia.
- Papavero, N. & Teixeira, D.M. 1999. Frei Cristóvão de Lisboa not the author of "História dos animais e árvores do Maranhão". I. Introduction and comments on plates 1-60. *Contribuições Avulsas sobre a História Natural do Brasil*, Seropédica, 6: 1-12.
- Papavero, N. & Teixeira, D.M. 2000. Frei Cristóvão de Lisboa not the author of "História dos animais e árvores do Maranhão". II. Further evidence and comments on plates 62-109. *Contribuições Avulsas sobre a História Natural do Brasil*, Seropédica, 28: 1-10.
- Papavero, N. & Teixeira, D.M. 2003. Os viajantes e a biogeografia. In: Morrone, J.J. & Bousquets, J.L. (Ed.). *Una perspectiva latinoamericana de la biogeografía*. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México, p. 1-8.
- Papavero, N.; Chiquieri, A. & Teixeira, D.M. 2015. *A viagem de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio na Capitania de S. José do Rio Negro (1774-1775) (MS do Arquivo Ultramarino de Lisboa)*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/9788575062661>.
- Papavero, N.; Llorente-Bousquets, J. & Espinosa-Organista, D. 1995. *Historia de la Biología Comparada, desde el Génesis hasta el siglo de las Luces*. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. Vol. 3: De Nicolás de Cusa a Francis Bacon (1493-1634).

- Papavero, N.; Teixeira, D.M.; Figueiredo, J.L. de; Barros-Cordeiro, K.B. & Pujol-Luz, J.R. 2012. *A História Natural da Região Centro-Oeste nos "Dialogos Geograficos, Chronologicos, Politicos e Naturaes" de Joseph Barbosa de Sáa (Século XVIII)*. Rio de Janeiro, Technical Books Editora.
- Papavero, N.; Teixeira, D.M.; Llorente-Bousquets, J. & Hernández, A.B. 2004. *Historia de la Biogeografía*. México DF, Fondo de Cultura Económica. Vol. 1: El periodo preevolutivo.
- Parrish, S.S. 1997. The female opossum and the nature of the New World. *The William and Mary Quartely*, Williamsburg, 54(3): 475-514. <https://doi.org/10.2307/2953837>.
- Peixoto, A. (Org.). 1933. *Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Pennesi, G. 1894. Pietro Martire d'Anghiera e le sue relazioni sulle scoperte oceaniche. In: *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana per quarto centenario dalla scoperta dell'America*. Roma, Ministero della Publica Istruzione. Vol. 5, Parte 2, p. 7-109.
- Pérez, J.M.S. 2021. O Diálogo das Grandezas do Brasil de Ambrósio Fernandes Brandão (1618): Novos achados sobre os apógrafos da obra e o autor a partir da primeira edição em espanhol. In: Rodrigues-Moura, E. (Org.). *Letras na América Portuguesa: Autores, textos, leitores*. Bamberg, University of Bamberg Press. p. 55-86. <https://doi.org/10.20378/irb-59112>.
- Petrzilkka, M. 1970. *Die Karten des Laurent Fries von 1530 und 1531 und ihre Vorlage, die "Carta Marina" aus dem Jahr 1516 von Martin Waldseemüller*. Zurich, Tese (Doutorado) – Geographischen Institut, Universität Zurich.
- Pietsch, T.W. 2011. Charles Plumier's "Manicou Caraiбарum" (ca. 1600): a previously unpublished description and drawing of the common opossum, *Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758. *Archives of Natural History*, London, 38(1): 77-87. <https://doi.org/10.3366/anh.2011.0006>.
- Pimentel, M. 1699. *Arte pratica de Navegar, & Roteiro das viagens, & costas maritimas do Brasil, Guine, Angola, India e Ilhas Orientaes, e Occidentaes*. Lisboa, Officina de Bernardo da Costa de Carvalho.
- Pinto, G.; Rombai, L. & Tripodi, C. (Org.). 2014. *Vespucci, Firenze e Le Americhe*. Firenze, Leo S. Olschki Editore. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1tqx87n>.
- Piso, W. 1658. *De Indiae Utriusque re naturali et medica Libri quatuordecim, Quorum contenta pagina sequens exhibet*. Amstelædami, Ludovicum et Danielem Elzevirios. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.9669>.
- Plínio, "o Velho". 1979-1984. *Natural History*. Cambridge & London, Harvard University Press & William Heinemann.
- Pomponius Mela. 1471. *Pomponii Mellæ cosmographiæ liber*. Mediolani, [Ant. Zarotus].
- Prien, H.J. 2008. Sublimis Deus. In: Fahlbusch, E.; Lochman, J.M.; Mbiti, J.; Pelikan, J. et al. (Ed.). *Encyclopedia Christianity*. Grand Rapids & Leiden, Eerdmans Publishing & Brill. Vol. 5. Si to Z, p. 211-212.
- Ptolomeu, C. 1522. *Clavdii Ptolemaei Alexandrini Mathematicor[um] principis. opus Geographie nouiter castigatu[m] & emaculatu[m] additio[n]ibus, raris et inuisis, necnon cu[m] tabularum in dorso iucunda explanatione*. Argentoragi, Johannes Grienergerus.
- Ptolomeu, C. 1525. *Geographicae Enarrationis Libri Octo*. Argentoragi, Johannes Grienergerus, communibus Johannis Koberger.
- Ptolomeu, C. 1535. *Geographicae Enarrationis Libri Octo*. Lugduni, ex officina Melchioris at Gasparis Trechsel fratrum.
- Ptolomeu, C. 1541. *Geographicae Enarrationis Libri Octo*. Viennæ, Gaspar Trechsel.
- Ramos, D. 1981. *Audacia, negocios y politica en los viajes españoles de "descubrimiento y rescate"*. Valladolid, Casa-Museo de Colón.
- [Ramusio, G.B.] 1534. *Historia de l'Indie Occidentali*. Vinegia, [A. Pincio].
- Ramusio, G.B. 1556. *Terzo Volvme delle Navigazioni et Viaggi, nel quale si contengono Le Nauigationi al Mondo Nuouo, alli Antichi incognito, fatte da Don Christoforo Colombo Genouese, che fu il Primo à scoprirlo à i Re Catho-*
lici, detto hora le Indie occidentali, con gli acquisti fatti da lui, Et accresciuti poi da Fernando Cortese, da Francesco Pizarro, & altri valorosi Capitani, in diuersi parti delle dette Indie, in nome della Ces. Maes. . . . Venetia, Stamperia de Givnti.
- Randles, W.G.L. 1980. *De la terre plate au globe terrestre: une mutation épistémologique rapide (1480-1520)*. Paris, Librairie Armand Colin.
- Ray, J. 1693. *Synopsis Methodica Animalium Quadrupedum et Serpentinae*. Londini, S. Smith & B. Walford.
- Recchi, N.A. 1628. *Reruvm Medicarvm Novae Hispaniae Thesavrvs sev Nova Plantarvm, Animalivm et Mineralivm Mexicanorvm Historia Ex Francisci Hernandez Noui Orbis Medici Primarij relationibus in ipsa Mexicana Vrbe conscriptis à Nardo Antonio Reccho*. Romae, Ex Typographeio Iacobi Mascardi.
- Redover, M. du. 1515. *S'ensuit le Nouveau Monde, & Navigations faites par Alméric de Vespuce, Florentin, des pays & isles nouvellement trouvez, auparavant á nous incogneus, tant em Ethiopie qu'Arabie, & autres lieux; translaté de l'italian par Mathurin du Redover*. Paris, [Jean Trepperel et Jean Jehannot].
- Rezende, A.V. de. 1955. *Phrases e cvriosidades latinas*. Rio de Janeiro, [s.n.].
- Rice, L. 2006. Villamena's kangaroo. In: Celenza, C.S. & Gouwens, K. (Ed.). *Humanism and creativity in the Renaissance. Essays in honor of Ronald G. Witt*. Leiden, Brill, p. 381-398. https://doi.org/10.1163/9789047408741_017.
- Rio Branco, J.M. da S.P.J., Barão do. 1899. *Second mémoire présenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio de Janeiro, le 10 Avril 1897 entre le Brésil et la France*. Berne, Imprimerie Staempfli.
- Rochefort, C. de. 1658. *Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles d l'Amérique*. Rotterdam, Arnould Leers.
- Rodrigues, J.C. 1906. Descobrimiento do Brasil – Noticia sobre o livro impresso mais antigo que existe, descrevendo este acontecimento. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, São Paulo, 11: 268-279.
- Rodriguez-Sala, M.L. 1994. *Raices de la Cultura Nacional: los primeros científicos de la Nueva España, Siglo XVI*. México DF, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnologia.
- Rónai, P. 1980. *Não perca o seu Latim: coletânea de palavras e frases latinas freqüentemente citadas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- Ruchamer, J. 1508. *Neue vnbekante landte Und ein neue weltde in kurtz vergangener zeythe erfunden*. Nureinbergk, Georgen Stüchzen.
- Ruge, W. 1904. Die Weltkarte des Kölner Kartographen Caspar Vopell. In: *Zu Friedrich Ratzels Gedächtnis: Geplant als Festschrift zum 60. Geburtstage, nun als Grabspende dargebracht*. Leipzig, Leipzig Seele & Co., p. 303-318.
- Rumeu de Armas, A. 1985. *Nueva luz sobre las Capitulaciones de Santa Fe de 1492 concertadas entre los Reyes Catolicos y Cristobal Colon*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Sá, A.B. de. 1955. *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar. Insulíndia, Vol. 3 (1563-1567).
- Sá, A.B. de. 1988. *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical. Insulíndia, Vol. 6 (1595-1599).
- Sabin, J. 1886. *A dictionary of books relating to America, from its discovery to the present time*. New York, J. Sabin's Son. Vol. 16: Providence to Remarks.
- Saint-Hilaire, E.G. de. 1796. Dissertation sur les animaux à bourse (*Didelphis*, L.). *Magazin Encyclopédique ou Journal des Sciences, des letters et des Arts*, Paris, 2(3): 445-472.
- Saint-Hilaire, E.G. de. 1826. Marsupiaux. In: Saint-Vicent, B. de (Org.). *Dictionary Classique d'Histoire Naturelle*. Paris, Grey et Gravier. Vol. 10: Macle – Minium, p. 199-206.
- Salas, A.M. 1986. *Tres cronistas de Indias*. México DF, Fondo de Cultura Económica.

- Sandoval, C.R. 2008. Medidas lineales en un mundo esférico: la legua española. *Clio Arqueológica*, Recife, 23(1): 36-62.
- Sanz, C. 1960. *Bibliotheca Americana Vetusissima: ultimas adiciones*. Madrid, Victoriano Suárez.
- Sauer, C.O. 1966. *The early Spanish Main*. Berkley & London, University of California Press & Cambridge University Press.
- Scaliger, J.C. 1557. *Exotericarvm Exercitationvm Liber Quintvs Decimvs, De Svbtilitate, ad Hieronymvm Cardanum*. Lvtetiae, Michaelis Vasconsani.
- Serchuck, C. 2018. Around the World: borders and frames in two sixteenth-century Norman map books. In: Baumgärtner, I.; Debby, N.B.-A. & Kogman-Appel, K. (Ed.). *Maps and travels in the Middle Ages and the early Modern Period: knowledge, imagination, and visual culture*. Berlin, Walter de Gruyter. p. 189-218. <https://doi.org/10.1515/9783110588774-008>.
- Serrano, J.L.R. 1988. Las unidades de medida españolas en los siglos XVI y XVII. *Revista de Historia Naval*, Madrid, 6(20): 77-93.
- Shirley, R.W. 1991. *Mapping of the World: early printed world maps 1472-1700*. London, New Holland.
- Silva, J.C. da. 1861. *L'Oyapoc et l'Amazone, question Brésilienne et Française*. Paris, L. Martinet.
- Smith, A.P. & Hume, I.D. (Ed.). 1984. *Possums and Gliders*. Sydney, Surrey Beatty and Sons & Australian Mammal Society.
- Smith, B. 1960. *European vision and the South Pacific 1768-1850. A study in the history of art and ideas*. Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1080/00043249.1961.10794032>.
- Sobreira, C. 2019. *Diálogo das Grandezas do Brasil. Primeira transcrição do apógrafo de Lisboa*. Recife, Cepe Editora.
- Souami, L. (Org.). 1988. *Le cadí et la mouche. Anthologie du Livre des Animaux ...* Paris, Éditions Sindbad.
- Sousa Sobrinho, T.P. de. 1946. *Protohistória Cearense*. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará.
- Sousa, G.S. de. 1825. Notícia do Brazil, descrição verdadeira da costa daquelle estado que pertence à Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos. *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhas*, Lisboa, 3(1): 5-342.
- Sousa, G.S. de. 1938. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Southey, R. 1810-1819. *History of Brazil*. London, Longman, Hurt & Orme.
- Souza, B.J. de. 1939. *O Pau-Brasil na História Nacional*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Souza, T.O.M. de. 1956. Ecce interum crispinus. *Revista de História*, São Paulo, 13(27): 143-148. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v13i27p143-148>.
- Staden, H. 1557a. *Warhaftig Historia vnd beschreibung eyner Landschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbckant, biss uff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auß Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd yetzo durch den truck an tag gibt*. Marpur, Andres Kolben.
- Staden, H. 1557b. *Warhaftige beschreibung eyner Landschafft der wilden, nacketen, grimmigen menschfresser leuthen, in der neuen welt America gelegen. Vor vnd nach Christi geburt im land zu Hessen vnbekant, biss vff dise zwey negst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auß Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd ytzt durch den truck an tag gibt*. Marpur, Andres Kolben.
- Staden, H. 1557c. *Warhaftig Historia vnnd beschreibung einer Landschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newen welt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbekant, biss auff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auß Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd jetzund durch den truck an tag gibt*. Franckfurt am Mayn, Weygandt Han.
- Staden, H. 1557d. *Warhaftige Historia vnnd beschreibung einer Landschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newen Welt America gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnbekant, biss auff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auß Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd jetzund durch den truck an tag gibt*. Franckfurt am Mayn, Weygandt Han.
- Staden, H. 1964. *Wahrhaftige Historia*. Marburg, Trautvetter & Fischer.
- Stevens, H.N. (Ed.). 1930. *New light on the discovery of Australia as revealed by the journal of capitain Don Diego de Prado y Tovar*. London, Hakluyt Society.
- Stevenson, E.L. 1911. *Atlas of Portolan Charts*. New York, Hispanic Society of America.
- Stevenson, E.L. 1921. *Terrestrial and celestial globes*. New Haven, Yale University Press.
- Swanton, J.R. 1929. Myths and tales of the Southeastern Indians. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, Washington D.C., 88: 1-275.
- Symcox, G. (Ed.). 2002. *Italian reports on America 1493-1522. Accounts by contemporary observers*. Turnhout, Brepols.
- Symcox, G. & Rabitti, G. (Ed.). 2001. *Italian reports on America 1493-1522. Letters, Dispatches, and Papal Bulls*. Turnhout, Brepols.
- Teixeira, D.M. (Org.). 1995. *Brasil Holandês: Miscellanea Cleyeri, Libri Principis & Theatrum rerum naturalium Brasiliae*. Rio de Janeiro, Editora Index.
- Teixeira, D.M. (Org.). 1997. *Brasil Holandês: Documentos da biblioteca universitária de Leiden, o "Thierbuch" e a "Autobiografia" de Zacharias Wagener e os quadros do "Weinbergsschlösschen" de Hoflössnitz*. Rio de Janeiro, Editora Index.
- Teixeira, D.M. 2002. A "Alegoria dos Continentes" de Jan van Kessel, "o Velho": uma visão seiscentista da fauna dos quatro cantos do mundo. In: *Brasil Holandês*. [Petrópolis], Editora Index. Vol. 3, p. 1-143.
- Teixeira, D.M. 2022. Os animais do Novo Mundo figurados na "Arca de Noé sobre o Monte Ararat" de Simon de Myle (1570): um estudo das fontes iconográficas. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 52(2): 11-31. <https://doi.org/10.11606/2176-7793/2022.53.02>.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2002. A viagem de Vicente Yáñez Pinzón (1499-1500) e o primeiro relato sobre a História Natural do Brasil, segundo as "Décadas" de Pietro Martire de Anghiera. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 93: 1-48.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2003. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511). Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonneville e da Nau Bretoa*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Tempesta, A. 1620. *Nuova Raccolta de li Animali piu curiosi del Mondo*. Roma, Jacomo Rossi.
- Thacher, J.B. 1903-1904. *Christopher Columbus. His life, his work, his remains as revealed by original printed and manuscript records ...* New York & London, G.P. Putnam's Sons.
- Thevet, A. 1557. *Les singvlaritez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*. Paris, Chez les heritiers de Maurice de la Porte.
- Thomaz, L.F.F.R. 2003. As cartas malaias de Abu Hayat, Sultão de Ternate, a El-Rei de Portugal e os primórdios da presença portuguesa em Maluco. *Anais de História de Além-Mar*, Lisboa, 4: 381-446.
- Topsell, E. 1607. *The Historie of Fovre-Footed Beastes*. London, William Iaggard.
- Tosi, R. 1991. *Dizionario delle sentenze latine e greche*. Milano, Rizzoli Libri.
- Toynbee, J.M.C. 1973. *Animals in Roman life and art*. London, Thames and Hudson.
- [Trevigiano, A.] 1504. *Libretto De Tutta La Nauigazione De Re De Spagna De Le Isole Et Terreni Nouamente Trouati*. Venesia, Albertino Vercellese da Lisona.

- Turner, D. 1985. Forgotten treasure from the Indies: the illustrations and drawings of Fernández de Oviedo. *Huntington Library Quarterly*, Philadelphia, 48(1): 1-46. <https://doi.org/10.2307/3817095>.
- Tyson, E. 1698. Carigüeya, seu Marsupiale Americanum, or, The Anatomy of an Opossum, dissected at Gresham-College by Edw. Tyson, M.D. Fellow of the College of Physicians, and of the Royal Society, and Reader of Anatomy at the Chyrurgeons-Hall in London. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, London, 20(239): 105-164. <https://doi.org/10.1098/rstl.1698.0023>.
- Valentijn, F. 1724-1726. *Oud em Nieuw Oost-Indien, vervattende Een Naaukeurige en Uitvoerige Verhandeling van Nederlands mogentheyd In die Gewesten, benevens Eene wydlustige Beschryvinge der Moluccs, Amboina, Banda, Timor, en Solor, Java en alle de Eylanden onder dezelve Landbestieringen behoorende*. Dordrecht & Amsterdam, Joannes van Braam & Gerard Onder de Linden.
- Varela, C. 1984. *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madrid, Alianza Editorial.
- Varela, C. 2006. *La caída de Cristóbal Colón: el juicio de Bobadilla*. Madrid, Marcial Pons Ediciones de Historia.
- Varnhagen, F.A. de. 1854. *Historia geral do Brazil, isto é, do descobrimento, colonisação, legislação e do desenvolvimento deste Estado, hoje império independente, escripta em presença de muitos documentos recolhidos nos arquivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda*. Madrid, Imprensa da V. de Dominguez.
- Varnhagen, F.A. de. 1927. *Historia Geral do Brasil*. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- Varro, M.T. 1979. On Agriculture. In: Cato, M.P. & Varro, M.T. *Cato and Varro: on Agriculture*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press & William Heinemann, p. 159-543.
- Vasconcellos, S. de, Padre. 1663. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil: do que obrarão seus filhos nesta parte do mvndo*. Lisboa, Officina de Henrique Valente de Oliuera.
- Vega, G. de la. 1609. *Commentarios reales, que tratan del origen de los Yncas, reyes que fveron del Perv, de sv idolatria, leyes, y gouierno en paz y en guerra: de sus vidas y conquistas, y de todo lo que fue aquel Imperio y su Republica, antes que los Españoles passaran a el*. Lisboa, Pedro Craebebeck.
- Vigneras, L.A. 1976. *The Discovery of South America and the Andalusian Voyages*. Chicago, University of Chicago Press.
- Vilas Bôas, L. 2018. Os descobrimentos de António Galvão e a utopia letrada no século XVI. In: Silva, M.J.F. da & Miranda, T.C.P. (Org.). *Libros, relege, volve, lege. O livro antigo na Biblioteca do Exército*. Lisboa, Exército Português, p. 299-311.
- [Waldseemüller, M.] 1507. *Cosmographiae introductio: cum quibusdam geometriae ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis. Insuper quatuor Americi Vesputij navigationes*. [Divi Deodati]: [Walter et Nikolaus Lud].
- Westphal, U. 2015. *Elephas anthropogenus*. *Zoologischer Anzeiger*, Amsterdam, 256: 36-41. <https://doi.org/10.1016/j.jcz.2015.05.001>.
- Wieder, F.C. 1927. *Wereldkaart van Petrus Plancius 1592*. Haia, Martinus Nijhoff.
- Wright, H.F. 1917. Origin of the American Aborigines: a famous controversy. *The Catholic Historical Review*, Washington D.C., 3(3): 257-275.
- Wroth, L.C. (Org.). 1930. *Libretto de tutta la nauigatione de Re de Spagna de isole et terreni nouamente trouati Venice, 1504*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur.
- Ximenez, F., Frei. 1615. *Qvatro Libros de la Natvraleza, y virtvdes de las plantas, y animales que estan receuidosen el vso de Medicina en la Nueua España, y la Methodo, y correccion, y preparacion, que para administrallas se requiere con lo que el Doctor Francisco Hernandez escriuio en lengua latina*. Mexico, Casa de la Viuda de Diego Lopez Daulos.
- Ziegler, P. 1982. *The Black Death*. London, Penguin Books.

**ANEXO 1. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO O ANÔNIMO
"CODEX TREVISAN", CA. 1501-1503 (IN ARICÒ, 1993)**

**"Copia de littere mandate per Anzolo Trevisan Canziler del Magnifico et Clarissimo Messier
Domenego Pisani a li Serenissimi Re et Regina de Spagna, orator dignissimo**

[Folio 28 verso – 30 recto]

Septimo libro de la septima navigation

Vicentianes, chiamato Pinzone, et Aries suo nepote, che furon nel primo viazo cun el Columbo, del 1499 armorono a sue spese 4 caravelle, et a dì 18 de novembre se partirono da Palos, de dove loro sono, per andar a cercar novi paesi. Furono a le insule de Canaria, da poi a le insule de Cavo Verde, de dove a 6 zener feceno vela per garbino, et navigati per quel vento 300 lige, dicono che perseno la tramontana et che, immediate persa, forono assaltati da una fortuna terribilissima de mar, pioza, vento. Pur seguendo el suo camino cun gran pericolo, sempre per garbino andorono altre 240 lige. A li 20 de zener, tandem da luntano videnò terra, a la qual aproximandosi trovavano sempre mancho fundi. Getorono li scandagli et trovarono 16 braza de aqua. Zonti a terra smontorono, et stetenò do zorni che mai apparse alcuno. Partiti de li, et scorsi più avanti, videnò la note molta luce che pareva de uno campo de zente d'arme. Andati a quella, trovarono molta zente, ma non li volse disturbar fina la matina, che, aparso el sole, mandorò a terra .40. homeni armati. A l'incontro deli qual vene 32 de quella gente, nudi, armadi de archi et freze, homeni grandi come Todeschi, de faza torva, che tuta via minazavano. Li Spagnoli li poteno far careze assaj che volsen né pace né concordio né amicitia cun loro. Unde per allora se ritornorono a nave // cun animo de tornar la matina a combater cun essi. Ma subito, facta la nocte, se levorono tuti et se ne andorono adeo che se fa iuditio che siano genti vaga come Tartari che non habino propria casa, ma vano hozì in qua doman in là cun sue molie et fioli. Alcuni che videnò dapoi la forma deli soi pedi nel sabione, affermano che la pianta sua è do volte mazor che la nostra. Navigando più avanti trovarono uno fiume, ma no de tanto fondo che le caravelle vi potesse sorzer, per il che mandorono a terra 4 barche de le nave armate deli homeni. Li quali, arivati in terra, se li fece incontra innumerabile numero de gente, pur nude a l'usato, mostrando desiderar el suo comercio Li Spagnoli, non se assicurando de acostarseli, li getorono uno sonaglio et a l'incontro loro ge gettorono uno pezo de oro. Uno Spagnolo, più ardito deli altri volse smontar a tor quello pezo de oro, ma non fece ben vista de chinarse a terra, che 'l fu circondato da una infinità de quella gente che lo volevano prender. Et defendendose luj cun la spada in mano, li compagni soi saltarono de barcha a defenderlo et se incomenzò una tal guerra che forono morti octo Spagnoli, et li altri hebèno faticha ritirarsi a la barcha, né li valse esser armati de lanze et spade ché questa zente – per molti che fosseno morti de loro – non se curavano, ma sempre più arditi li seguivano fino ne l'aqua, per modo che al fine li trasseno una barcha dele mano et amazorono el patron. Lo resto hebèno de gratia cun le 3 barche fuzirseni a nave et far vela et partirse de li. Se drizzorono mal contenti per tramon//tana, ché così se incolfa quella costa. Andati 40 lige, trovarono el mar de aqua dolce, et investigando dove queste aque veniva, trovò una bocha che usciva in mar 15 lige cum grandissimo impeto, davanti dela qual in mar ne erano molte insule habitate de gente humana et piacevole, ma non havevano cosa alcuna da contractar. Tolsè 36 schiavi, poi che altro non trovavano, per non tornar senza guadagno. El nome de questa provintia chiamano Marinatambal. Diceva questa gente che dentro in terra ferma era gran quantità de oro. Partiti da questo fiume, in pochi zorni scoperseno la tramontana, da li a 50 lige. Dicono sempre haver scorso per la costa dela terra Paria, dove fo lo Admirante. In alcune insule avanti questa Paria in gran numero cargarono le nave de verzino. Dele qual insule alcune ne trovarono deshabitate per paura deli Canibali, et molte case ruinate. Videnò etiam alcuni homeni che se fuziron al monte. Trovarono molti arbori de cassiafistola, et ne portorono molta in Spagna. Li medici che l'anno vista dicono che se la fosse ricolta in tempo, la saria perfeta Li arbori de li sono grandi che sei homeni non li poria stravenezere. Fra questi arbori trovonò uno animal monstruoso, che ha el corpo et muso de volpe, la coda et li piedi detro di simia, quelli davanti de homo, le orecchie de noctola, et ha soto el ventre uno altro ventre de fora, come una tascha, dove l'asconde soi fioli poi che sono nasciuti, né mai li lassa uscir fin sono facti grandi, salvo qualche fiata a spasso, over per latarli. Questo animal, essendo portato de Sibila in Granata // a li Serenissimi Re, se ne morì, et io lo vidi morto. Preseno etiam li fioli che 'l teneva in quello ventre, quali morirono in nave. Questo Vicentianes afferma haver navigato per la costa de Paria 600 lige, et che non dubitano la sia terra firma, ma l'ha per certo De li se ne veneno a la insula Spagnola a li 23 de zugno, et de li dicono esser dapoi andati per ponente 400 lige in certa provincia, dove – de 4 caravele che haveven – li assaltò una fortuna del mese de luio, che do se ne somerseno. L'altra, rote le gomene, se smarite, la quarta stete firma, sorta, ma cun tanto travaglio, che havevano zà persa ogni speranza de salute, unde atrovandose el forzo de loro smontati in terra, havevano incominciato pensar de viver li. Ma dubitando che quella gente de quello loco non andasseno in qualche altro loco per soccorso, et li tagliasseno a pezi, feceno deliberatione de amazarli prima loro. Et zà havevan incominciato dar principio a farlo, quando in capo de octo giorni se fece bonanza, et la nave che era smarita tornò cun 18 homeni, et cun quella et l'altra che era salvata, sorta, feno vela et se ne veneno a casa sua, a dì ultimo settembre. Sono venuti molti altri che sono navigati per mezo dì, ma tuti però per la costa dela terra Paria, che hano portato canafistula melior de quella de Vicentianes".

ANEXO 2. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN DO ANÔNIMO "CODEX TREVISAN", CA. 1501-1503

"Cópia das cartas enviadas por Angelo Treviggiano, chanceler do magnífico e claríssimo⁽¹²³⁾
senhor Domenico Pisani, digníssimo embaixador junto ao Rei e Rainha da Espanha

Sétimo livro da sétima navegação

Vicente Yáñez de nome Pinzón e seu sobrinho Arias⁽¹²⁴⁾, que foram na primeira viagem com Colombo, em 1499 armaram por sua conta quatro caravelas e no dia 18 de novembro⁽¹²⁵⁾ partiram de Palos⁽¹²⁶⁾, de onde eles são, para ir em busca de novas terras. Foram às ilhas Canárias e depois às ilhas do Cabo Verde, de onde fizeram vela rumo sudoeste no dia 6 de janeiro⁽¹²⁷⁾ e navegaram naquela direção por 300 léguas⁽¹²⁸⁾. Dizem que perderam a estrela polar e logo que a perderam foram assaltados por uma terrívelíssima tempestade com chuva e vento⁽¹²⁹⁾. Mas seguindo o seu curso, com grande perigo e sempre para sudoeste, andaram outras 240 léguas⁽¹³⁰⁾ e no dia 20 de janeiro, por fim, avistaram terra ao longe⁽¹³¹⁾. Aproximando-se dela, encontravam um fundo cada vez mais raso, lançaram o prumo e acharam 16 braças de água⁽¹³²⁾. Arribaram à terra, desembarcaram e permaneceram por dois dias sem que ninguém aparecesse. Partiram dali e – seguindo mais adiante – durante a noite viram muitas luzes do que parecia um acampamento de gente d'armas. Foram até lá e encontraram muita gente, mas não quiseram perturbá-los até de manhã⁽¹³³⁾. Ao levantar do sol mandaram à terra 40 homens armados, ao encontro dos quais vieram 32 daquelas pessoas, nuas e armadas de arco e flecha⁽¹³⁴⁾. Homens grandes como tedescos, de face torva e ameaçadores. Por mais que os espanhóis lhes fizessem agrados, eles não queriam nem paz, nem entendimento, nem amizade com eles. Por isso retornaram ao navio nesse momento, com ânimo de voltar de manhã para dar-lhes combate. Mas assim que caiu a noite, todos se ergueram e foram embora, pelo que julgaram ser uma gente errante como os tártaros – que não têm sua própria casa, mas vão hoje por aqui e amanhã por lá com suas mulheres e filhos. Alguns que viram depois suas pegadas na areia afirmam que as plantas dos seus pés são duas vezes maiores que as nossas. Navegando mais adiante acharam um rio, mas não tão fundo que as caravelas ali pudessem ancorar, pelo que mandaram à terra quatro botes do navio armados com homens. Ao chegarem em terra, inúmeras pessoas – nuas como de costume – foram ao seu encontro mostrando desejo de comerciar. Não se sentindo seguros em acostar, os espanhóis jogaram-lhes um guizo e em troca eles atiraram um pedaço de ouro⁽¹³⁵⁾. Um dos espanhóis mais ousado que os outros quis desembarcar para recolher aquele pedaço de ouro. Mas assim que baixou em terra, foi cercado por uma infinidade dessas pessoas que queriam prendê-lo. Defendia-se com a espada na mão e seus companheiros saltaram dos botes para defendê-lo. Tãmanha guerra começou que foram mortos oito espanhóis – e os outros tiveram de pelear para voltar aos botes. Não lhes valia estarem armados com lanças e espadas, porque essa gente – por muitos que fossem os seus mortos – não desistia, mas mostrava-se cada vez mais ousada e perseguiam-nos até à água, de modo que ao fim tomaram um bote e mataram o patrão. Os restantes, graças aos três botes, conseguiram fugir para o navio e fazer vela, partindo dali. Navegaram acabrunhados para o Norte, pois a costa dobrava nessa direção. Percorridas 40 léguas⁽¹³⁶⁾ encontraram o mar de água doce e investigando de onde essa água vinha, acharam um estuário que por 15 milhas⁽¹³⁷⁾ desembocava no mar com grandíssimo ímpeto. No mar diante desta boca de rio estavam muitas ilhas, habitadas por humana e agradável gente, mas não tinham coisa alguma para comerciar. Levaram 36 escravos – já que outra coisa não

¹²³ Título concedido aos patrícios de Veneza.

¹²⁴ No "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e no "Paesi novamente ritrovati" (Montalboddo, 1507), esse personagem surge como irmão de Pinzón ("Aries suo fratello").

¹²⁵ As versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530) limitam-se a mencionar que Pinzón teria iniciado sua viagem "próximo às calendas de dezembro do ano de 1499" ("*circiter kalendas decembris anni noni et nonagesimi a quadringentesimo supra millisimum*"). Vide nota 30.

¹²⁶ Palos de la Frontera, porto espanhol situado na margem esquerda do baixo rio Tinto, antigo condado de Niebla. Poucos quilômetros adiante, esse curso d'água une-se ao Odiel para formar o Saltés, último caudal a ser percorrido pelos navios que seguiam em demanda do Atlântico, na época também chamado de "Oceano Ocidental" ou "Mar Oceano".

¹²⁷ A data de 6 de janeiro não está mencionada no "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e no "Paesi novamente ritrovati" (Montalboddo, 1507). Vide nota 31.

¹²⁸ Segundo Hamilton (1934), a "légua marítima" em Castela equivalia a quatro da tradicionais "milhas romanas" ("*milia passuum*") ou apenas "milla" de 1.479 m, perfazendo 5.916 m – um pouco menos que a "légua marítima" de 5.992 m utilizada pelos navegadores portugueses (compare com Lagarto, 1994). As 300 léguas mencionadas, portanto, totalizariam 1.774,80 km. A princípio, os estudiosos quinhentistas estimavam um grau do meridiano terrestre em 16 $\frac{2}{3}$ léguas, valor ampliado para 17 $\frac{1}{2}$ léguas no início do século XVI (Albuquerque, 1975, 1994b).

¹²⁹ "Fortuna terrívelíssima de mar" no original. "Fortuna de mare" ou apenas "fortuna" são expressões muitas vezes utilizadas para designar as tempestades, conforme demonstra a passagem da "Divina Comédia" de Dante Alighieri ("Purgatório": canto 32, 115-116) onde consta "e ferì 'l carro di tuta sua forza; ond' el piegò come nave in fortuna, vinta da l'onda, or da poggia, or da orza", verso passível de ser traduzido como "e feriu o carro com toda sua força, de modo a incliná-lo como nave na tempestade, vencida pelas ondas, ora de bombordo, ora de estibordo" (Dante Alighieri, 1965).

¹³⁰ Cerca de 1.419,84 km. Vide nota 128.

¹³¹ As versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530) mencionam ter sido esse litoral avistado "a sete [dias] das calendas de fevereiro" ("*Septimo kalendas februarii tandem a longe terram prospiciunt*"), portanto no dia 26 de janeiro de 1500.

¹³² Em torno de 26,75 m, se contarmos que a "braça" espanhola correspondia a duas "varas castelhanas" de 83,59 cm ou cerca de 1,67 m (Serrano, 1988). Era um pouco menor que a "braça" usualmente empregada pelos navegadores portugueses do século XVI, a qual chegava a "oito palmos" ou 1,76 m (compare com Pimentel, 1699).

¹³³ O "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e o "Paesi novamente ritrovati" (Montalboddo, 1507) especificam que 25 homens teriam participado dessa primeira investida.

¹³⁴ No "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e no "Paesi novamente ritrovati" (Montalboddo, 1507), o encontro em questão teria envolvido 30 europeus e 32 indígenas.

¹³⁵ As versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530) não falam de um "pedaço de ouro" ("*pezo d'oro*"), mas sim de uma "varinha dourada" ("*palillum auratum*") ou de uma "pequena estaca dourada" ("*paxillum auratum*"). Vide nota 181.

¹³⁶ Cerca de 236,64 km. Vide nota 128.

¹³⁷ Em 1587, Garcia de Palacio estabeleceria que a milha espanhola equivalia a 1.000 passos ou 5.000 pés castelhanos de 0,278635 m, portanto cerca de 1.393,17 m – total inferior ao da milha italiana de 1.488 m ou da milha de 1.477 m empregada por Colombo (Sandoval, 2008). Tomando esse valor como referência, as 15 milhas mencionadas no texto giravam em torno de 20,89 km. A largura desse estuário, contudo, não se encontra especificada nas versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530).

encontraram – para não voltar sem lucros. O nome dessa província é Marinatambal⁽¹³⁸⁾. Disseram essas pessoas que na terra firme havia grande quantidade de ouro. Partindo desse rio, em poucos dias descobriram a estrela polar 50 léguas adiante⁽¹³⁹⁾. Dizem que sempre viajaram ao longo do litoral da terra de Pária, por onde viajou o Almirante. Em algumas das numerosas ilhas situadas diante desta terra de Pária, carregaram o navio com paus-de-tinta⁽¹⁴⁰⁾. Encontraram algumas destas ilhas desabitadas por medo dos canibais e muitas casas em ruínas. Também viram algumas pessoas que fugiam para os montes. Acharam muitas árvores de cassiafístula e levaram muita para a Espanha⁽¹⁴¹⁾. Os médicos que a viram disseram que seria perfeita se tivesse sido colhida no seu devido tempo. As árvores lá são tão grandes que seis homens não poderiam abarcá-las⁽¹⁴²⁾. Entre estas árvores encontraram um animal monstruoso que possui o corpo e focinho de raposa, a cauda e patas traseiras de símio, aquelas da frente de homem e as orelhas de morcego. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos. Nunca os deixa sair até que sejam de fato grandes, salvo nos momentos em que são amamentados. Este animal morreu quando foi levado de Sevilha a Granada para os Sereníssimos Reis e o vi morto. Levaram também os filhotes que ele tinha naquele ventre, os quais morreram no navio. Este Vicente Yáñez afirma haver navegado 600 léguas⁽¹⁴³⁾ pela costa de Pária e não duvida que seja terra firme, mas tem isso por certo. De lá foram para a ilha de Espanhola aos 23 de junho de 1500 e dali dizem ter andado para o poente 400 léguas⁽¹⁴⁴⁾ em uma certa província, onde as quatro caravelas que tinham foram assaltadas por uma tempestade no mês de julho⁽¹⁴⁵⁾. Duas submergiram, a outra extraviou-se ao romper as amarras e a quarta permaneceu firme, ancorada, mas com tanto trabalho que já haviam perdido toda a esperança de salvação. Tendo sido forçados a desembarcar, começaram a pensar em viver ali. Mas duvidando que a gente daquele lugar não fosse a qualquer outro pedir ajuda para fazê-los em pedaços, decidiram matá-los primeiro. E já estavam se preparando para fazê-lo quando, depois de oito dias, veio a bonança e o navio que estava extraviado voltou com 18 homens⁽¹⁴⁶⁾. Com este e o outro que fora salvo ancorado, fizeram vela e voltaram à sua casa no último dia de setembro. Vieram muitos outros que navegaram para o Sul – mas todos, no entanto, pela costa da terra de Pária – trazendo uma cassiafístula melhor que a de Vicente Yáñez”.

ANEXO 3. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO O “MANOSCRITTO DI FERRARA” DE ALESSANDRO ZORZI, CA. 1506-1507 (IN LAURENCICH-MINELLI, 1985)

[Folio 40 recto – 44 recto]

“Libro Septimo delli Antipodi

Vicentianes chiamato Pinzon et Aries suo nepote, che furono nel primo viazo con Colombo, del 1499 armorono a sue expese 4 caravelle, et adi 18 di Novembre se partirono da Palos. De dove loro sono per andare a cercare novi paesi, et furono alle insule de Canarie. Da poi ale insule del Chao verde, de donde ai 6 Gener feciono vela per Garbino, et navicati per quello vento per 300 lige, dicono che persono la Tramontana et che immediate persa, furono asaltati da una fortuna terribilissima de mare, pioza et vento, pur seguendo il suo cammino, cum gran pericolo, sempre andorono oltre 240 lige, ali 20 di Gener tandem da luntano vidono terra. Ala quale aproximandosi trovono sempre manco fondo, getorono li scan-

¹³⁸ “Mariatambal” segundo as versões latinas da primeira “Década” (Martire d’Anghiera, 1511, 1516, 1530). Vide notas 40 e 169.

¹³⁹ Vide nota 150.

¹⁴⁰ Os “paus-vermelhos” ou “paus-de-tinta” explorados para tinturaria (“verzino”, “vercino”, “brasil” ou “coccinum”) adquirem evidência como o único produto de real valor obtido no outro lado do oceano pela expedição de Pinzón, que teria embarcado entre uma e dezesseis toneladas conforme a fonte considerada. De fato, a “Provisão Régia” de 5 de dezembro de 1500 faz alusão a uma carga de “350 quintais de pau-brasil” (in Guedes, 1975; Manzano & Fernández-Heredia, 1988; Navarrete, 1825-1837), enquanto a primeira versão autorizada das “Décadas” (Martire d’Anghiera, 1516) dá a entender que Pinzón teria trazido “três mil libras” dos chamados “paus-vermelhos” (“coccineas in plaerisque de Pariensibus insulis silvas reperere: librarum millia allata sunt tria”). Como o “quintal” utilizado na Espanha equivalia a cerca de 100 “libras de Castela” ou 46 kg (Serrano, 1988), os “350 quintais” corresponderiam a 16,10 t, total muito superior ao das “três mil libras” citadas por Pietro Martire, as quais perfazem em torno de 1,38 t. De qualquer forma, tal referência não diria respeito ao “pau-de-tinta” existente no litoral do Brasil, *Caesalpinia echinata* (Fabaceae, Caesalpinioideae), mas sim aos representantes do mesmo gênero encontrados na Amazônia e/ou Caribe, tais como *Caesalpinia crista*, *Caesalpinia rugeliana*, *Caesalpinia versicaria* e *Caesalpinia tinctoria*, todos muito comercializados durante os séculos XVI e XVII (Ferraz, 1939; B.J. de Souza, 1939). Na verdade, as notícias sobre esses “paus de tinta” do Novo Mundo remontam à segunda e terceira viagens de Colombo (1493-1496 e 1498-1500), quando se descobriram grandes bosques dessas árvores em Hispaniola e Trinidad (Martire d’Anghiera, 1511). Naquela primeira localidade, a extração teria sido iniciada – sem a devida licença real – por volta de 1499 e terminaria por conferir o sugestivo nome de “Puerto de brasil” ao atual porto de Jacmel localizado no Haiti (Ferraz, *op. cit.*; Morison, 1954). Mais de um século depois, o cronista Antonio de Herrera y Tordesillas (1601-1615) iria referir-se à presença e exploração desses “paus de tinta” em várias possessões da América Central e do Caribe, inclusive na Venezuela, Panamá, Nicarágua e México. A julgar pelos relatos disponíveis, os navegadores da época tiveram pouca ou nenhuma dificuldade em identificar as madeiras americanas próprias para a tinturaria, pois estas se afiguravam muito semelhantes às formas orientais conhecidas na Europa pelo menos desde o princípio do século XI (Capmany y de Montpalau, 1779-1792; Mauro, 1989).

¹⁴¹ Na verdade, os navegadores espanhóis teriam confundido algumas espécies neotropicais com a verdadeira cassiafístula ou canafístula, *Cassia fistula* (Fabaceae, Caesalpinioideae), árvore asiática estranha à flora americana. Desde meados do século XVI, entretanto, grande parte da cassiafístula disponível nas farmácias européias viria do Novo Mundo (L’Ecluse, 1605; Monardes, 1574; Orta, 1563; Ramusio, 1556), sendo obtida a partir dos vários representantes locais como *Cassia chamaecrista*, *Cassia ferruginea*, *Cassia grandis*, *Cassia leiandra* e *Cassia occidentalis* (Corrêa, 1984; Hoehne, 1937) ou mesmo de exemplares introduzidos de *Cassia fistula*, conforme bem observa o Conde de Ficalho (in Orta, 1891-1895). Segundo o testemunho de Gabriel Soares de Sousa, tanto uma espécie selvagem não identificada quanto a verdadeira cassiafístula asiática podiam ser encontradas na Bahia por volta de 1587, sendo esta última cultivada a partir de sementes trazidas da ilha de São Tomé (Sousa, 1938). Em termos práticos, os quinhentistas e seiscentistas não faziam qualquer distinção aparente entre as formas neotropicais e a verdadeira cassiafístula, cujo fruto era utilizado como purgante desde a Antiguidade, enquanto a casca constituía ingrediente fundamental para a composição de beberagens destinadas a facilitar partos difíceis.

¹⁴² As versões latinas da primeira “Década” (Martire d’Anghiera, 1511, 1516, 1530) falam de “dezesseis homens” (“sexdecim hominum”).

¹⁴³ Em torno de 3.546,60 km. Vide nota 128.

¹⁴⁴ Cerca de 2.366,40 km. As versões latinas da primeira “Década” (Martire d’Anghiera, 1511, 1516, 1530) não fazem qualquer referência a um desembarque em Hispaniola e tampouco mencionam uma navegação extensa pelo Caribe. Vide nota 128.

¹⁴⁵ Esse trecho torna quase irresistível a especulação de os navios de Pinzón terem sucumbido ante um dos violentos furacões que costumam assolar a região do Caribe. Podendo produzir rajadas com cerca de 300 quilômetros horários e ondas de quase nove metros, esses desastres climáticos costumam ocorrer entre junho e novembro, apresentando sua maior incidência durante o mês de setembro.

¹⁴⁶ Vide nota 151.

dagli et trovarono 16 brazì de aqua. Zonti a terra, smontarono et stetono dui giorni, che mai aparse alcuno. Et partiti di li et scorendo piú avanti, vidono la nocte molta luce, che pareva uno campo di gente darne, andato da quella trovarono de molta gente. Ma non volle disturbare fino alla matina che aparse il sole. Mandarono a terra 40 homeni, all' incontro delli quale vene 32 de quella gente, nudi, armati de archi et freze, homeni grandi come Todeschi, de faza torva che tutavia minaciavano. Li Spagnoli li poteno far careze assai, che mai volsono né pace né concordio alcuno, né amicitia con loro. Unde per alhora se ne ritornorono avante, cum animo di tornare la matina a combattere con essi. Ma subito facto la nocte, se levorono tuti et se ne andorono, ad che fu iudicio che siano gente vage come Tartari, che non hanno propria caxa, ma vano ogi quà, domani là, cum sue mojer et fioli. Alcuni, che vidono dapoi la forma di suoi piedi nel sabione, afirmano che la pianta sua è due volte magior de la nostra. Navigono piú avante trovanoo uno fiume ma non di tanto fundo che la caravella vi potesse sorgere, per il che mandarono a terra 4 barche della nave armate di homeni delli quali arivate a terra, se li fece incontro innumerabil giente, pur nuda all'usato, mostrando desiderare il suo comertio. Li Spagnuoli non si asigurarono acostarsi, li gitorono uno sonaglio, e all'incontro l'oro li gitarono uno pezo de oro. Uno Spagnolo, piú ardito delli altri, volse smontar et tor quel pezo de oro. Ma non fece bene vista de inchinarsi a terra, chel fu circondato da una infinità di questa gente, che lo volevano prendere. Et defendendosi lui colla spada in mano, li compagni sui saltarono da barca per defenderlo. Et se incominciò una tal guerra che, furono morti 8 Spagnoli. Et li altri hebbono faticha a retrarse ale barche, né li valse essere armati de lanze et spade, che questa gente per multi che fussino morti de l'oro, non si curavano, ma sempre piú arditi li seguitavano fino nellaqua, per modo che alla fine li trassero una barca dalla mano, et ammazzorono il patron. Lo resto hebbono di gratia con le 3 barche, fugire a nave et far vela. Et partiti de li, se drizzorono mal contenti per Tramontana, che cosi se ingolfa quella costa. Andati 40 lige, trovarono il mar de Acqua Dolce, et investigando dove questa acqua veniva, trovarono una bocha che usiva in mar 15 lige cum grandissimo impeto. Davanti ala qual in mar, erano multe insule, habitate di giente humana et piacevole. Ma non havevano cosa alcuna da contratar, tolseno 36 schiavi, poichè altro non havevano sencia guadagno. El nome di questa provintia si chiama Marinatambal, et come diceva quella giente, che dentro terra ferma era gran quantità de oro. Partiti da questo fiume in pochi giorno scopersono la Tramontana de li a 50 lige. Dicono sempre haver scorso per la costa della terra Paria, perché da poi venono ala bocha chiamata di Dragone, che è alla bocha di Payra dove fu lo Admirante. In alcune insule che sono avanti questa Payra, in gran numero, cargarono la nave di vergino. Delle qual insule, alcune trovarono disabitate per paura delli Caniballi, et molte caxe rovinate. Videro etiam alcuni homeni, che se fugivano al monte. Trovarono molti alberi di Cassia fistula, et ne portarono molte in Spagna, li medici che la hanno vista dicono che se la fosse ricolta in tempo, la saria perfecta. Li arbori di li sono cosi grandi, che 6 homeni non li potria strafongere. Tra questi arbori trovarono uno animale monstruoso, che ha el corpo el muso de volpe, la coda et li piedi de drieto de simia, quelli davanti di homo, le orecchie di ale di notola et ha sotto il ventre uno altro ventre, di fuori come una tascha, dove lasconde sua figlioli poichè sono nasciuti, né mai le lassa uscir, fino siano facti grandi, salvo qualche fiata at spasso, che vano per latare. Questo animale sendo portato di Sibia in Granata, ali Suoi Re se ne morite, et Missier Anzolo predicto, lo vide morto. Preseno etiam li fioli che teneva in quel ventre, quali morirono in nave. Questo Vicentianes aferma aver navigato per la costa della Paria 600 lige, et che non dubitano la sia terra ferma, ma l'ha per certo. De li se ne venono ala insula Spagnola, adi 23 di Zener 1500, et de li dicono essere da poi andati per ponente. 400 lige in certa provintia, dove le 4 caravelle che l'haveva, li saltò una fortuna del mese di Lujo, che due se ne somersono, l'altra, rota li gomene, si smarite, la quarta stete ferma, forta ma con cotanto travaglio, che havevano già perso ogni speranza de salute. Onde hatrovandose el forzo delli homeni smontati in terra, havevano incominciato a pensar de viver lì, ma dubitando che quella gente di quel loco andasseno in qualche altro loco per secorso et li tagliasino a pezi, fecono deliberatione de amazarli prima loro. Et zà havevano cominzato darli principio de farlo quando, in capo di 8 giorni, se fece bonanza et la nave che era smarrita tornò, cum 18 homeni. Et con quella et l'altra che sera salvata forta, feciono vella, essendo venuto a caxa sua, adi ultimo settembre. Sono venuti molti altri, che sono navegati per megiodi, ma tuti peò perhò per la costa della terra Paria, che hanno portato Chasia fistula, meglior de quella de Vicentianes".

ANEXO 4. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN DO "MANOSCRITTO DI FERRARA" DE ALESSANDRO ZORZI, CA. 1506-1507

"Livro Sétimo dos Antípodas

Vicente Yáñez de nome Pinzón e seu sobrinho Arias, que haviam ido na primeira viagem com Colombo, em 1499 armaram por sua conta quatro caravelas e no dia 18 de novembro partiram de Palos, de onde eles são, para ir em busca de novas terras. Foram às ilhas Canárias e depois às ilhas do Cabo Verde, de onde fizeram vela rumo sudoeste no dia 6 de janeiro e navegaram naquela direção por 300 léguas. Dizem que perderam a estrela polar e logo que a perderam foram assaltados por uma terrívelíssima tempestade com chuva e vento. Mas seguindo o seu curso com grande perigo, sempre andaram outras 240 léguas e no dia 20 de janeiro, por fim, viram terra ao longe. Aproximando-se dela encontravam um fundo cada vez mais raso, lançaram o prumo e acharam 16 braças de água. Arribaram à terra, desembarcaram e permaneceram por dois dias sem que ninguém aparecesse. Partiram dali e – seguindo mais adiante – durante a noite viram muitas luzes do que parecia um acampamento de gente d'armas e indo até lá encontraram muita gente. Mas não quiseram perturbá-los até de manhã. Ao levantar do sol mandaram à terra 40 homens, ao encontro dos quais vieram 32

daquelas pessoas, nuas e armadas de arco e flecha. Homens grandes como tedescos, de face torva e ameaçadores. Por mais que espanhóis lhes fizessem agrados, eles não queriam nem paz, nem entendimento algum, nem amizade com eles. Por isso não seguiram em frente nesse momento, com ânimo de voltar de manhã para dar-lhes combate. Mas assim que caiu a noite, todos se ergueram e foram embora, pelo que julgam ser uma gente errante como os tártaros – que não têm sua própria casa, mas vão hoje por aqui e amanhã por lá com suas mulheres e filhos. Alguns que viram depois suas pegadas na areia afirmam que as plantas dos seus pés são duas vezes maiores que as nossas. Navegaram mais adiante e encontraram um rio, mas não tão fundo que as caravelas ali pudessem ancorar, pelo que mandaram à terra quatro botes do navio armados com homens. Ao chegarem em terra, inúmeras pessoas – nuas como de costume – foram ao seu encontro mostrando desejo de comerciar. Não se sentindo seguros em acostar, os espanhóis jogaram-lhes um guizo e em troca eles atiraram um pedaço de ouro. Um espanhol mais ousado do que os outros quis desembarcar e recolher aquele pedaço de ouro. Mas assim que baixou em terra, foi cercado por uma infinidade dessas pessoas que queriam prendê-lo. Defendia-se com a espada na mão e seus companheiros saltaram dos botes para defendê-lo. Tanta guerra começou que foram mortos oito espanhóis – e os outros tiveram de pelejar para voltar aos botes. Não lhes valia estarem armados com lanças e espadas, porque essa gente – por muitos que fossem os seus mortos – não desistia, mas mostrava-se cada vez mais ousada e perseguiam-nos até a água, de modo que ao fim tomaram um bote e mataram o patrão. Os restantes, graças aos três botes, conseguiram fugir para o navio e fazer vela, partindo dali. Navegaram acabrunhados para o Norte, pois a costa dobrava nessa direção. Percorridas 40 léguas encontraram o mar de água doce e investigando de onde essa água vinha, acharam um estuário que por 15 milhas desembocava no mar com grandíssimo ímpeto. No mar diante desta boca de rio estavam muitas ilhas, habitadas por humana e agradável gente. Mas não havendo coisa alguma para comerciar, levaram 36 escravos, pois não havia mais nada que fosse lucrativo. O nome dessa província é Marinatambal e aquela gente dizia que na terra firme havia grande quantidade de ouro. Partindo desse rio, em poucos dias descobriram a estrela polar 50 léguas adiante. Dizem que sempre viajaram ao longo do litoral da terra de Pária, porque depois chegaram à chamada boca do Dragão, que é um estuário de Pária por onde viajou o Almirante⁽¹⁴⁷⁾. Em algumas das numerosas ilhas situadas diante desta terra de Pária, carregaram o navio com paus-de-tinta. Encontraram algumas destas ilhas desabitadas por medo dos canibais e muitas casas em ruínas. Também viram algumas pessoas que fugiam para os montes. Acharam muitas árvores de cassiafístula e levaram muita para a Espanha. Os médicos que a viram disseram que seria perfeita se tivesse sido colhida no seu devido tempo. As árvores lá são tão grandes que seis homens não poderiam abarcá-las. Entre estas árvores encontraram um animal monstruoso que possui a cabeça e o focinho de raposa, a cauda e as patas traseiras de símio, aquelas da frente de homem e as orelhas como asas de morcego⁽¹⁴⁸⁾. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos. Nunca os deixa sair até que sejam de fato grandes, salvo nos momentos em que vão mamar. Este animal morreu quando foi levado de Sevilha a Granada para os seus reis – e o já mencionado senhor Angelo Trevisano viu-o morto. Levaram também os filhotes que ele tinha naquele ventre, os quais morreram no navio. Este Vicente Yáñez afirma haver navegado 600 léguas pela costa de Pária e não duvida que seja terra firme, mas tem isso por certo. De lá foram para a ilha de Espanhola no dia 23 de janeiro de 1500 e dali dizem ter andado para o poente 400 léguas em uma certa província, onde as quatro caravelas que tinham foram assaltadas por uma tempestade no mês de julho. Duas submergiram, a outra extraviou-se ao romper as amarras e a quarta permaneceu firme, ancorada, mas com tanto trabalho que já haviam perdido toda a esperança de salvação. Tendo sido forçados a desembarcar, começaram a pensar em viver ali. Mas duvidando que a gente daquele lugar fosse a qualquer outro pedir ajuda para fazê-los em pedaços, decidiram matá-los primeiro. E já estavam se preparando para fazê-lo quando, depois de oito dias, veio a bonança e o navio que estava extraviado voltou com 18 homens. Com este e o outro que fora salvo ancorado, fizeram vela e voltaram à sua casa no último dia de setembro. Vieram muitos outros que navegaram para o Sul – mas todos, no entanto, pela costa da terra de Pária – trazendo uma cassiafístula melhor que a de Vicente Yáñez”.

ANEXO 5. A DESCOBERTA DO “MACACO” SEGUNDO O TESTEMUNHO DE ANTÓN HERNÁNDEZ COLMENERO PARA AS “PROBANZAS DEL FISCAL” DE 1515 (IN MURO OREJÓN, 1967-1989)

“Probança de Huelva a XXV de septiembre de MDXV. Vista. El fiscal.

[Folio 26 recto – 27 recto]

Testigo V

El dicho Anton Fernandes Colmenero queriendo declarar el dicho su juramento e seyendo preguntado por las preguntas del dicho ynterrogatorio [...] // a la sétima pregunta dixo que lo que sabe desta pregunta es que al tiempo quel

¹⁴⁷ Ao explorar o golfo de Pária em agosto de 1498, Colombo chamaria de “Boca do Dragão” (“Boca del Drago”) e de “Boca da Serpente” (“Boca del Sierpe”) os estreitos formados pela costa venezuelana e as extremidades noroeste e sudoeste da ilha de Trinidad (Morison, 1954, 1963; Varela, 1984). Ambas denominações continuam vivas até os dias de hoje.

¹⁴⁸ Erro de interpretação do manuscrito de Trevigiano, que fala claramente em um quadrúpede com as “orelhas de morcego” (“orechie de noctola”, vide Anexo 1). Semelhante equívoco tornaria os desenhos de Alessandro Zorzi particularmente curiosos (Fig. 2).

dicho Vicente Anes Pinçon e los que con el fueron a descubrir este testigo yva con el navio del dicho Vicente Anes y vido como fue el dicho Vicente Anes e los que con el yvan fueron fasta la parte del leuante desde la ysla de Cabo Verde e fueron la via del sudueste entre medias del sur y el dicho Vicente Anes e los que çon el yvan e fallaron la tierra firme e el dicho Vicente Anes salto en la barca del nauio donde yva e no consintió que ninguno de los que con el yva saltase en tierra saluo el dicho Vicente Anes e ciertos escrivanos que yvan en el dicho nauio por el Rey nuestro señor los quales saltaron con el dicho Viçente Anes en la dicha tierra firme e este testigo vido como el dicho Vicente // Anes tomo la posesión de la dicha tierra firme en boz e en nombre del Rey nuestro señor lo qual por ante los dichos escrivanos por mandado del dicho Vicente Anes e después de tomada la posesión este testigo vido como el dicho Viçente Anes fizo mojones de tierra e le puso vn nombre que este testigo no se le acuerda e que de alli despues de tomada la posesión fueron descubriendo por la costa de la dicha tierra adelante por la via del norueste e entraron en vn rio en que fallaron el agua dulce que entraua en la mar treynta leguas el agua dulce e que fallaron dentro del rio vn macaco e estando surtos los nauios açaua de golpe de la mar e el roydo que traya les aço quatro braças el nauio e que en aquella tierra fallaron mucha gente pintada que se venia seguramente adonde estaua el dicho Vicente Anes e su conpañia e de aquel rio grande salieron e fueron descubriendo por la costa adelante por la tierra firme fasta dentro a Paria [...]

Francisco de Xerez
escribano publico

Francisco Martin
alcade"

**ANEXO 6. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO O
"LIBRETTO DE TUTTA LA NAVIGATIONE DE RE DE SPAGNA DE LE ISOLE
ET TERRENI NOVAMENTE TROVATI" (TREVIGIANO, 1504)**

[Folio 13 recto – 14 verso]

"Capitulo xxix

Vincetianes chiamato Pinzone: & Aries suo fradello che forono al primo viazo con el Colombo del .1499. Armarono a sue spese .iiii. Caravelle: & a di .xviii. Novembrio se partiero da Palos per andare a discoprire nove isole: & tereni: im brevi tempo forono al'isole de Canaria: & poi succesive al'isole de Cavo Verde. Dale quale partendose: & pigliando la via per garbino: & navegarono per quel vento .300. leghe. Nel qual viazo persono la tramontana (la quale imediate persa) forono asaltati da una terribilissima fortuna de mare con pioza: & vento crudelissimo nientedimeno sequendo el loro camino cotinualmente per garbino: non senza manifesto pericolo andorono avanti .240. leghe. & a di .xx. Zenaro da lontan vitte-no terra: a la quale aproximandose ogni fiada trovano mancho fondo: gittarono lo scandaglio & trovarono .xvi. braza de acqua. & tandem zonti a terra desmontorono & li do zorni stettero che mai apparse alcun partiti de di. & scorendo piu avanti veddeno la notte molte luce che parevano un campo de gente d'arme: verso lequal luce mandorono .xxv. homini bene armati: & comando che non facissino extrepito alcun: li quali andati & compresi essere gran multitudine de gente non volsero per alcun modo disturbarle: Ma diliberorono aspettare la mattina & poi intendere chi fossero: fatto la mattina nel levare del sole mandorono poi in terra .xxxx. homini armati: liquali // Subito che forono da quelle genti visti: quelli mandaro a l'incontro de li nostri .32. homini a modo loro armati de archi & freze: homini grandi & han la faza torva & crudele aspecto: & non cessavano de minazare a li spagnoli liquali quanto piu careze li facevano tanto piu se demonstravano esdegnosi & mai volsero ne pace ne acordio: ne amicitia con loro: Unde per alhora se ne tornorono a nave con animo la mattina sequente a combattere con essi. Ma quelli quamprimum aparse la nocte se levorno nudi & andorono via. Quelli de la nave existimavano che quelle fossero gente che van vagando come zingari o ver tartari che non hanno propria casa: ma vanno ozi in qua doman in la con sue mogliere & fioli. malimatti spagnoli andarono alquanto sequendo loro traze. Et trovarono nel sabbione loro pedate essere molto mazore de le nostre: ymo do volte mazore. Navigando piu avanti trovarono un fiume: ma non de tanto fondo che le caravelle vi posse sorzere: per laqual cosa mandorono a terra .4. barche de le nave armati: le quale armate a terra se li fece incontro innumerabil numero de gente ignuda: li quali con cenni & acti demonstravano molto desiderare el comertio de li nostri. Ma li spagnoli vedendo tanta turba non se aseguararono de acostarse. Ma al meglio che potero gli gittaro uno sonaglio & al incontro quelli gittarno ali nostri un pezo d'oro. Adeo che uno de li spagnoli facendose a terra per tuore quello oro. Subito una turba de quella canaglia glie forono adosso per volerlo prendere: ma quello defendendosi con la spada non posseva al gran numero reparare perche quelli non existimavano morire. Ita che saltorono in terra tutti li homini de le quattro barche & forono morti otto spagnoli: & li altri hebbero gran fuga a scampare & a retrarse ale barche ne li valse essere armati de lanze & de spade che questa gente per molti che fussero morti de loro. non curavano: ma sempre piu arditi li sequitavano fino ne l'acqua per modo che alla fine presero una de le quattro barche & amazorono el patron. El resto hebbe de gratia de scampare con l'altre tre Et andarsene a nave & far velo & partirse de li: & cosi per alhora se trovarono mal contenti. Et presero el loro camin per tramontana che cosi se ingolfa quella costa.

Capitolo xxxi

Andati quaranta leghe trovarono el mar de aqua dolce: & investigando dove questa aqua vegnia trovarono una boccha che per quindese migla sboccava in mare con grandissimo impetu. Davanti dalaquale boccha erano molte insule habbitate de humana & piacevole & li non trovarono casa da contractare. Tolsero .36. schiaui: Dapoi che altro non trovarono da contractare con guadagno. El no//me de questa provincia se chiama Marinatambal diceva quella gente de l'isole che dentro a la terra ferma se trovava grande quantita de oro. Dapoi partiti da questo fiume in pochi zorni scopersero la tramontana che era quasi al orizzonte facto che le cinquanta leghe secondo la loro regula. Dicono che sempre sono scorsi per la terra Payra: perche dapoi vennero alla boccha chiamata del Dragone: che e una boccha che e in questa terra Payra. Dove escorse lo Admirante per alchune insule de li. che stanno avanti questa Payra in grande numero. Dove trovarono gran copia de verzi: del qua le carcarono le lor nave intra lequale insole erano molte de quelle deshabitate per paura de li Canibali. Et vitero infinite case ruinate. Et molti homini che fugivano al monte trovarono etiam molti arbori de Cassiafistula: de la quale ne portarono in Spagna: & li medici che la vitero dicivano che la sarebe stata optima: si la fusse stata recolta al suo debito tempo: & li etiam sono arbori grandissimi & grossi tali che sei homini non li poterebbero trasengere. Dove etiam vitero un nuovo animale quasi monstruoso che el corpo & muso de vuolpe: & la Groppa & li piedi drietto de simia: & quelli davanti quasi chome de homo: le orecchie come la notola: Et ha sutto el ventre uno altro ventre di fora come una tascha dove asconde suoi figlioli dapo nasciuti: ne mai li lassa insire sino a tanto che da loro medemi siano bastanti a nutrise: & excepto quando vogliono lactare: uno de questi tali animali insieme con suoi figlioli. Fo portato de Sibia a Granata ali serenissimi Re. Tamen in nave moritte i fioli: & el grande in Spagna: li quali cosi morti forono visti da molte & diverse persone. Questo Vicentines afferma haver navigato per costa de Payra piu de .600. leghe: & non dubitano che la sia terra ferma: ma sono quasi certi de li da Payra partiti venero al'isola Spagnola a di vinti e tre zugno .1500. Et de li dicono essere andati continuo per ponente piu de quattrocento leghe in certa provincia: dove le quattro caravelle che havevano li salto una fortuna del mese di luglio che doi se somersero una sirope & piu per esser homini persi & esmariti che altro. La quarta stette ferma forta: ma non senza pocho travaglio che havevano perso za ogni speranza de salute. Et cosi stando vitte una loro nave andare a seconda: perche era con pochi homini: de liquali dubbitandosi sumersarsi si buttareno a terra: & li stavano in grandissimo dubio & paura de essere mal tractati da quella gente. Fecero deliberatione primo intra loro amazarse: & cosi stavano in varii & mali concepti circa a zorni otto. Doppo facendo bonaza vitero la loro nave che resto solum con desdocto homini: & li montarono: & insieme con quella altra che era salvata: & fecero vela a la volta de Spagna. // dove a di ultimo de Setembrio arivorno dapo costoro molti altri hano navigato a questo viazo per mezodi: & continuo andati per la costa de la terra Payra piu de cinque milia migla: & mai hanno trovato termine alcun che sia isola: & per questo cadaun manifestamente tiene essere terra ferma. Da la quale ultimamente e sta porta cassia in tutta perfection oro: perle: verzi de la sorte dicta di sopra: piper & canella: salvatici: herbe piante arbori animali de stranee & diverse sorte che noi non habiamo. Finis".

ANEXO 7. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN DO "LIBRETTO DE TUTTA LA NAVIGATIONE DE RE DE SPAGNA DE LE ISOLE ET TERRENI NOVAMENTE TROVATI" (TREVIGIANO, 1504)

"Capítulo XXIX

Vicente Yáñez de nome Pinzón e seu irmão Arias, que foram na primeira viagem com Colombo, em 1499 armaram por sua conta quatro caravelas e no dia 18 de novembro partiram de Palos para ir descobrir novas ilhas e terras. Logo foram às ilhas Canárias e em seguida às ilhas de Cabo Verde, das quais partiram tomando rumo sudoeste e navegaram nessa direção 300 léguas. Nessa viagem perderam a estrela polar e assim que a perderam foram assaltados por uma terrívelíssima tempestade, com chuva e um vento crudelíssimo. Não obstante, seguindo sempre o curso sudoeste, em manifesto perigo avançaram 240 léguas e no dia 20 de janeiro avistaram terra ao longe. Aproximando-se dela, tinham um fundo cada vez mais raso a cada sondagem, até que lançaram o prumo e encontraram 16 braças de água. Quando por fim arribaram à terra, desembarcaram e permaneceram por dois dias sem que ninguém aparecesse. Partiram dali e – seguindo mais adiante – durante a noite viram muitas luzes do que parecia um acampamento de gente d'armas. Em direção a essa luz mandaram 25 homens bem armados com a ordem de que não fizessem ruído algum, os quais seguiram e ao darem conta de uma grande multidão de pessoas, não quiseram perturbá-la de modo algum. Mas deliberaram esperar pela manhã e então tentar saber quem elas eram. Feita a manhã, ao levantar do sol mandaram então à terra 30 homens armados. Logo foram vistos por aquela gente, a qual mandou ao encontro dos nossos 32 homens armados a seu modo, com arcos e flechas – homens grandes de face torva e cruel aspecto. Não cessavam de ameaçar os espanhóis e quanto mais agrados estes lhes faziam, tanto mais se mostravam desdenhosos, sem nunca querer nem paz, nem acordo, nem amizade com eles. De onde, pelo momento, retornaram ao navio com o ânimo de combatê-los na manhã seguinte. Mas aqueles, assim que caiu a noite, levantaram-se todos e foram embora⁽¹⁴⁹⁾. Os do navio estimam que fosse gente errante como os ciganos ou

¹⁴⁹ A sentença original "se levorno nudi" envolveria um possível erro de impressão, pois o "Codex Trevisan" e o "Manoscritto di Ferrara" (Anexos 1 a 4) na verdade mencionam "se levorno tuti", o que se afigura bem mais adequado. O mesmo equívoco do "Libretto de tutta la navigatione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) seria repetido no "Paesi novamente ritrovati" (Montalbotto, 1507). Vide Anexos 8 e 9, bem como a nota 154.

verdadeiros tártaros, que não têm casa e estão hoje aqui e amanhã acolá com suas mulheres e filhos. Mas os tresloucados espanhóis foram por algum tempo seguindo seus rastros e acharam na areia suas pegadas muito maiores que as nossas – até duas vezes maiores. Navegando mais adiante acharam um rio, mas não fundo o suficiente para que as caravelas ali pudessem ancorar. Por esse motivo mandaram à terra quatro botes armados desde o navio. Quando chegaram em terra, um contingente inumerável de gente nua acorreu ao seu encontro, fazendo sinais e gestos que demonstravam muito desejar o comércio com os nossos. Porém os espanhóis, vendo tanta turba, não se sentiram seguros de abordar, mas jogaram-lhes um guizo da melhor forma que puderam e em troca eles atiraram para os nossos um pedaço de ouro. Quando um dos espanhóis foi à terra para recolher aquele ouro, imediatamente uma turba daquela canalha caiu-lhe encima para prendê-lo. Mas este, defendendo-se com a espada, não podia fazer frente a tão grande número, porque aqueles não se importavam em morrer. Então saltaram em terra todos os homens dos quatro botes e foram mortos oito espanhóis. Os outros tiveram grande dificuldade de escapar e voltar aos botes. Não lhes valeu estarem armados com lanças e espadas, pois àquela gente não importava que muitos dos seus fossem mortos. Sempre mais ousados, perseguiram-nos até a água, de tal modo que ao cabo tomaram um dos quatro botes e mataram o patrão. O resto teve sorte de escapar com os outros três. E foram até o navio e fizeram vela, partindo dali. Por agora estavam acabrunhados e tomaram seu caminho para o Norte, pois a costa dobrava nessa direção.

Capítulo XXXI

Percorridas 40 léguas encontraram o mar de água doce e investigando de onde essa água vinha, acharam um estuário que por 15 milhas desembocava no mar com grandíssimo ímpeto. Diante desta boca de rio eram muitas as ilhas habitadas por humana e agradável gente, mas ali não acharam coisa alguma com que comerciar. Arrebanharam 36 escravos, pois mais nada encontraram que fosse rentável negociar. O nome dessa província se chama Marinatambal. Dizia aquela gente das ilhas que no interior – na terra firme – achava-se grande quantidade de ouro. Depois de partirem desse rio, em poucos dias descobriram a estrela polar quase no horizonte, tendo feito 50 léguas segundo seus cálculos⁽¹⁵⁰⁾. Dizem que sempre viajaram pela terra de Pária, porque depois chegaram à chamada boca do Dragão, que é um estuário que está nessa terra de Pária por onde o Almirante viajou percorrendo algumas ilhas – que se encontram diante desta terra de Pária em grande número. Nelas acharam grande cópia de paus-de-tinta, com o qual carregaram seu navio. Muitas destas ilhas eram desabitadas por medo dos canibais e viram infinitas casas em ruínas – e muitas pessoas que fugiam para os montes. Acharam também muitas árvores de cassiafístula, da qual levaram para a Espanha. E os médicos que a viram disseram que estaria ótima se tivesse sido colhida no seu devido tempo. E lá também existem árvores grandíssimas e tão grossas que seis homens não podiam abarcá-las. Ali também viram um novo animal quase monstruoso que tinha o corpo e focinho de raposa, a garupa e patas traseiras de símio e as da frente quase como de homem, as orelhas como de morcego. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos. Nunca os deixa sair – exceto quando querem mamar – até que sejam capazes de se alimentarem sozinhos. Um destes animais, junto com seus filhotes, foi levado de Sevilha a Granada aos Sereníssimos Reis. Os filhotes, entretanto, morreram no navio e o adulto na Espanha. Apesar de mortos, foram vistos por muitas pessoas diferentes. Este Vicente Yáñez afirma haver navegado pela costa de Pária mais de 600 léguas e não duvida que seja terra firme, antes estão quase certos. Tendo partido de Pária, chegaram à ilha de Hispaniola no dia 23 de junho de 1500. E dali dizem haver andado sempre para o poente mais de 400 léguas em uma certa província, onde as quatro caravelas que tinham foram assaltadas por uma tempestade no mês de julho. Duas submergiram e uma soltou-se, mais por estarem os homens perdidos e atordoados que por outra coisa. A quarta permaneceu firme e ancorada, mas com tanto trabalho que já haviam perdido toda a esperança de salvação. Estavam assim quando viram uma das embarcações seguir à deriva, porque estava com poucos homens – incertos se iriam afundar, eles haviam ido para terra. E ali estavam em grandíssima dúvida e medo de serem maltratados pela gente do lugar. Deliberaram matarem-se primeiro uns aos outros e permaneceram assim – com vários e maus pensamentos – por cerca de oito dias. Depois de vinda a bonança, avistaram o barco que restava só com dezoito homens e embarcaram⁽¹⁵¹⁾. Junto com o outro que havia sido salvo fizeram vela para a Espanha, onde chegaram no último dia de setembro. Depois deles muitos outros navegaram nesta viagem para o Sul. Seguiram sempre pela costa

¹⁵⁰ "Dapoi partiti da questo fiume in pochi zorni scopersero la tramontana che era quasi al orizzonte facto che le cinquanta leghe secondo la loro regula" no original. No "Codex Trevisan" e no "Manoscritto di Ferrara" esse mesmo trecho assumiria uma forma mais reduzida (Anexos 1 a 4), enquanto as edições latinas da primeira "Década" sequer mencionam as "50 léguas" ou a declinação da estrela polar (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530). Um tanto confusa e passível de múltiplas interpretações, a frase em questão seria traduzida por C.M. Leite (in Dias, 1921-1924) como "partidos deste rio, em poucos dias descobriram a tramontana, daí a 50 léguas", solução simplificada e um tanto distante do original. Ainda que mais próxima do texto italiano, a presente versão tampouco se revela de todo satisfatória, pois sua parte final pode ser entendida como mera referência a uma distância percorrida de "50 léguas" (cerca de 295,80 km, vide nota 128), ou ainda como uma alusão aos famosos regimentos ("regula") empregados pelos marinheiros quinhentistas, por exemplo o "Regimento das Léguas" e o "Regimento da Estrela do Norte" (Albuquerque, 1975, 1994b). Considerando que a palavra italiana "regula" também pode significar "régua", sequer parece possível descartar por completo a hipótese de essa passagem dizer respeito aos próprios quadrantes e balestilhas empregados na época para medir a declinação da estrela polar (Albuquerque, 1994c, 1994d). De qualquer forma, Pinzón teria de estar bem próximo do equador em tal oportunidade, pois a tramontana não pode ser observada com exatidão abaixo dos 9º de latitude norte, perdendo-se a olho nu por volta dos 4º ou 5º de latitude norte (Guedes, 1975).

¹⁵¹ Passagem um tanto dúbia, pois não está claro se os espanhóis pretendiam matar-se uns aos outros ou promover uma razia preventiva entre os indígenas da região, mesmo que ao custo de suas próprias vidas. A segunda hipótese parece ser mais acertada de acordo com o "Codex Trevisan", o "Manoscritto di Ferrara" (Anexos 1 a 4) e as versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530), onde se estabelece a intenção desses naufragos em "dar morte a todos os indígenas próximos, com receio de que estes, convocando os seus vizinhos da província, convergissem para trucidá-los" ("de perimendis omnibus incolis vicinis cogitabant: ne finitimis reliquis aliquando convocatis ad se trucidandum convenient"). Tampouco as edições latinas fazem qualquer referência aos "oito dias" de espera e "maus juízos" mencionados nas versões italianas.

da terra de Pária por mais de 5.000 milhas⁽¹⁵²⁾ sem nunca encontrar um fim que indicasse se tratar de uma ilha. Por isso todos se manifestam que seja terra firme. Dela ultimamente trazem cassiafístula em perfeito estado, ouro, pérolas, paus-de-tinta do tipo dito acima, pimenta e canela selvagens, ervas, plantas, árvores e animais estranhos de diversos tipos que nós não temos. Fim"

ANEXO 8. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO O "PAESI NOVAMENTE RETROVATI" (MONTALBODDO, 1507)

[Folio 98 verso – 100 verso]

"Navigazione de Pinzone Compagno de lo Admirante cum suo invento. c. cxii

Vicentianes chiamato Pinzone: & aries suo fratello che forono al primo viazo cum el Colombo del .M.cccxcix. Armonono a sue spese .iiii. Caravelle: & a di .xviii. Novembrio se partiero da palos per andare a discoprire nove isole: & tereni: im brevi tempo forono al'isole de Canaria: & poi successive al'isole de Capo Verde. dale quale partendose: & pigliando la via per garbino: & navigarono per quel vento .ccc. leghe. Nel qual viazo persono la tramontana (la quale imediate persa) furono asaltati da una terribilissima fortuna de mare cum pioza: & vento crudelissimo: nientedimeno sequendo el loro camino continuamente per garbino: non senza manifesto pericolo andarono avanti .ccxl. leghe. & adi .xx. Zenaro da lontan // vitteno terra: la quale aproximandose ogni fiada trovano mancho fondo: gittarono lo scandaglio & trovarono .xvi. braza de acqua: & tandem zonti a terra desmontorono & li .ii. zorni stettero che mai apparse alcun partiti de di: & scorendo piu avanti veddeno la nocte molte luce che parevano un campo de gente d'arme: verso lequal luce mandorono .xxv. homini bene armati: & comando che non facissino extrepito alcun: liquali andati & compresi esser gran multitude de gente non volsero per alcun modo disturbarle: Ma deliberorono aspectare la mattina & poi itendere chi fossero: facto la mattina nel levare del sole mandorono poi in terra .xxxx. homini armati: liquali Subito che forono da quelle gente visti: quelli mandaro a l'incontro de li nostri .xxxii. homini a modo loro armati de archi & freze: homini grandi & han la faza torva & crudele aspecto: & non cessavano de minazare a li Spagnoli liquali quanto piu careze li facevano tanto piu se desmonstravano esdegnosi & mai volsero ne pace ne acordo: ne amicitia cum loro: Unde per alhora se ne tornorono a nave cum animo la mattina sequente a combattere con essi. Ma quelli quamprimum aparse la nocte se levorno nudi & andorono via. Quelli de la nave existimavano che quelle fossero gente che vagando come zingari o ver tartari che non hanno propria casa: ma vanno ozi in qua doman in la cum sue mogliere & fioli. malimatti Spagnoli andarono alquanto sequendo loro traze. Et trovarono nel sabbione loro pedate essere molto mazore de le nostre: imo do volte mazore. Navigando piu avanti trovarono un fiume: ma non de tanto fondo che le Caravelle vi posse sorzere: per laqual cosa mandarono a terra .iiii. // barche de le nave armate: le quale armate a terra se li fece incontro innumerabil numero de gente ignuda: li quali cum cenni & acti demonstravano molto desiderare el comertio de li nostri. Ma li Spagnoli vedendo tanta turba non se aseguraron de acostarse. Ma al meglio che potero gli gittaro uno sonaglio & al incontro quelli gittarno ali nostri un pezo d'oro. Adeo che uno de li Spagnoli facendose a terra per tore quello oro. Subito una turba de quella canaglia glie forono adosso per volerlo prendre: ma quello defendendosi cum la spada non posseva al gran numero reparare perche quelli non existimavano morire. ita che saltarono in terra tuti li homini de le .iiii. barche & forono morti .viii. Spagnoli: & li altri hebbero gran fuga a scampare & a retrarse ale barche ne li valse esser armati de lanze & de spade che questa gente per molti che fussero morti de loro. non curavano: ma sempre piu arditi li sequitavano fino ne l'acqua per modo che alla fine presero una de le .iiii. barche & amazono el patrone. El resto hebbe de gratia de scampare cum l'altre .iii. Et andarsene a nave & far velo & partirse de li: & cosi per alhora se trovarono mal contenti. & presero el loro camin per tramontana che cosi se incolfa quella costa.

Pinzone gionto al mare de lacqua dolce trovo varie Isole. c. cxiii

Andati .xl. leghe trovarono el mar de acqua dolce: & investigando dove questa acqua vegnia trovaron una bocha che per .xv. miglia sboccava in mare cum grandissimo impetu: Davanti dalaquale bocha erano molte insule habitate de humana & piacevole & li non trovaron cosa da contractare // Tolsero .xxxvi. schiavi: Dapoi che altro non trovarono da contractare cum guadagno. El nome de questa provincia se chiama Marinatambal diceva quella gente de l'isole che dentro a la terra ferma se trovava grande quantita de oro. Dapoi partiti da questo fiume in pochi zorni scopersero la tramontana che era quasi al orizzonte facto che le .I. leghe secundo la loro regula. Dicono che sempre sonno scorsi per la terra Payra: perche dapoi venero alla bocha chiamata del Dragone: che e una bocha che e in questa terra Payra. Dove escorse lo Admirante per alcune insule de li. che stanno avanti questa Payra in grande numero. Dove trovarono gran copia de Verzi: del qua le carcarono le lor nave: intra lequale insule erano molte de quelle deshabitate per paura de li Canibali. Et vittero

¹⁵² Cerca de 6.965,85 km. As sentenças finais não encontram paralelo com o "Codex Trevisan", o "Manoscritto di Ferrara" (vide Anexos 1 a 4) e as versões latinas da primeira "Década" (Martire d'Anghiera, 1511, 1516, 1530), além de tampouco dizerem respeito à viagem de Pinzón propriamente dita. Vide nota 137.

infinite case ruinate. Et multi homini che fugivano al monte trovarono etiam molti arbori de Cassiafistula: de la qual ne portarono in Spagna: & li medici che la vittero dicivano che la sarebe stata optima: si la fusse stata recolta al suo debito tempo: & etiam sonno arbori grandissimi & grossi tali che .vi. homini non li poterebbero trasengere. Dove etiam vittero un novo animale quasi monstuoso che el corpo & muso de volpe: & la Groppa & li piedi drietto de Simia: & quelli davanti quasi come de homo: le orecchie come la notola: Et a sutto el ventre uno altro ventre di fora come una tascha dove asconde soi figlioli dapò nasciuti: ne mai li lassa insire sino a tanto che da loro medemi siano bastanti a nutrirse: & excepto quando vogliono lactare: uno de questi tali animali insieme cum soi figlioli. Fo portato de Sibia a Granata ali Serenissimi Re. tamen in nave morite i figlioli: & el grande in Spagna: li quali co//si morti forono visti da molte & diverse persone. Questo Vicentines aferma haver navigato per costa de Payra piu de .dc. leghe: & non dubitano che la sia terra ferma: ma sonno quasi certi de li da Payra partiti vengero al'isola Spagnola a di .xxiii. lunio .M.ccccc. Et de li dicono esser andati continuo per ponente piu de .cccc. leghe in certa provincia: dove a le .iiii. Caravelle che haveano li salto una fortuna del mese de Luio che doi se sormesero una sirope & piu per esser homini presi & esmariti che altro. la .iiii. stette ferma forta: ma non senza pocho travaglio che haveano perso za ogni speranza de salute: & cosi stando vitte una loro nave andare a seconda: perche era cum pochi homini: de liquali dubitandosi sumersarsi si buttareno a terra: & li stavano in grandissimo dubio & paura de esser mal tractati da quella gente. Fecero deliberatione primo intra loro amazarse: & cosi stavanno in varii & mali concepti circha a zorni .viii. Doppo facendo bonanza vittero la loro nave che resto solum cum .xviii. homini: & li montarono: & insieme cum quella altra che era salvata: & fecero vela ala volta de Spagna. dove a di ultimo de Setembrio arivorno dapò costoro molti altri hanno navigato a questo viazo per mezodi: & continuo andati per la costa de la terra Payra piu de .v.M. miglia: & mai hanno trovato termine alcun che sia isola: & per questo cadaun manifestamente tiene esser terra ferma. De la quale ultimamente e sta porta cassia in tuta perfectione oro: Perle: verzi de la sorte dicta di sopra: Piper & Canella: Salvatici: herbe piante arbori animali de stranee & diverse sorte che noi non habiamo.

FINIS"

ANEXO 9. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN DO "PAESI NOVAMENTE RETROVATI" (MONTALBODDO, 1507)

"Navegação de Pinzón, companheiro do Almirante, com sua descoberta. Capítulo CXII

Vicente Yáñez de nome Pinzón e seu irmão Arias, que foram na primeira viagem com Colombo, em 1499 armaram por sua conta quatro caravelas e no dia 18 de novembro⁽¹⁵³⁾ partiram de Palos para ir descobrir novas ilhas e terras. Logo foram às ilhas Canárias e em seguida às ilhas de Cabo Verde, das quais partindo tomando rumo sudoeste e navegaram nessa direção 300 léguas. Nessa viagem perderam a estrela polar e assim que a perderam foram assaltados por uma terrívelíssima tempestade, com chuva e um vento cruelíssimo. Não obstante, seguindo sempre o curso sudoeste, em manifesto perigo avançaram 240 léguas e no dia 20 de janeiro avistaram terra ao longe. Aproximando-se dela, tinham um fundo cada vez mais raso a cada sondagem, até que lançaram o prumo e encontraram 16 braças de água. Quando por fim arribaram à terra, desembarcaram e permaneceram por dois dias sem que ninguém aparecesse. Partiram dali e – seguindo mais adiante – durante a noite viram muitas luzes do que parecia um acampamento de gente d'armas. Em direção a essa luz mandaram 25 homens bem armados com a ordem de que não fizessem ruído algum, os quais seguiram e ao darem conta de uma grande multidão de pessoas, não quiseram perturbá-la de modo algum. Mas deliberaram esperar pela manhã e então tentar saber quem elas eram. Feita a manhã, ao levantar do sol mandaram então à terra 30 homens armados. Logo foram vistos por aquela gente, a qual mandou ao encontro dos nossos 32 homens armados a seu modo, com arcos e flechas – homens grandes de face torva e cruel aspecto. Não cessavam de ameaçar os espanhóis e quanto mais agrados estes lhes faziam, tanto mais se mostravam desdenhosos, sem nunca querer nem paz, nem acordo, nem amizade com eles. De onde, pelo momento, retornaram ao navio com o ânimo de combatê-los na manhã seguinte. Mas aqueles, assim que caiu a noite, levantaram-se todos e foram embora⁽¹⁵⁴⁾. Os do navio estimam que fosse gente errante como os ciganos ou verdadeiros tártaros, que não têm casa e estão hoje aqui e amanhã acolá com suas mulheres e filhos. Mas os tresloucados espanhóis foram por algum tempo seguindo seus rastros e acharam na areia suas pegadas muito maiores que as nossas – até duas vezes maiores. Navegando mais adiante acharam um rio, mas não fundo o suficiente para que as caravelas ali pudessem ancorar. Por esse motivo mandaram à terra quatro botes armados desde o navio. Quando chegaram em terra, um contingente inumerável de gente nua acorreu ao seu encontro, fazendo sinais e gestos que demonstravam muito desejar o comércio com os nossos. Porém os espanhóis, vendo tanta turba, não se sentiram seguros de abordar, mas jogaram-lhes um guizo da melhor forma que puderam e em troca eles atiraram para os nossos um pedaço de ouro. Quando um dos espanhóis foi à terra para recolher aquele ouro, imediatamente uma turba daquela canalha caiu-lhe encima para prendê-lo. Mas este, defendendo-se com a espada, não podia fazer frente a tão grande número, porque aqueles não se importavam em morrer. Então saltaram em terra todos os homens dos quatro botes e foram

¹⁵³ A segunda edição do "Paesi novamente retrovati" (Montalboddo, 1508) altera essa data para 19 de novembro ("a di .xviii. Novembro").

¹⁵⁴ Vide nota 149.

mortos oito espanhóis. Os outros tiveram grande dificuldade de escapar e voltar aos botes. Não lhes valeu estarem armados com lanças e espadas, pois àquela gente não importava que muitos dos seus fossem mortos. Sempre mais ousados, perseguiram-nos até a água, de tal modo que ao cabo tomaram um dos quatro botes e mataram o patrão. O resto teve sorte de escapar com os outros três. E foram até o navio e fizeram vela, partindo dali. Por agora estavam acobardados e tomaram seu caminho para o Norte, pois a costa dobrava nessa direção.

Pinzón chega ao mar de água doce e encontra várias ilhas. Capítulo CXIII

Percorridas 40 léguas encontraram o mar de água doce e investigando de onde essa água vinha, acharam um estuário que por 15 milhas desembocava no mar com grandíssimo ímpeto. Diante desta boca de rio eram muitas as ilhas habitadas por humana e agradável gente, mas ali não acharam coisa alguma com que comerciar. Arrebanharam 36 escravos, pois mais nada encontraram que fosse rentável negociar. O nome dessa província se chama Marinatambal. Dizia aquela gente das ilhas que no interior – na terra firme – achava-se grande quantidade de ouro. Depois de partirem desse rio, em poucos dias descobriram a estrela polar quase no horizonte, tendo feito 50 léguas segundo seus cálculos. Dizem que sempre viajaram pela terra de Pária, porque depois chegaram à chamada boca do Dragão, que é um estuário que está nessa terra de Pária por onde o Almirante viajou percorrendo algumas ilhas – que se encontram diante desta terra de Pária em grande número. Nelas acharam grande cópia de paus-de-tinta, com o qual carregaram seu navio. Muitas destas ilhas eram desabitadas por medo dos canibais e viram infinitas casas em ruínas – e muitas pessoas que fugiam para os montes. Acharam também muitas árvores de cassiafistula, da qual levaram para a Espanha. E os médicos que a viram disseram que estaria ótima se tivesse sido colhida no seu devido tempo. E lá também existem árvores grandíssimas e tão grossas que seis homens não podiam abarcá-las. Ali também viram um novo animal quase monstruoso que tinha o corpo e focinho de raposa, a garupa e patas traseiras de símio e as da frente quase como de homem, as orelhas como de morcego. E possui sob o ventre um outro ventre externo como uma bolsa, onde esconde seus filhotes depois de nascidos. Nunca os deixa sair – exceto quando querem mamar – até que sejam capazes de se alimentarem sozinhos. Um destes animais, junto com seus filhotes, foi levado de Sevilha a Granada aos Sereníssimos Reis. Os filhotes, entretanto, morreram no navio e o adulto na Espanha. Apesar de mortos, foram vistos por muitas pessoas diferentes. Este Vicente Yáñez afirma haver navegado pela costa de Pária mais de 600 léguas e não duvida que seja terra firme, antes estão quase certos. Tendo partido de Pária, chegaram à ilha de Hispaniola no dia 23 de junho de 1500. E dali dizem haver andado sempre para o poente mais de 400 léguas⁽¹⁵⁵⁾ em uma certa província, onde as quatro caravelas que tinham foram assaltadas por uma tempestade no mês de julho. Duas submergiram e uma soltou-se, mais por estarem os homens perdidos e atordoados que por outra coisa. A quarta permaneceu firme e ancorada, mas com tanto trabalho que já haviam perdido toda a esperança de salvação. Estavam assim quando viram uma das embarcações seguir à deriva, porque estava com poucos homens – incertos se iriam afundar, eles haviam ido para terra. E ali estavam em grandíssima dúvida e medo de serem maltratados pela gente do lugar. Deliberaram matarem-se primeiro uns aos outros e permaneceram assim – com vários e maus pensamentos – por cerca de oito dias. Depois de vinda a bonança, avistaram o barco que restava só com dezoito homens e embarcaram. Junto com o outro que havia sido salvo fizeram vela para a Espanha, onde chegaram no último dia de setembro. Depois deles muitos outros navegaram nesta viagem para o Sul. Seguiram sempre pela costa da terra de Pária por mais de 5.000 milhas sem nunca encontrar um fim que indicasse se tratar de uma ilha. Por isso todos se manifestam que seja terra firme. Dela ultimamente trazem cassiafistula em perfeito estado, ouro, pérolas, paus-de-tinta do tipo dito acima, pimenta e canela selvagens, ervas, plantas, árvores e animais estranhos de diversos tipos que nós não temos.

FIM"

ANEXO 10. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO A "OCCEANI DECAS" (MARTIRE D'ANGHIERA, 1511)

[Folio 39 verso – 41 recto]

"Oceaneae decadis liber Nonus

Vincentiagnes cognomento pinzonus ariesque pinzonus illius ex fratre nepos: qui colonum prefectum maritimum prima navigatione fuerant comitati: duarumque minorum navium illarum (quas supra diximus caravelas vocitari) domini a prefecto conducti: novorum tractuum novarumque terrarum amplitudine pellecti: quattuor impensa propria caravelas in portum ipsorum natali solo (qui dicitur ab hispanis palos) in occiduo oceano sito construunt: et a regibus habita venia circiter kalendas decembris anni noni et nonagesimi a quadringentesimo supra millesimum et portu solvunt. Est autem is portus palensis agadibus millia passuum duo et septuaginta ab hispali vero bethice emporio milliaria quattuor et sexaginta. Sunt oppidani omnes (nullo excep-

¹⁵⁵ A segunda edição do "Paesi novamente ritrovati" (Montalboddo, 1508) altera esse total de 400 léguas (2.366,40 km) para 300 léguas (1.774,80 km) ao estabelecer que os navegantes teriam "andati continuo peronente piu de' cccc.leghe". Vide nota 128.

to) rebus maritimis dediti: continuisque navigationibus intenti. Ad fortunatas et ipsi primum tendunt per cassiterides. id est. per insulas caput viride dictas (quas alii putant gorgodes meduseas) ad meridiem recta proficiscuntur. Ab ea cassiteridum quae sancti jacobi a portugalsibus possessoribus appellatur: idibus januarii discendentes africanum quem suduestum appellant: qui medius inter austrum est ac zephyrum secuntur. Quom lequas se tricenas navigasse ventum illum secuti arbitrarentur: poli arctici aiunt se aspectum amissi se: quo illis occidente: ventorum vorticumque atque estuum fera tempestas continuo oborta est. Ulterius tamen (licet cum summo discrimine) quadraginta super ducentas lequas ventum semper eundem per polum jam amissum sequentes processerunt. Unde an habitabilis sit an inaccessa quae de linea equinoctiali feruntur: aut isti aut pauci tam philosophi quam poetae et cosmographi mentiuntur. Hi nanque frequentibus habitata populis contendunt. Illi vero inhabitabilem ob solis perpendicularum scribunt. Non defuere tamen apud antiquos: qui habitabilem esse probare niterentur. Interrogati a me nautae hi: an antarcticum viderint polum. id est. stellam se nullam huic arctice similem quae discerni circa punctum possit: cognovisse inquirunt. Stellarum tamen aliam se prospexisse faciem densaque quandam ab horizonte vaporosam caliginem: quae oculos fere obtenebraret aiunt. Tumulum attoli in terrae medio qui (ne antarcticus videatur: donec illum penitus trajicerint obstet: contendunt. At stellarum imagines ab hemisphaerii nostri stellis valde diversas se vidisse credunt. Haec dederunt: haec accipito. davi sunt: non edippi. Septimo kalendas februarii tandem a longe terram prospiciunt) et quom turbidam esse maris aquam viderent: jacto funiculo plumbato sexdecim ulnarum (aiunt vulgo brazatas) altitudinem reperiunt. Applicant: descendunt: biduo ibidem commorati (quia nullum ibi hominem eo tempore viderint: licet vestigia in littore humana compererint) sculptis arboribus et saxis littori vicinis re//giis suisque nominibus de accessu ipsorum discesserunt. Non longe ab ea statione nocturnos ignes secuti castrensi more gentem reperiunt pernotantem sub dio. Hanc (donec elucescat) nolle perturbare fuit consilium. Sole autem exorto armati e nostris quadraginta prodeunt ad illos. Ad nostros duo et triginta numero veniunt obviam arcibus ac missilibus telis onusti parati ad certamen: ceteri sequebantur eodem modo instructi. Germanis aut pannonicis proceriores aiunt eos esse incolas. Vultu torvo ac minitantibus similes nostros inspectabant non armis esse agendum nostri censuerunt: sive id metu: sive ne aufugerent illi non habeo compertum. blanditiis atque oblatione munerum illos allicere nostri conantur. Illi autem ut qui commercium inire cum nostris nullum statuerant: omnem sermonem rejiciunt. Parati semper ad pugnam colloquia et nutus suscipiebant. Ita quisque regreditur. Nocte autem intempesta illi aufugiunt: vacua relinquunt quae occupaverant loca. Gentem esse vagam veluti scythas eos qui terrae fructus sine certis domibus cum uxoribus et filiis sequantur existimant. Jurejurando asserunt qui pedum illorum in harena dimensi sunt vestigia: nostrorum pedum mediocri hominis fere quantitatem in duplum equare. Ulterius ad navigantes flumen aliud reperiunt: sed non ita profundum: ut caravellis percurri quiret. Servitorios igitur limbos quattuor armatis onustos ad terram loca vestigatum mittunt. Super eminenti colle littori vicino incolarum catervam conspiciunt. Nostri ad commercium per unum peditem premissum invitant. Illi ex nostris apprehendere aliquem abducereque velle visi sunt. Ad nostrum nanque palillum cubitalem auratum a longe projiciunt: quia noster prius adjecerat tintinabulum: ut eos alliceret. Quom pronus jactum paliculum auratum vellet noster sumere: dicto cujus illum incolae circumeunt: ut apprehendant. Iescuto enseque tectus: quibus armatus veniebat: se ab eis tuetur: donec e cimbis auxilium socii attulerunt. Ut brevibus absolvam quandoquidem discessum tuum ante oculos mihi tam anxie praeponis: sagitis et missilibus sudibus e nostris octo peremerunt. Pluresque vulnerarunt. Intra fluvium limbos sepiunt. Ad manus usque temere accedunt. Apprehendunt ex ripa cimbarum spondae. Lanceis ensibusque veluti oves (quia nudi) trucidantur. Nec eo minus aprile desistunt: unam e cimbis e nostrorum potestate rapuerunt: vacuum tamen hominibus. et illius prefecto sagitta transverberato ac perempto reliquae evaserunt. ita bellaces illos deservere. Ad occidentem septentrionalem per iddem littus mesti (ob intersectos) tendunt. Lequas circiter .xl. percurrerant: quando in pelagus incidunt aquarum adeo dulcium: ut implere ibi cados aqua recenti libuerit. Vestigantes ejus rei causam: defluere magno impetu e vastis montibus rapidos fluminum concursus reperiunt. Intra id aequor jacere plures insulas et fortunatas soli ubertate et populis refertas aiunt. Hujus tractus incolas mites sociabilesque esse referunt: ast ipsas parum utiles: quia nullos optabiles nostris proventus assequantur auri utpote aut lapillorum. Sex preterea ac triginta inde captivos abduxerunt ex eis: provinciam appellant indigenae mariatambal. Regio autem ab ejus fluminis oriente camamorus dicitur: ab occidente paricora. In hujus provinciae interioribus non negligendam auri copiam jacere innuebant incolae: hujus nanque fluminis septentrionem recta captantes (sic exigente littorum inflexu) arcticum recuperarunt polum. Id littus universum pariae provinciae est (quam colonum ipsum hujus tanti inventi auctorem reperisse diximus) unionibus ornatam. contiguum esse aiunt littus id: idemque cum ore draconis (de quo alibi) et reliquis oris ut curiana: cachieto: cuchibachoa. Propterea gangetidis indiae continentem putant. Nec enim is vastus ambitus ut insula sit pati videtur: licet universum terrae orbem large sumptum insulam dicere fas sit. Cocineas in plerisque de pariensibus insulis silvas reperere. Librarum millia allata sunt tria. verzinum mercatores itali. hispani brasilum appellant. Aiunt cocineas hispaniolae arbores esse his longe meliores ad colorem lanis imbibendum. aquilonem deinde (quem hispani nautae nordestum itali grecum appellant) secuti: multas intertextunt canibalium sevitia desertas insulas: ast feraces. Descenderunt nanque pluribus in locis: et vicorum multa vestigia quondam habitatorum ingressi sunt. Viderunt tamen alicubi homines sed trepidos aspectu peregrine cujusque navis aufugientes ad montanas rupes et abstrusa nemora: sine certis jam domibus vagantes ob canibalium insidias. Arbores invenere maximas: quae casiam fistulam (ut vulgo dicitur) passim et suapte natura producant. Non inferiorem esse aiunt hanc illa: quam a pharmacopolis febris laborantes assecuntur: at nondum maturuerat quom jam iter facerent (malo illis aliisque haec referentibus credere: quam ea laboriosis scrutari) arbores ibi esse adeo proceras balbutiunt: ut pleraesque sexdecim hominum manu junctorum in girum vix lacertis concludi quirent. Inter eas arbores monstrosum illud animal vulpino rostro: cercopitheca cauda: vesperilionis auribus: manibus humanis: pedibus simiam emulans: quod natos jam filios alio gestat (quocumque proficiscatur) utero exteriori in modum magnae crumenae repertum est. Id animal licet mortuum tu ipse mecum vidisti: convoluisti: crumenamque illam novum uterum: novum naturae remedium: quo a venatoribus aut alias a ceteris violentibus et rapacibus animalibus natos liberet: illos secum asportando admiratus ea. Experimento esse compertum aiunt: eo semper utero crumenali animal filios secum

portare: nec illos inde unquam emittere: nisi aut recreandi aut lactandi gratia: donec sibi victum per se quaeritare didicerint. Cum filiis animal ipsum deprehenderant ast in navibus catuli propediem perierunt. Mater autem filiis per aliquot menses superstite. sed et ipsa tandem tantam aeris et ciborum mutationem ferre nequivit. De hoc animali jam satis multa. Redeamus ad rei auctores. Hi duo pinzoni patrus et nepos horrenda per navigationem hanc passi sunt. Per parisiensi littus sexcentas jam leguas. Atque (ut ipsi putant) ultra urbem cataii et littus indicum ultra gangem percurrebant: quando in eis oris mense julio insperata illis exorta est tempestas adeo fera: ut e quattuor quas ducebant caravellas duas ante illorum oculos summerserit. Illico terciam vi ex anchoris raptam ab eorum aspectu asportaverit. Quartam in anchoris ita quoncusserit: ut omnis compago jam solveretur. Unde ad terram tamen ipsi ex hac ultima descenderunt de navi penitus omni spe amissa. Quare inito consilio quom de parandis jam sibi domiciliis: ut in eis regionibus vitam agerent: de perimendis omnibus incolis vicinis cogitabant: ne provincialibus reliquis aliquando convocatis ad se trucidandum conveniant. Ast melius cessit tempestas. Rediit quam raptaverat hiems caravella: qua octodecim viri vehebantur. et quae in anchoris in eorum prospectu steterat servata est. His igitur duabus ad hispaniam iter capiunt palos natale solum ad uxores et filios concussi fluctibus et hominibus ammissis non paucis pridie. kalendis octobris revertuntur. Hi ex arboribus pleraque frustra tulerunt: quae cinamomi et zinziberis esse putant: ast non utilis qua non conditi: ut aiunt in sui excusationem: quod nihil pretiosum alias repererint: lapillos tamen se vidisse in eorum manibus inde allatos ex maritimis illarum orarum littoribus collectos baptista tuus elysius philosophus eximius et medicus non inferior (quos veros esse topacios praedicat) mihi tibique (ut// arbitror) enarravit. Post hos et alii vicinorum emulatione ad meridiem longissimos tractus percurre: sed per aliorum inventa colonique prefecti maritimi vestigia per littus ut puta parisiensi. Casiam et hi fistulam pretiosumque illud ad captis gravedinem suo suffumigio tolendam: quod hispani anime album vocant repere. De his nil novi aliud quod tuo sit dignum ingenio percepi: finen propterea libello huic quia me iterum de tuo discessu fatigas: imponam".

ANEXO 11. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN DAS "OCCEANI DECAS" (MARTIRE D'ANGHIERA, 1511)

"Oceane Decadis livro nono

Vicente Yáñez, cognominado Pinzón, e Aries Pinzón, seu sobrinho fraterno, que o Almirante Colombo⁽¹⁵⁶⁾ haviam acompanhado em sua primeira navegação, contratados como capitães de duas das pequenas embarcações chamadas caravelas, conforme falamos acima, atraídos pela amplitude das novas regiões e novas terras, construíram a sua própria custa outras quatro caravelas no seu porto natal, que os espanhóis chamam de Palos, situado no oceano ocidental. E havendo obtido a permissão real, zarparam dali próximo às calendas de dezembro do ano de 1499. O porto de Palos dista de Cádiz 72 milhas e 64 de Sevilha, principal empório espanhol da Bética⁽¹⁵⁷⁾. Todos seus habitantes, sem exceção, são gentes marinheiras e afeitas a contínuas navegações. Dirigiram-se eles primeiro para as Afortunadas pela rota das Cassitéridas, ou seja, pelas ilhas ditas do Cabo Verde, que outros chamam Górgodas Medúseas⁽¹⁵⁸⁾. Tomaram rumo direto para o meio-dia. Deixando nos idos de janeiro aquela Cassitérida denominada Santiago por seus proprietários portugueses, receberam de proa o vento áfrico que chamam sudoeste, o qual é intermediário entre o austro e o zéfiro⁽¹⁵⁹⁾. Quando lhes pareceu haver navegado 300 léguas seguindo o dito vento, dizem ter perdido de vista o pólo ártico, cujo ocaso logo foi acompanhado pelo nascimento de uma terrível tempestade de marulhos e de turbilhões de ventos. Avançaram todavia, embora com sumo perigo, mais 240 léguas seguindo sempre o mesmo vento, pois o pólo estava perdido. Discutem os antigos poetas, filósofos e cosmógrafos se a linha equinocial é habitável ou inacessível. Com efeito, uns afirmam estar ela habitada por numerosos povos, outros escrevem que é inabitável por causa da posição perpendicular do sol. Entre aqueles de antigamente, contudo, não faltou quem tenha se esforçado para prová-la habitável⁽¹⁶⁰⁾. Interrogados por mim se haviam visto o pólo antártico, estes marinheiros responderam

¹⁵⁶ "Colonus prefectum maritimum" no original. O título de "praefectus" correspondia a uma posição de autoridade, sendo utilizado para designar desde um humilde intendente ("praefectus domus") até o governador de uma província ou cidade ("praefectus urbis"). Por ser um termo extensivo a diversos chefes militares (e.g. "praefectus equitum", "praefectus legionis"), inclusive comandantes de frota ("praefectus praetorii") e capitães navais ("praefectus navis"), foi possível manter a tradução de "almirante" utilizada em tantas edições contemporâneas das "Décadas". Não obstante, como Pietro Martire amiúde se referia a Colombo como "Almirantus Colonus", não parece impossível supor que o cronista italiano, ao empregar a expressão "praefectus maritimum", estivesse na verdade fazendo uma alusão indireta, por sinal assaz engenhosa, ao título de "Almirante do Mar Oceano", concedido ao navegador genovês pelos Reis Católicos no dia 28 de maio de 1493. Conforme mencionado por Morison (1954), tal distinção implicava em um cargo cuja natureza e privilégios pouca semelhança guardam com as obrigações castrenses dos atuais almirantes.

¹⁵⁷ Cerca de 100,31 km e 89,16 km respectivamente, caso o autor esteja baseando seu cálculo na milha espanhola de 1.393,17 m (vide nota 137).

¹⁵⁸ Desde tempos imemoriais, a imaginação humana mostrou-se capaz de povoar os mares com ilhas fabulosas detentoras dos mais diversos horrores ou maravilhas, formando uma geografia de grande complexidade que confundia o real e o imaginário (Babcock, 1922; Barros, 1941; Delumeau, 1992; Ferraz, 1939). Associadas ao antigo mito grego de um éden insular destinado à morada dos eleitos, as Canárias receberam o nome de "Ilhas Afortunadas", "Ilhas Fortunadas" ou "Ilhas Venturosas", enquanto o arquipélago de Cabo Verde terminaria sendo identificado ora com o paradisíaco jardim das Hespérides, ora com as Cassitéridas mencionadas por autores clássicos como Heródoto (1949) e geógrafos como Pomponius Mela (1471), um grupo de ilhotas situado a oeste da Bretanha romana onde os fenícios exploravam o estanho. Por vezes, o arquipélago do Cabo Verde também seria relacionado com a tenebrosa ilha habitada pela Medusa, uma das górgonas da mitologia clássica, origem das designações "Górgonas Medúseas", "Górgadas Medúseas", "Górgadas de Medusas" e "Ilhas Górgonas" encontradas em fontes do século XVI. Pinzón teria, portanto, velejado primeiro para as Canárias e depois para o arquipélago do Cabo Verde.

¹⁵⁹ O vento áfrico ou sudoeste era intermediário entre aqueles que sopravam do oeste (zéfiro) e sul (austro).

¹⁶⁰ Tais discussões derivam da antiga concepção de uma "zona tórrida" incapaz de suportar a vida humana, faixa que se estenderia ao longo da linha equatorial isolando por completo os dois hemisférios. Lançada por Parmênides de Eleia (ca. 530 a.C.) e sustentada por Aristóteles, essa proposta seria bem acolhida pelos religiosos da Idade Média, os quais passariam a rechaçar qualquer possibilidade de haver seres humanos ao sul do equador. De fato, não era possível conceber a existência de povos incapazes de partilhar o milagre da redenção e o segundo advento de Cristo, além de tampouco serem descendentes de Adão e da estirpe de Noé. Por ir contra a ortodoxia e especular sobre a presença de habitantes nos antípodas, o médico Petrus Albanus e o astrônomo Cecco d'Ascoli seriam perseguidos e morreriam como hereges na primeira metade do século XIV, enquanto um famoso teólogo espanhol contemporâneo de Colombo – Alonso Fernandez de Madrigal, cognominado "el Tostado" ou "el Abulense" – ousaria atacar os adeptos dessa mesma opinião em pleno século XV. Tal premissa traria dúvidas sobre a natureza humana dos nativos do Novo Mundo, finalmente reafirmada pela bula "Sublimis Deus", emitida pelo Papa

não ter reconhecido nenhuma estrela semelhante à do ártico que se pudesse distinguir próxima daquele ponto⁽¹⁶¹⁾. Todavia, disseram haver visto estrelas de outra sorte e uma certa neblina vaporosa pelo horizonte que quase lhes escurecia a vista. Pretendem que no meio daquela terra se erga uma elevação que impede a visão do antártico enquanto não seja ultrapassada, mas acreditam haver visto constelações muito diversas daquelas de nosso hemisfério⁽¹⁶²⁾. Isto me contaram e isto conto. São Davos e não Édipos⁽¹⁶³⁾. Por fim, a sete [dias] das calendas de fevereiro⁽¹⁶⁴⁾, viram terra ao longe e, notando a turbidez da água do mar, lançaram a sonda e encontraram uma profundidade de 16 braças, que vulgarmente chamam 'brazatas'. Aproximaram-se, desembarcaram e ali permaneceram dois dias; não havendo encontrado nesse período homem algum, por mais que vissem rastros humanos na praia. Gravados nas árvores e rochas próximas ao litoral os nomes dos reis⁽¹⁶⁵⁾ e os seus próprios para marcar sua chegada, foram embora. Não longe daquela paragem, guiados por uns fogos que brilhavam na noite, toparam com um povo que pernoitava a céu aberto à maneira castrense, e deliberaram não perturbá-lo até o amanhecer. Saído o sol, quarenta dos nossos dirigiram-se armados até eles, que em número de trinta e dois vieram ao encontro com arcos de flechas postas, prontos para o combate. Seguiam-nos os demais, postos de igual maneira. Dizem que esses indígenas eram mais altos que os germanos e panônios⁽¹⁶⁶⁾. Encaravam com o rosto torvo e atitude ameaçadora os nossos, que resolveram não fazer uso das armas, ignoro se por medo ou para evitar que fugissem. Tentaram atraí-los com blandícias e oferta de presentes, mas eles, como que resolvidos a não manter com os nossos trato algum, recusaram toda a conversa, encarando suas palavras e acenos com suspeição e estando sempre preparados para o combate: assim se retiraram uns e outros. Entrada a noite, porém, os indígenas fugiram inesperadamente, abandonando os lugares que haviam ocupado. Acreditam que são um povo errante como os citas⁽¹⁶⁷⁾ que, sem morada fixa, vão buscando com suas mulheres e filhos os frutos da terra. Asseveram sob juramento que o tamanho das pegadas dos seus pés, medido na areia, era quase o dobro daquelas de um homem nosso de altura mediana. Navegando mais adiante encontraram outro rio, mas não profundo o suficiente para ser percorrido com as caravelas. Por isso enviaram a terra, para um reconhecimento, quatro botes com homens armados. Viram sobre uma elevação próxima ao litoral uma chusma de indígenas. Os nossos, enviando na frente um infante, convidaram-nos a negociar. Pareceu que eles tentavam apoderar-se e levar consigo o nosso homem. Pois de longe eles lhe haviam arrojado uma pequena estaca dourada de um cúbito⁽¹⁶⁸⁾, assim como o nosso primeiro lhes arremessara uma campainha para atraí-los. Ao agachar-se o nosso para apanhar a pequena estaca dourada que havia sido atirada. Mais que depressa, os indígenas rodearam-no para capturá-lo. Protegendo-se com o escudo e a espada de que estava armado, este defendeu-se até que seus companheiros lhe trouxessem auxílio dos barcos. Para dizê-lo com poucas palavras (pois tão ansiosamente me declaras tua partida), as flechas e dardos mataram oito dos nossos e feriram um número ainda maior. Dentro do rio cercaram os botes, temerariamente colocando-se ao alcance da mão, e desde a margem agarravam os costados dos botes. Eram trucidados como ovelhas sob o golpe das lanças e espadas, pois estavam nus, mas nem assim cediam. Lograram arrebatá-los dos nossos, ainda que sem gente, uma das embarcações, cujo patrão foi atravessado e morto por uma seta; os outros puderam safar-se. Assim deixaram aqueles homens belicosos. Dirigiram-se para o noroeste pelo mesmo litoral, tristes pelos que tinham morrido. Haviam percorrido cerca de 40 léguas quando vieram dar em um pélogo de águas tão doces que lhes permitiu encher suas barricas com água fresca. Ao investigar a causa daquele fenômeno, descobriram que desde uns vastos montes se precipitavam, com grande ímpeto, rios de rápidas correntes. Dizem que dentro daquele pélogo existem numerosas ilhas, afortunadas pela riqueza de seu solo e cheias de gente. Contam que os indígenas desta região são pacíficos e sociáveis, mas pouco úteis para os nossos por não possuírem nenhum bem desejável como ouro ou pedrarias. Em vista disso, levaram dali 36 cativos. Os indígenas chamam essa província de Mariatambal; contudo, aquela situada a oriente do rio se denomina Camamoro e a ocidental Paricora⁽¹⁶⁹⁾. Os indígenas davam a entender que no interior daquela província existia quantidade não desprezível de ouro⁷³. Prosseguindo em linha reta para o norte do rio, por assim exigi-lo os contornos do litoral, recuperaram [a visão do] pólo ártico. Toda aquela costa pertence à província de Pária, de cujo descobrimento foi autor

Paulo III no ano de 1537. Para outras informações, vide Gliozzi (2000), Huddleston (1967), Martínez Terán (2001), Papavero *et al.* (1995), Papavero & Teixeira (2003), Prien (2008), Randles (1980) e Wright (1917).

¹⁶¹ Ou seja, os marinheiros interrogados por Pietro Martire não lograram divisar, nos céus meridionais, uma estrela capaz de marcar a posição do pólo antártico, a exemplo do que ocorre com a tramontana no hemisfério norte.

¹⁶² "Stellarum imagines" no original, ao pé da letra "imagens de estrelas".

¹⁶³ O contraste entre a sabedoria de Édipo, que alcançou o trono de Tebas ao decifrar os enigmas da esfinge, com a ignorância de Davo, simples escravo, teria surgido pela primeira vez na "Andria" de Terêncio, sendo evocada posteriormente por outros autores clássicos como Horácio ("Sátiras" e "Arte Poética"). No texto original, a frase "Davos sum, non Oedipus" ("Sou Davo, não Édipo") foi proferida por Davo como ousada réplica a uma admoestação de seu senhor, significando "sou um mero escravo e não um solucionador de enigmas" (Rezende, 1955; Rónai, 1980; Tosi, 1991). No entanto, Pietro Martire teria utilizado a expressão "Davos sunt, non Oedipus" ("São Davos, não Édipos") no intuito de construir uma metáfora capaz de caracterizar os marinheiros interrogados como homens de rude extração, portanto incapazes de esclarecer dúvidas muito além de sua limitada capacidade.

¹⁶⁴ Ou seja no dia 26 de janeiro de 1500. Vide nota 33.

¹⁶⁵ Óbvio alusão a Fernando e Isabel, os "Reis Católicos".

¹⁶⁶ Referência aos habitantes da Panônia, região situada entre a Dácia, Nórca e Ilíria cujo território corresponderia ao da atual Hungria.

¹⁶⁷ Mencionado por autores clássicos como Heródoto (1949) e Plínio, "o Velho" (1979-1984), os citas constituíam um povo nômade semi-lendário habitante da Hiperbórea, vasta região de contornos imprecisos situada ao norte das terras conhecidas. Entretanto, as versões italianas da primeira "Década" (e.g. Montalbodo, 1507) optariam por comparar os indígenas do Novo Mundo a outras nações errantes mais familiares aos autores quinhentistas, no caso os "ciganos" e "tártaros" ("zingari" e "tartari"). Na verdade, a associação dos citas com os tártaros há muito vinha sendo efetuada, conforme demonstra o fato de o imperador bizantino Ioannes Cantacuzenos, um dos últimos Paleólogos, ter empregado a expressão "citas hiperbóreos" para referir-se às hordas presentes na Crimeia durante o segundo quartel do século XIV (Ziegler, 1982). Não obstante, a denominação de "citas" caberia essencialmente a uma tribo guerreira que, até o seu desaparecimento por volta do século II a.C., vagueava pelas vizinhanças do mar Negro e do mar Cáspio.

¹⁶⁸ Vide nota 181.

¹⁶⁹ Na opinião de vários autores, Mariatambal corresponderia à região da foz do Amazonas, enquanto as terras situadas a leste receberiam o nome de Camamoro (também "Camora" ou "Canarona") e as do oeste de Paricora (também "Paricura" ou "Paticura"). Para maiores detalhes e observações sobre a presença dessas localidades em mapas do século XVI, consulte-se Capistrano de Abreu (*in* Brasil, 1900-1910), Denuncé (1910), Derby (1903), Guedes (1975), Munilla (1954), Rio Branco (1899), Silva (1861) e Stevenson (1911). Vide nota 40.

o próprio Colombo, que a encontrou, segundo dissemos, adornada de pérolas⁽¹⁷⁰⁾. Dizem que esta costa é contígua e forma um todo com a Boca do Dragão⁽¹⁷¹⁾, de que falamos em outro lugar, e com as outras regiões como Curiana, Canchieto e Cuchibachoa⁽¹⁷²⁾; por causa disso atribuem-na ao continente da Índia do Ganges⁽¹⁷³⁾. Nem parece possível admitir que um âmbito tão dilatado se compadeça com a condição de ilha, por mais que o orbe inteiro, considerado no sentido lato, possa ser visto como uma ilha. Na maior parte das ilhas de Pária encontraram bosques de pau-vermelho e trouxeram dele três mil libras. Os mercadores italianos chamam-lhe 'vercino' e os espanhóis 'brasil'⁽¹⁷⁴⁾. Dizem que o pau-vermelho de Hispaniola é de muito melhor qualidade para o tingimento da lã. Seguindo depois o aquilão, que os marinheiros espanhóis chamam noroeste e os italianos grego, passaram entre muitas ilhas desertas pela crueldade dos canibais, mas férteis. Com efeito, desembarcaram em muitos lugares e encontraram vestígios de muitas aldeias destruídas. Em alguns sítios viram homens, mas temerosos e prontos a fugir à vista de qualquer embarcação estranha para os penedos dos montes e para os bosques fechados; não tinham moradia fixa e andavam errantes por temer as ciladas dos canibais. Encontraram a cada passo árvores muito grandes que espontaneamente produzem a cassiafístula, conforme vulgarmente lhes chamam. Contam que esta não é inferior àquela que os atacados pela febre obtêm dos farmacêuticos; mas não estava ainda madura quando retomaram a marcha. Prefiro antes dar crédito a estes e a outros que mencionam o mesmo que averiguar mais detidamente. Asseguram existir aí árvores tão corpulentas que muitas delas não podem ser circundadas por um cordão de 16 homens de mãos dadas. Entre estas árvores achou-se aquele animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego [e] mãos humanas, imitando nos pés um símio, que transporta seus filhos já nascidos, para onde quer que vá, em um útero externo a modo de uma grande bolsa. Este animal, embora morto, tu mesmo viste comigo e o manuseaste e admiraste aquela bolsa⁽¹⁷⁵⁾, novo útero, novo remédio da natureza, com o qual livra dos caçadores e dos outros animais violentos e rapaces os filhos, levando-os consigo. Dizem ter descoberto pela experiência que o animal leva sempre seus filhos dentro desse útero em forma de bolsa sem nunca deixá-los sair exceto para que brinquem ou para dar-lhes de mamar, até que aprendam a buscar por si mesmos o sustento. Capturaram com os filhotes o próprio animal; as crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses; por fim ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos. Mas já falamos bastante deste animal. Voltemos aos autores da empresa. Esses dois Pinzón, tio e sobrinho, passaram por coisas horríveis durante esta navegação. Já haviam percorrido 600 léguas pelo litoral de Pária, segundo pensam tendo passado além da cidade de Catai e da costa da Índia além do Ganges, quando se lhes desencadeou naquelas regiões, durante o mês de julho, tão fera tempestade que pôs a pique, ante seus olhos, duas das quatro caravelas que levavam, imediatamente arrancando a terceira das âncoras e fazendo-a desaparecer. Sacudiu de tal modo a quarta em suas âncoras que por pouco não se lhe abriram as juntas. Terminaram por desembarcar do navio, havendo perdido toda a esperança de salvá-lo. Reunidos por esse motivo em um conselho, já cogitavam não só em construir domicílios naquelas regiões, mas também em dar morte a todos os indígenas próximos, com receio de que estes, convocando os seus vizinhos da província, convergissem para trucidá-los⁽¹⁷⁶⁾. Mas as circunstâncias melhoraram. Cessou a tempestade, voltou a caravela que a tormenta arrebatara, na qual vinham 18 homens, e a que havia permanecido ancorada à vista foi reparada. Nestas duas navegações tomaram rumo da Espanha, regressando no dia antes das calendas de outubro para seu solo natal de Palos, suas mulheres e filhos, maltratados pelas ondas e havendo perdido não poucos companheiros. Trouxeram eles muitos pedaços de árvores que supõem ser de canela e de gengibre, mas inúteis por não estarem preparados, utilizando isto como desculpa por não haver trazido mais nada de precioso⁽¹⁷⁷⁾. Porém, teu amigo Battista Elisio⁽¹⁷⁸⁾, exímio filósofo e médico não menos ilustre, contou haver visto nas mãos deles pedras que trouxeram colhidas naqueles litorais marítimos, as quais afirma serem verdadeiros topázios⁽¹⁷⁹⁾. Se não me equivoco, assim o narrou a ti e a mim. Depois disso, também outros, desejosos de emular seus vizinhos, percorreram longuíssimas extensões para o meio-dia, mas graças a descobertas alheias e às pegadas do almirante Colombo no litoral de

¹⁷⁰ Vide nota 10.

¹⁷¹ Vide nota 147.

¹⁷² De acordo com o texto das "Décadas" relativo à terceira viagem de Colombo, a localidade de Curiana pertenceria à própria província de Pária, ao passo que as de Canchieto (também chamada de Cancheto ou Canchieta) e de Cuchibachoa (ou Cuchibachoa) estariam situadas na faixa litorânea compreendida entre Pária e a cidade de Cartagena das Índias, conforme assinalado por Pietro Martire nas passagens relativas às expedições de Pedro Alfonso Niño e Alonso de Hojeda. Para maiores detalhes e observações sobre a presença dessas localidades em mapas do século XVI, vide Capistrano de Abreu (*in* Brasil, 1900-1910), Rio Branco (1899), Denuncé (1910), Derby (1903), Guedes (1975), Munilla (1954), Silva (1861), Stevenson (1911).

¹⁷³ Portanto à Ásia, pois os europeus acreditavam ter chegado ao Oriente e não descoberto um continente desconhecido. Além de ser um dos primeiros a discutir semelhante questão e utilizar expressões posteriormente consagradas como "hemisfério ocidental" e "Novo Mundo", Pietro Martire logo reconhecera o equívoco da concepção aristotélica de terras situadas na mesma latitude terem de apresentar clima e produtos naturais idênticos, pois as notícias trazidas do outro lado do oceano acentuavam a importância de outros fatores como a altitude e o tipo de solo (Dreyer-Eimbcke, 1988; Randles, 1980).

¹⁷⁴ Vide nota 140.

¹⁷⁵ As "Décadas" foram escritas a feição de epístolas dirigidas a um determinado interlocutor, de onde se conclui ser o personagem implícito nessa passagem o Cardeal Luis de Aragão, ao qual vários livros da primeira "Década" encontram-se explicitamente dedicados. Essa particularidade também explica o fato de Pietro Martire referir-se ao marsupial aqui descrito como "aquele animal monstruoso" ("*monstrum illud animal*"), expressão que subentende um conhecimento prévio por parte do leitor.

¹⁷⁶ Vide nota 151.

¹⁷⁷ Pietro Martire titubeia em aceitar as amostras apresentadas como realmente de canela ou gengibre, pois tanto a verdadeira canela, *Cinnamomum zeylanicum* (Lauraceae), quanto o gengibre, *Zingiber officinalis* (Zingiberaceae) são nativos da Ásia tropical, tendo sido introduzidos no Novo Mundo com a colonização européia. No entanto, diversos cronistas dos séculos XVI e XVII (e.g. Monardes, 1574; Orta, 1563; Oviedo y Valdés, 1535; Vega, 1609) mencionam a existência de uma "canela" americana bastante afamada, a qual chegaria a ser vendida na Europa pelo menos até o primeiro quartel do século XIX sob o curioso nome de "ishpingo". Segundo os oportunos comentários do Conde de Ficalho (*in* Orta, 1891-1895), esse tipo peculiar de canela seria extraído de *Nectandra cinnamomoides* (Lauraceae), espécie conhecida no Brasil pela sugestiva denominação de "canela do mato" (Camargos *et al.*, 1996).

¹⁷⁸ Referência a Giovanni Battista Elisio, médico e filósofo napolitano protegido da corte espanhola de Ludovico de Aragão e autor de diversas obras, inclusive uma "*Philosophia naturalis*" datada de 1490-1495 (Fuiano, 1973).

¹⁷⁹ Parece não haver qualquer outro documento que confirme semelhante achado por parte dos marinheiros espanhóis. Apresentando um colorido branco, azul, amarelo, marrom ou vermelho, os topázios constituem uma pedra semipreciosa de valor relativamente alto encontrada sobretudo em terrenos antigos e metamórficos, o que tornaria sua descoberta em ambientes litorâneos de sedimentação recente menos provável. Talvez os tripulantes de Pinzón tenham sido ludibriados pela variedade de quartzo amarelado conhecida como "falso topázio", muito abundante em determinadas regiões.

Pária. Também estes acharam cassiafistula e aquele remédio precioso para eliminar, com seu fumo, a dor de cabeça, ao qual os espanhóis chamam anime branca⁽¹⁸⁰⁾. Sobre estes assuntos não logrei saber de nenhuma outra novidade que fosse digna de teu engenho. Darei, pois, fim a esse libelo, por que me acabrunhas novamente com tua partida”.

ANEXO 12. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO A “DE ORBE NOVO DECADES” (MARTIRE D’ANGHIERA, 1516)

[Folio 19 verso – 21 recto]

“Oceane Decadis Liber Nonus

Vincentiagnes cognomento pinzonus ariesque pinzonus illius ex fratre nepos qui colonum prefectum maritimum prima navigatione fuerant comitati: duarumque minorum navium illarum quas supra diximus caravelas vocitari domini a praefecto conducti: novorum tractuum novarumque terrarum amplitudine pellecti: quattuor impensa propria caravelas in portum ipsorum natali solo: qui dicitur ab hispanis palos: in occiduo oceano sito construunt: & a regibus habita venia circiter Kalendas decembris anni noni & nonagesimi a quadringentesimo supra millisimum e portu solvunt. Est autem is portus palensis a gadibus millia passum duo & septuaginta: ab hispali vero baeticae emporio milliaria quattuor & sexaginta. Sunt oppidani omnes: nullo excepto: rebus marinis dediti: continuisque navigationibus intenti. Ad fortunatas & ipsi primum tendunt per hesperides. i. per insulas caput viride dictas quas alii dicunt gorgodes meduseas. Ad meridiem recta pisficiscuntur. Ab ea hesperidum quae sancti jacobi a portugalensibus possessoribus appellatur: idibus januarii descendentes affricum quem suduestum appellat: qui medius inter austrum est ac zephyrum capiunt in proram. Cum lequas se tercentum navigasse ventum illum secuti arbitrarentur: poli arctici aiunt se aspectum amississe: quo illis occidente: ventorum vorticumque atque aestuum fera tempestas continuo oborta est. Ulterius tamen licet cum summo discrimine quadraginta super ducentas lequas ventum semper eundem per polum iam amissum sequentes processerunt. Unde an habitabilis sit an inacessa linea aequinoctialis isti & prisci tam philosophi quam poetae & cosmographi discutiant. Hi nanque frequentibus habitata populis contendunt: illi vero inhabitabilem ob solis perpendicularum scribunt. Non defuere tamen apud antiquos: qui habitabilem esse probare niterentur. Interrogati a me nautae: ii an antarcticum viderint polum: stellam se nullam huic arcti//cae similem quae discerni circa punctum possit: cognovisse inquirunt. Stellarum tamen aliam aiunt se prospexisse faciem densaque quandam ab horizonte vaporosam caliginem quae oculos fere obtenebraret. Tumulum attoli in terrae medio contendunt qui ne antarcticus videatur obstet: donec illum penitus trajecerint. At stellarum imagines ab hemisphaerii nostri stellis valde diversas se vidisse credunt. Haec dederunt: haec accipito. davi sunt: non oedipi. Septimo Kalendas februarii tandem a longe terram prospiciunt: & cum turbidam esse maris aquam viderent: jacto funiculo plumbato sexdecim ulnarum aiunt vulgo brazatas: altitudinem reperiunt. Adeunt: descendunt: biduo ibidem commorati: quia nullum ibi hominem eo tempore viderint: licet vestigia in littore humana compererint: sculptis arboribus & saxis littori vicinis regiis suisque nominibus de adventu suo discesserunt. Non longe ab ea statione nocturnos ignes secuti: castrensi more gentem reperiunt pernoctantem sub dio. Hanc donec elucescat nolle perturbare fuit consilium. Sole autem exorto armati e nostris quadraginta tendunt ad illos. Ad nostros duo & triginta veniunt obviam: arcubus ac missilibus telis onusti parati ad certamen: caeteri sequebantur eodem modo instructi Germanis aut pannonicis proceriores aiunt eos esse incolas: vultu torvo ac minitantibus similes nostros inspectabant: non armis esse agendum nostri censuerunt: sive id metu: sive ne aufugerent illi: non habeo compertum. blanditiis atque oblatione munerum illos allicere nostri conantur. Illi autem ut qui commercium inire cum nostris nullum statuerant: omnem sermonem rejiciunt: parati semper ad pugnam colloquia & nutus suscipiebant: ita quisque regreditur. Nocte autem intempesta illi aufugiunt: vacua relinquunt quae occupaverant loca. Gentem esse vagam veluti scythas eos qui terrae fructus sine certis domibus cum uxoribus & filiis sequantur existimant. Jurejurando asserunt qui pedum illorum in arena dimensi sunt vestigia: nostrorum pedum mediocris hominis fere quantitatem in duplum aequare. Ulterius ad navigantes flumen aliud reperiunt: sed non ita profundum: ut caravellis percurri quiret. Servitorios igitur lembos quattuor armatis onustos ad terram vestigatum mittunt. Super eminenti colle littori vicino incolarum catervam conspiciunt. Nostri ad commercium per unum peditem praemissum invitant. Illi ex nostris apprehendere aliquem abducereque velle visi sunt. Ad nostrum nanque paxillum cubitalem auratum a longe projiciunt: quia noster prius adjecerat tintinabulum: ut eos alliceret. Cum pronus jactum paxillum auratum vellet noster sumere: dicto citius illum incolae circumeunt: ut apprehendant. Is scuto enseque tectus quibus armatus venibat: se ab eis tuetur: donec cymbis auxilium socii attulerunt. Ut brevibus absolvam: quandoquidem discessum tuum ante oculos mihi tam anxie praeponis: sagittis & missilibus sudibus e nostris octo peremerunt: plerosque vulnerarunt. Intra fluvium lembos sepiunt: ad manus usque temere veniunt: apprehendunt ex ripa cymbarum spondas: lanceis ensibusque veluti oves quia nudi trucidantur. Nec eo magis cedunt. unam e cymbis e nostrorum potestate rapuerunt: vacuum tamen hominibus: & illius praefecto sagitta transverberato ac peremp-

¹⁸⁰ Embora J.T. Asensio (in Martire d'Anghiera, 1892) tenha atribuído tal descrição ao tabaco, *Nicotiana* sp. (Solanaceae), os comentários do Conde de Ficalho (in Orta, 1891-1895) deixam claro que “anime”, “animé”, “aniimum” ou “anime branca” (“*anime album*”) eram termos empregados para nomear a resina de diferentes leguminosas africanas comercializadas no século XIX sob o nome de “copal duro”. Com a descoberta da América, entraria no mercado um outro tipo de substância análoga extraída sobretudo do copal, *Hymenaea* spp. (Fabaceae, Caesalpinioideae), fato noticiado por certos autores (e.g. Monardes, 1574). Por motivos ainda obscuros, essas designações terminariam sendo pouco a pouco invertidas, processo destinado a transformar as resinas africanas e orientais no “copal” ou “copal duro” e as americanas na “anime” ou “copal mole”. Permanecem dúvidas, entretanto, sobre quantas e quais espécies da flora do Velho Mundo estariam envolvidas na composição desse produto, pois as fumigações prescritas para aliviar as dores de cabeça e outras afecções empregavam tanto resinas diversas como as madeiras do sândalo, *Santalum album* (Santalaceae), e distintos tipos de “pau de anguila” ou aloés, tais como *Aquilaria agallocha* (Thymelaeaceae) e *Aloexylum agallochum* (Fabaceae), conforme atesta o “Colóquio dos Simples” de Orta (1563). Na verdade, a insistência em atribuir numerosos males a emanações “insalubres” ou “corrompidas” faria das matérias aromáticas um recurso muito reputado para o combate de várias doenças.

to: reliquae evaserunt. ita bellaces illos deseruere. Ad occidentem septentrionalem per idem littus moesti ob intersectos tendunt. Lequas circiter .xl. percurrebant: quando in pelagus incidunt aquarum adeo dulcium: ut implere ibi cados aqua recenti licuerit. Vestigantes eius rei causam defluere magno impetu e vastis montibus rapidos fluminum concursus reperiunt. Intra id aequor jacere plures insulas & fortunatas soli ubertate & populis refertas aiunt. Hujus tractus incolas mites sociabilesque esse referunt: ast ipsis parum utiles: quia nullos optabiles nostris proventus assequantur auri ut pote aut lapillorum. Sex propterea ac triginta inde captivos abduxerunt: regionem appellant indigenae mariatambal. Regio autem ab eius fluminis oriente camamorus dicitur: ab occidente paricora. In hujus orae internis non negligendam auri copiam jacere inuebant incolae: hujus nanque fluminis septentrionem recta captantes sic exigente littorum inflexu: arcticum recuperarunt polum. Id littus universum pariae est: quam colonum ipsum hujus tanti inventi auctorem reperisse diximus unionibus ornatam. contiguum esse aiunt// littus id: idemque cum ore draconis de quo alibi: & reliquis oris ut cumaná manacapána curiána: cauchieto: cuchibachóa: propterea gangetidis indiae continentem putant. Nec enim is vastus ambitus ut insula sit pati videtur: licet universum terrae orbem large sumptum insulam dicere fas sit. Ab ea terrae cuspide quae polum amittit arcticum lequas circiter tercentum continuo tractu venientes ad occidentem pariam versus spacio fere medio in fluvium se inquirunt incidisse nomine maragnonum adeo latum ut fabulatos suspicer. Interrogata me postmodum mare ne esset terras dirimens: responderunt esse dulces eius gurgitis haustus: quoque altius tenditur adverso flumine eo dulciores serunt esse: insulisque refertum & piscibus. Lequas dicere audent triginta amplius latum: rapacique cursu defluere in pelagus cedens eius furori: si tamen pensitaverimus quanta esse ferantur boriostoméa spireostoméa que histriota quantoque spatio violent maris aquas & navigantibus praebeant dulces potus mirari desinemus: licet hoc flumen majus esse praedicetur. Quis naturae auferet quin hoc illo grandius atque illo hoc flumen potis sit generare: flumen de quo almirantus colonus eas oras percurrens mentionem fecit hoc esse arbitrator. Apertius ista itelligemus aliquando. nunc ad terrae proventus redeamus. Coccineas in plerisque de pariensibus insulis silvas reperere: librarum millia allata sunt tria. verzinum mercatores itali. hispani brasillum appellant. Aiunt coccineas hispaniolae arbores esse his longe meliores ad colorem lanis praebendum. aquilonem deinde quem hispani nautae nordestum itali graecum appellant secuti: multas intertexunt canibaliu saevitia desertas insulas: ast feraces. Descenderunt nanque pluribus in locis: & vicorum dirutorum multa vestigia ingressi sunt. Viderunt tamen alicubi homines sed trepidos aspectu peregrinae cujusque navis aufugientes ad montanas rupes & abstrusa nemora: sine certis iam domibus vagantes ob canibaliu insidias. Arbores invenere maximas: quae casiamfistulam ut vulgo dicitur: passim & suapte natura producant. Non ineptiorem esse aiunt hanc illa quam a pharmacopolis febriliter laborantes petunt: at nondum maturuerat quum iam iter facerent. malo illis aliisque haec referentibus credere: quam ea laboriosis scrutari. Arbores ibi esse adeo proceras balbutiunt: ut pleraesque sexdecim hominum manu junctorum in gyrum vix lacertis concludi quirent. Inter eas arbores monstruosum illud animal vulpino rostro. cercopithecea cauda. vespertilionis auribus. manibus humanis: pedibus simiam aemulans: quod natos iam filios alio gestat: quocumque proficiscatur: utero exteriori in modum magnae crumenae repertum est. Id animal licet mortuum tu ipse mecum vidisti: convoluisti: crumenamque illam novum uterum: novum naturae remedium: quo a venatoribus aut alias a caeteris violentis & rapacibus animalibus natos liberet: illos secum asportando admiratus es. Experimento esse compertum aiunt: eo semper utero crumenali animal filios secum portare: nec illos inde unquam emittit: nisi aut recreandi aut lactandi gratia: donec sibi victum per se quaeritare didicerint. Cum filiis animal ipsum deprehenderant: ast in navibus catuli propediem perierunt: mater autem filiis per aliquot menses supersticit: sed & ipsa tandem tantam aeris & ciborum mutationem ferre nequivit. De hoc animali iam satis multa: redeamus ad rei autores. Hi duo pinzoni patruus & nepos horrenda per navigationem hanc passi sunt: per pariensem littus sexcentas iam lequas atque ut ipsi putant ultra urbem cataii & littus indicum ultra gangem percurrebant: quando in eis oris mense julio insperata illis exorta est tempesta adeo fera: ut e quattuor quas ducebant caravellas duas ante illorum oculos summerserit: illico tertiam vi ex anchoris raptam ab eorum aspectu asportaverit. Quartam in anchoris concusserit: ut omnis compago iam solveretur. Unde ad terram tamen ipsi ex hac ultima descenderunt: de navi penitus omni spe amissa. Quare inito consilio cum de parandis iam sibi domiciliis in regionibus illis agerent: de perimendis omnibus incolis vicinis cogitabant: ne finitimis reliquis aliquando convocatis ad se trucidandum conveniant. Ast melius. Cessit tempesta: rediit quam raptaverat hyems caravella: ea octodecim viri vehebantur: & quae in anchoris in eorum prospectu steterat servata est. His igitur duabus ad hispaniam iter capiunt. palos natale solum ad uxores// & filios concussi fluctibus & hominibus amicis non paucis pridie Kalendis octobris revertuntur. Hi ex arboribus plaeraque frustra tulerunt: quae cinamomi & singiveris esse putant: ast non utilis quia non conditi: ut aiunt in sui excusationem: quod nihil preciosum alias repererint: lapillos tamen se vidisse in eorum manibus inde allatos ex maritimis illarum orarum littoribus collectos baptista tuus elysius philosophus eximius & medicus non inferior: quo veros esse topazios praedicat mihi tibi que ut arbitrator enarravit. Post hos et alii vicinorum aemulatione ad meridiem longissimus tractus percurrere: sed per aliorum inventa colonique praefecti maritimi vestigia per littus ut puta pariensem. Casiam & hi fistulam preciosumque illud ad captis gravedinem suo suffumigio tollendam: quod hispani anime album vocant reperere. De his nil novi aliud quod tuo sit dignum ingenio percepi: finem propterea libello huic quia me iterum de tuo discessu fatigas: imponam”.

ANEXO 13. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN EXISTENTES NAS “DE ORBE NOVO DECADES” (MARTIRE D’ANGHIERA, 1516)

“Oceane Decadis Livro Nono

Vicente Yáñez, cognominado Pinzón, e Aries Pinzón, seu sobrinho fraterno, que ao Almirante Colombo haviam acompanhado em sua primeira navegação, contratados como capitães de duas das pequenas embarcações chamadas

caravelas, conforme falamos acima, atraídos pela amplidão das novas regiões e novas terras, construíram a sua própria custa outras quatro caravelas no seu porto natal, que os espanhóis chamam de Palos, situado no oceano ocidental. E havendo obtido a permissão real, zarparam dali próximo às calendas de dezembro do ano de 1499. O porto de Palos dista de Cádiz 72 milhas e 64 de Sevilha, principal empório espanhol da Bética. Todos seus habitantes, sem exceção, são gentes marinheiras e afeitas a contínuas navegações. Dirigiram-se eles primeiro para as Afortunadas pela rota das Hespérides, ou seja, pelas ilhas ditas do Cabo Verde, que outros chamam Górgodas Medúseas. Tomaram rumo direto para o meio-dia. Deixando nos idos de janeiro aquela Hespéride denominada Santiago por seus proprietários portugueses, receberam de proa o vento áfrico que chamam sudoeste, o qual é intermediário entre o austro e o zéfiro. Quando lhes pareceu haver navegado 300 léguas seguindo o dito vento, dizem ter perdido de vista o pólo ártico, cujo ocaso logo foi acompanhado pelo nascimento de uma terrível tempestade de marulhos e de turbilhões de ventos. Avançaram todavia, embora com sumo perigo, mais 240 léguas seguindo sempre o mesmo vento, pois o pólo estava perdido. Discutem os antigos poetas, filósofos e cosmógrafos se a linha equinocial é habitável ou inacessível. Com efeito, uns afirmam estar ela habitada por numerosos povos, outros escrevem que é inabitável por causa da posição perpendicular do sol. Entre aqueles de antigamente, contudo, não faltou quem tenha se esforçado para prová-la habitável. Interrogados por mim se haviam visto o pólo antártico, estes marinheiros responderam não ter reconhecido nenhuma estrela semelhante à do ártico que se pudesse distinguir próxima daquele ponto. Todavia, disseram haver visto estrelas de outra sorte e uma certa neblina vaporosa pelo horizonte que quase lhes escurecia a vista. Pretendem que no meio daquela terra se erga uma elevação que impede a visão do antártico enquanto não seja ultrapassada, mas acreditam haver visto constelações muito diversas daquelas de nosso hemisfério. Isto me contaram e isto conto. São Davos e não Édipos. Por fim, a sete [dias] das calendas de fevereiro, viram terra ao longe e, notando a turbidez da água do mar, lançaram a sonda e encontraram uma profundidade de 16 braças, que vulgarmente chamam 'brazatas'. Aproximaram-se, desembarcaram e ali permaneceram dois dias; não havendo encontrando nesse período homem algum, por mais que vissem rastros humanos na praia. Gravados nas árvores e rochas próximas ao litoral os nomes dos reis e os seus próprios para marcar sua chegada, foram embora. Não longe daquela paragem, guiados por uns fogos que brilhavam na noite, toparam com um povo que pernoitava a céu aberto à maneira castrense, e deliberaram não perturbá-lo até o amanhecer. Saído o sol, quarenta dos nossos dirigiram-se armados até eles, que em número de trinta e dois vieram ao encontro com arcos de flechas postas, prontos para o combate. Seguiam-nos os demais, postos de igual maneira. Dizem que esses indígenas eram mais altos que os germanos e panônios. Fitavam com o rosto torvo e atitude ameaçadora os nossos, que resolveram não fazer uso das armas, ignoro se por medo ou para evitar que fugissem. Tentaram atraí-los com blandícias e oferta de presentes, mas eles, como que resolvidos a não manter com os nossos trato algum, recusaram toda a conversa, encarando suas palavras e acenos com suspeição e estando sempre preparados para o combate: assim se retiraram uns e outros. Entrada a noite, porém, os indígenas fugiram inesperadamente, abandonando os lugares que haviam ocupado. Acreditam que são um povo errante como os citas que, sem morada fixa, vão buscando com suas mulheres e filhos os frutos da terra. Asseveram sob juramento que o tamanho das pegadas dos seus pés, medido na areia, era quase o dobro daquelas de um homem nosso de altura mediana. Navegando mais adiante encontraram outro rio, mas não profundo o suficiente para ser percorrido com as caravelas. Por isso enviaram a terra, para um reconhecimento, quatro botes com homens armados. Viram sobre uma elevação próxima ao litoral uma chusma de indígenas. Os nossos, enviando na frente um infante, convidaram-nos a negociar. Pareceu que eles tentavam apoderar-se e levar consigo o nosso homem. Pois de longe eles lhe haviam arrojado uma pequena estaca dourada de um cúbito⁽¹⁸¹⁾, assim como o nosso primeiro lhes arremessara uma campainha para atraí-los. Ao agachar-se o nosso para apanhar a pequena estaca dourada que havia sido atirada, mais que depressa, os indígenas rodearam-no para capturá-lo. Protegendo-se com o escudo e a espada de que estava armado, este defendeu-se até que seus companheiros lhe trouxessem auxílio dos barcos. Para dizê-lo com poucas palavras (pois tão ansiosamente me declaras tua partida), as flechas e dardos mataram oito dos nossos e feriram um número ainda maior. Dentro do rio cercaram os botes, temerariamente colocando-se ao alcance da mão, e desde a margem agarravam os costados dos botes. Eram trucidados como ovelhas sob o golpe das lanças e espadas, pois estavam nus, mas nem assim cediam. Lograram arrebatá-los dos nossos, ainda que sem gente, uma das embarcações, cujo patrão foi atravessado e morto por uma seta; os outros puderam safar-se. Assim deixaram aqueles homens belicosos. Dirigiram-se para o noroeste pelo mesmo litoral, tristes pelos que tinham morrido. Havia percorrido cerca de 40 léguas quando vieram dar em um pélagos de águas tão doces que lhes permitiu encher suas barricas com água fresca. Ao investigar a causa daquele fenômeno, descobriram que desde uns vastos montes se precipitavam, com grande ímpeto, rios de rápidas correntes. Dizem que dentro daquele pélagos existem numerosas ilhas, afortunadas pela riqueza de seu solo e cheias de gente. Contam que os indígenas desta região são pacíficos e sociáveis, mas pouco úteis para os nossos por não possuírem nenhum bem desejável como ouro ou pedrarias. Em vista disso, levaram dali 36 cativos. Os indígenas chamam a dita região de Mariatambal; contudo, aquela situada a oriente do rio se denomina Camamoro e a ocidental Paricora. Os indígenas davam a entender que no interior daquela região existia quantidade não desprezível de ouro. Prosseguindo em linha reta para o norte do rio, por assim exige-lo os contornos do litoral, recupe-

¹⁸¹ Segundo autores clássicos como Columella (1941-1955) e Varro (1979), o termo "paxillus" corresponderia a qualquer tipo de estaca, escora ou espeque, de onde se conclui terem os indígenas atirado aos espanhóis algo como uma "pequena estaca dourada" ("paxillum auratum"). A mesma peça encontra-se caracterizada na edição de 1511 das "Décadas" (Martire d'Anghiera, 1511) como "palillum auratum", enquanto o "Codex Trevisan", o "Manoscritto di Ferrara", o "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e o "Paesi novamente ritrovati" (Montalbodo, 1507) falam de um "pedaço de ouro" ("un pezo de oro", vide Anexos 1 a 9). Todas as versões latinas, entretanto, concordam em atribuir a esse misterioso objeto o comprimento de "um cúbito", portanto cerca de 42 cm (apud Hamilton, 1934).

raram [a visão do] pólo ártico. Toda aquela costa pertence a Pária, de cujo descobrimento foi autor o próprio Colombo, que a encontrou, segundo dissemos, adornada de pérolas. Dizem que esta costa é contígua e forma um todo com a Boca do Dragão, de que falamos em outro lugar, e com as outras regiões como Cumaná, Manacapana, Curiana, Canchie-to e Cuchibachoa; por causa disso atribuem-na ao continente da Índia do Ganges. Nem parece possível admitir que um âmbito tão dilatado se compadeça com a condição de ilha, por mais que o orbe inteiro, considerado no sentido lato, possa ser visto como uma ilha. Marchando para o ocidente rumo a Pária, em um espaço contínuo de 300 léguas desde a ponta de terra onde se perde o polo ártico, dizem que foram parar, quase a meio caminho, em um rio chamado Marañon, tão largo que me parece coisa de fábula. Perguntando-lhes mais tarde se não se trataria de um mar que separava as terras, responderam-me que eram doces as suas águas, tanto mais doces quanto mais se sobe a corrente, e que está prenhe de ilhas e de peixes. Ousam dizer que atinge mais de 30 léguas de largura⁽¹⁸²⁾ e com impetuosa corrente se precipita no mar, o qual cede ante sua fúria. Se refletirmos, entretanto, o quão largas dizem ser as bocas do baixo Danúbio, chamadas boriostômea e espircostômea⁽¹⁸³⁾, e o grande trecho em que violam as águas do mar, oferecendo água potável aos navegantes, cessará nossa admiração, embora conste que este rio é ainda maior. Quem negará à natureza a possibilidade de criar a este rio maior que aquele, e outro ainda maior que este? Julgo ser este o mesmo rio de que o almirante Colombo fez menção ao percorrer estas costas. Algum dia sabê-lo-emos mais exatamente. Voltemos agora aos produtos da terra. Na maior parte das ilhas de Pária encontraram bosques de pau-vermelho e trouxeram dele três mil libras. Os mercadores italianos chamam-lhe 'vercino' e os espanhóis 'brasil'. Dizem que o pau-vermelho de Hispaniola é de muito melhor qualidade para o tingimento da lã. Seguindo depois o aquilão, que os marinheiros espanhóis chamam noroeste e os italianos grego, passaram entre muitas ilhas desertas pela crueldade dos canibais, mas férteis. Com efeito, desembarcaram em muitos lugares e encontraram vestígios de muitas aldeias destruídas. Em alguns sítios viram homens, mas temerosos e prontos a fugir à vista de qualquer embarcação estranha para os penedos dos montes e para os bosques fechados; não tinham moradia fixa e andavam errantes por temer as ciladas dos canibais. Encontraram a cada passo árvores muito grandes que espontaneamente produzem a cassiafístula, conforme vulgarmente lhes chamam. Contam que esta não é inferior àquela que os atacados pela febre solicitam dos farmacêuticos; mas não estava ainda madura quando retomaram a marcha. Prefiro antes dar crédito a estes e a outros que mencionam o mesmo que averiguar mais detidamente. Asseguram existir aí árvores tão corpulentas que muitas delas não podem ser circundadas por um cordão de 16 homens de mãos dadas. Entre estas árvores achou-se aquele animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego [e] mãos humanas, imitando nos pés um símio, que transporta seus filhos já nascidos, para onde quer que vá, em um útero externo a modo de uma grande bolsa. Este animal, embora morto, tu mesmo viste comigo e o manuseaste e admiraste aquela bolsa, novo útero, novo remédio da natureza, com o qual livra dos caçadores e dos outros animais violentos e rapaces os filhos, levando-os consigo. Dizem ter descoberto pela experiência que o animal leva sempre seus filhos dentro desse útero em forma de bolsa sem nunca deixá-los sair exceto para que brinquem ou para dar-lhes de mamar, até que aprendam a buscar por si mesmos o sustento. Capturaram com os filhotes o próprio animal; as crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses; por fim ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos. Mas já falamos bastante deste animal. Voltemos aos autores da empresa. Esses dois Pinzón, tio e sobrinho, passaram por coisas horríveis durante esta navegação. Já haviam percorrido 600 léguas pelo litoral de Pária, segundo pensam tendo passado além da cidade de Catai e da costa da Índia além do Ganges, quando se lhes desencadeou naquelas regiões, durante o mês de julho, tão fera tempestade que pôs a pique, ante seus olhos, duas das quatro caravelas que levavam, imediatamente arrancando a terceira das âncoras e fazendo-a desaparecer. Sacudiu de tal modo a quarta em suas âncoras que por pouco não se lhe abriram as juntas. Terminaram por desembarcar do navio, havendo perdido toda a esperança de salvá-lo. Reunidos por esse motivo em um conselho, já cogitavam não só em construir domicílios naquelas regiões, mas também em dar morte a todos os indígenas próximos, com receio de que estes, convocando os seus vizinhos, convergissem para trucidá-los. Mas as circunstâncias melhoraram. Cessou a tempestade, voltou a caravela que a tormenta arrebatará, na qual vinham 18 homens, e a que havia permanecido ancorada à vista foi reparada. Nestas duas navegações tomaram rumo da Espanha, regressando no dia antes das calendas de outubro para seu solo natal de Palos, suas mulheres e filhos, maltratados pelas ondas e havendo perdido não poucos companheiros. Trouxeram eles muitos pedaços de árvores que supõem ser de canela e de gengibre, mas inúteis por não estarem preparados, utilizando isto como desculpa por não haver trazido mais nada de precioso. Porém, teu amigo Battista Elisio, exímio filósofo e médico não menos ilustre, contou haver visto nas mãos deles pedras que trouxeram colhidas naqueles litorais marítimos, as quais afirma serem verdadeiros topázios. Se não me equivoco, assim o narrou a ti e a mim. Depois disso, também outros, desejosos de emular seus vizinhos, percorreram longuíssimas extensões para o meio dia, mas graças a descobertas alheias e às pegadas do almirante Colombo no litoral de Pária. Também estes acharam cassiafístula e aquele remédio precioso para eliminar a dor de cabeça com seu fumo, ao qual os espanhóis chamam anime branca. Sobre estes assuntos não logrei saber de nenhuma outra novidade que fosse digna de teu engenho. Darei, pois, fim a esse libelo, porque me acabru-nhas novamente com tua partida".

¹⁸² Cerca de 177,48 km. Cumpre observar que toda a narrativa alusiva ao "Marañon" encontra-se ausente tanto da edição de 1511 das "Décadas" (Martire d'Anghiera, 1511), quanto das versões italianas do "Codex Trevisan"; "Manoscritto di Ferrara"; "Libretto de tutta la navigazione de re de spagna" (Trevigiano, 1504) e "Paesi novamente ritrovati" (Montalbodo, 1507). Vide Anexos 1 a 9, bem como notas 39 e 128.

¹⁸³ Alusão às desembocaduras setentrional e meridional do Danúbio, que Pietro Martire denomina respectivamente de "boriostoméa" e "spireostoméa" tendo por referência a região banhada pelo baixo Borysthenes (atual Dnieper) e a foz do Ister, chamada "spireonstoma" por autores clássicos como Plínio, "o Velho" (1979-1984).

ANEXO 14. A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN SEGUNDO A "DE ORBE NOVO DECADES" (MARTIRE D'ANGHIERA, 1530)

[Folio 18 recto – 19 recto]

"Caput nonum"

Vincentiagnes cognomento pinzonus ariesque pinzonus illius ex fratre nepos qui Colonom prefectum maritimum prima navigatione fuerant comitati, duarumque minorum navium illarum quas supra diximus caravelas vocitari domini a praefecto conducti, novorum tractuum novarumque terrarum amplitudine pellecti, quattuor impensa propria caravelas in portum ipsorum natali solo, qui dicitur ab Hispanis Palos, in occiduo Oceano sito construunt, & a regibus habita venia circiter Kalendas Decembris anni. xcix a quadringentesimo supra millisimum e portu solvunt. Est autem is portus Palensis a Gadibus millia passum. lxxii. ab Hispali vero Baeticae emporio milliaria lxxiii. Sunt oppidani omnes, nullo excepto, rebus marinis dediti, continuisque navigationibus intenti. Ad fortunatas & ipsi primum tendunt per Hesperides. i. per insulas Caput viride dictas quas alii dicunt Gorgones Medusaeas. Ad Meridiem recta pisfiscuntur. Ab ea Hesperidum quae Sancti Jacobi a Portugalensibus possessoribus appellatur, idibus Januarii descendentes Affricum quem Suduestum appellat, qui medius inter Austrum est ac Zephyrum capiunt in proram. Cum leucas setercentum navigasse ventum illum secuti arbitrarentur, poli Arctici aiunt se aspectum amississe, quo illis occidente, ventorum vorticumque atque aestuum fera tempestas continuo oborta est. Ulterius tamen licet cum summo discrimine quadraginta super ducentas leucas ventum semper eundem per polum iam amissum sequentes processerunt. Unde an habitabilis sit an inacessa linea Aequinoctialis isti & prisci tam philosophi quam poetae & cosmographi discutiant. Hi nanque frequentibus habitata populis contendunt, illi vero inhabitabilem ob solis perpendicularum scribunt. Non defuere tamen apud antiquos, qui habitabilem esse probare niterentur. Interrogati a me nautae ii, an Antarcticum viderint polum, stellam se nullam huic Arcticae similem quae discerni circa punctum possit, cognovisse inquirunt. Stellarum tamen aliam aiunt se prospexisse faciem densaque quandam ab horizonte vaporosam caliginem quae oculos fere obtenebraret. Tumulum attoli in terrae medio contendunt, qui ne antarcticus videatur obstet, donec illum penitus trajecerint. At stellarum imagines ab hemisphaerii nostri stellis valde diversas se vidisse credunt. Haec dederunt, haec accipito, Davi sunt, non Oedipi. Septimo Kalendas Februarii tandem a longe terram prospiciunt, & cum turbidam esse maris aquam viderent, jacto funiculo plumbato sexdecim ulnarum, ut aiunt vulgo Brazatas, altitudinem reperiunt. Adeunt, descendunt, biduo ibidem commorati, quia nullum ibi hominem eo tempore viderint, licet vestigia in littore humana compererint, sculptis arboribus & saxis littori vicinis regiis suisque nominibus de adventu suo discesserunt. Non longe ab ea statione nocturnos ignes sequuti, castrensi more gentem reperiunt pernoctantem sub dio. Hanc donec elucescat nolle perturbare fuit consilium. Sole autem exorto armati e nostris quadraginta tendunt ad illos. Ad nostros duo & triginta veniunt obviam, arcubus ac missilibus telis onusti parati ad certamen, caeteri sequebantur eodem modo instructi: Germanis, aut pannonicis proceriores aiunt eos esse incolas, vultu torvo ac minitantibus similes nostros inspecabant, non armis esse agendum nostri censuerunt, sive id metu, sive ne aufugerent illi, non habeo compertum. Blanditiis atque oblatione munerum illos allicere nostri conantur. Illi autem ut qui commercium inire cum nostris nullum statuerant, omnem sermonem rejiciunt, parati semper ad pugnam colloquia & nutus suscipiebant, ita quisque regreditur. Nocte autem intempesta illi aufugiunt, vacua relinquunt quae occupaverant loca. Gentem esse vagam, veluti Scythas eos qui terre fructus sine certis domibus cum uxoribus & filiis sequantur, existimant. Jurejurando asserunt qui pedum illorum in arena dimensi sunt vestigia, nostrorum pedum mediocri hominis fere quantitatem in duplum aequare. Ulterius ad navigantes flumen aliud reperiunt, sed non ita profundum, ut caravellis percurri quiret. Servitorios igitur lembos quattuor armatis onustos ad terram investigatum mittunt. Super eminenti colle littori vicino incolarum catervam conspiciunt. Nostri ad commercium per unum peditem praemissum invitant. Illi ex nostris apprehendere aliquem abducereque velle visi sunt. Ad nostrum nanque paxillum cubitalem auratum a longe projiciunt, quia noster prius adjecerat tintinabulum, ut eos alliceret. Cum pronus jactum paxillum auratum vellet noster sumere dicto citius illum incole circumeunt, ut apprehendant. Is scuto enseque tectus, quibus armatus venibat, se ab eis tuetur, donec cymbis auxilium socii attulerunt. Ut brevibus absolvam, quandoquidem discessum tuum ante oculos mihi tam anxie praeponis, sagittis & missilibus sudibus e nostris octo peremerunt, plerosque vulnerarunt. Intra fluvium lembos sepiunt, ad manus usque temere veniunt, apprehendunt ex ripa cymbarum spondas, lanceis ensibusque veluti oves, quia nudi, trucidantur. Nec eo magis cedunt, unam e cymbis e nostrorum potestate rapuerunt, vacuum tamen hominibus, & illius praefecto sagitta transverberato ac perempto, reliquae evaserunt, ita bellaces illos deseruere. Ad Occidentem Septentrionalem per idem littus moesti ob intersectos tendunt. Leucas circiter .xl. percurrerant, quando in pelagus incidunt aquarum adeo dulcium, ut implere ibi cados aqua recenti licuerit. Vestigantes eius rei causam defluere magno impetu e vastis montibus rapidos fluminum concursus reperiunt. Intra id aequor jacere plures insulas & fortunatas soli ubertate & populis refertas aiunt. Hujus tractus incolas mites sociabilesque esse referunt, ast ipsis parum utiles, quia nullos optabiles nostris proventus assequantur auri, ut pote aut lapillorum. Sex propterea ac triginta inde captivos abduxerunt, regionem appellant indigenae Mariatambal. Regio autem ab eius fluminis Oriente Camamorus dicitur, ab Occidente Paricora. In hujus orae internis non negligendam auri copiam jacere inuebant incolae, hujus nanque fluminis Septentrionem recta captantes sic exigente littorum inflexu, Arcticum recuperarunt polum. Id littus universum Pariae est, quam Colonom ipsum hujus tanti inventi auctorem reperisse diximus unionibus ornatam, contiguum esse aiunt littus id idemque cum ora draconis, de quo alibi, & reliquis oris ut Cumaná, Manacapána, Curiána, Cauchiéto, Cauchibacóa, propterea Gangetidis Indiae continentem putant. Nec enim is vastus ambitus, ut insula sit, pati videtur, licet universum terrae orbem large sumptum Insulam dicere fas sit. Ab ea terrae cuspide quae Polum amittit Arcticum leucas circiter tercentum continuo tractu venientes ad Occidentem Pariam versus spacio fere medio in fluvium se inquirunt incidisse nomine Maragnonum adeo

latum ut fabulatos suspicer. Interrogata me postmodum, mare ne esset terras dirimens, responderunt esse dulces eius gurgitis hau//stus, quoque altius tenditur adverso flumine eo dulciores serunt esse, insulisque refertum & piscibus. Leucas dicere audent triginta amplius latum, rapacique cursu defluere in pelagus cedens eius furori, si tamen pensitaverimus, quanta esse ferantur Boriostoméa Spireostoméa que histriota, quantoque spatio violent maris aquas & navigantibus praebeant dulces potus, mirari desinemus, licet hoc flumen majus esse praedicetur. Quis naturae auferet quin hoc illo grandius atque illo hoc flumen potis sit generare: Flumen de quo Almirantus colonus eas oras percurrens mentionem fecit hoc esse arbitror. Apertius ista itelligemus aliquando, nunc ad terrae proventus redeamus. Coccineas in plaerisque de Pariensibus insulis silvas reperere, librarum millia allata sunt tria. Verzinum mercatores Itali, Hispani brasillum appellant. Aiunt coccineas Hispaniolae arbores esse his longe meliores ad colorem lanis praebendum. Aquilonem deinde, quem Hispani nautae Nordestum, Itali Graecum appellant, secuti, multas intertexunt Canibaliu saevitia desertas insulas, ast feraces. Descenderunt nanque pluribus in locis, & vicorum dirutorum multa vestigia ingressi sunt. Viderunt tamen alicubi homines, sed trepidos aspectu peregrinae cujusque navis aufugientes ad montanas rupes, & abstrusa nemora, sine certis iam domibus vagantes ob Canibaliu insidias. Arbores invenere maximas, quae casiamfistulam ut vulgo dicitur, passim & suapte natura producunt. Non ineptiorem esse aiunt hanc illa quam a pharmacopolis febris laborantes petunt, at nondum maturuerat quum iam iter facerent, malo illis aliisque haec referentibus credere, quam ea laboriosis scrutari. Arbores ibi esse adeo proceras balbutiunt, ut pleraesque sexdecim hominum manu junctorum in gyrum vix lacertis concludi quirent. Inter eas arbores monstrosum illud animal vulpino rostro, Cercopitheca cauda. vespertilio-neis auribus, manibus humanis, pedibus simiam aemulans, quod natos iam filios alio gestat, quocumque proficiscatur, utero exteriore in modum magnae crumenae, repertum est. Id animal licet mortuum tu ipse mecum vidisti, convoluisti crumenamque illam novum uterum, novum naturae remedium, quo a venatoribus, aut alias a caeteris violentis & rapacibus animalibus natos liberet, illos secum asportando admiratus es. Experimento esse compertum aiunt, eo semper utero crumenali animal filios secum portare, nec illos inde unquam emittere, nisi aut recreandi aut lactandi gratia, donec sibi victum per se quaeritare didicerint. Cum filiis animal ipsum deprehenderant, ast in navibus catuli propediem perierunt, mater autem filiis per aliquot menses superstitit, sed & ipsa tandem tantam aeris & ciborum mutationem ferre nequivit. De hoc animali iam satis multa, redeamus ad rei autores. Hi duo Pinzoni patruus & nepos horrenda per navigationem hanc passi sunt, per Pariense littus sexcentas iam leucas, atque ut ipsi putant ultra urbem Cataii & littus Indicum ultra Gangem percusserant, quando in eis oris mense Julio insperata illis exorta est tempestas adeo fera, ut e quattuor quas ducebant caravellas duas ante illorum oculos summerserit, illico tertiam vi ex anchoris raptam ab eorum aspectu asportaverit. Quartam in anchoris concusserit, ut omnis compago iam solveretur. Unde ad terram tamen ipsi ex hac ultima descenderunt, de navi penitus omni spe amissa. Quare inito consilio cum de parandis iam sibi domiciliis in regionibus illis, de perimendis omnibus incolis vicinis cogitabant, ne finitimis reliquis aliquando convocatis ad se trucidandum conveniant. Ast melius. Cessit tempestas, rediit quam raptaverat hyems caravella, ea octodecim viri vehabantur, & quae in anchoris in eorum prospectu steterat servata est. His igitur duabus ad Hispaniam iter capiunt. Palos natale solum ad uxores & filios concussi fluctibus & hominibus amicis non paucis pridie Kalendis Octobris revertuntur. Hi ex arboribus plaeraque frustra tulerunt, quae cynamomi & singiveris esse putant, ast non utilis quia non conditi, ut aiunt in sui excusationem, quod nihil preciosum alias repererint, lapillos tamen se vidisse in eorum manibus inde allatos ex maritimis illarum orarum littoribus collectos Baptista tuus Elysus philosophus eximius, & medicus non inferior, quo veros esse Topazios praedicat mihi tibi que ut arbitror enarravit. Post hos & alii vicinorum aemulatione ad Meridiem longissimus tractus percurrere, sed per aliorum inventa colonique praefecti maritimi vestigia per littus, ut puta Pariense. Casiam & hi fistulam preciosumque illud ad captis gravedinem suo suffumigio tollendam, quod Hispani anime album vocant, reperere. De his nil novi aliud quod tuo sit dignum ingenio percipi, finen propterea libello huic quia me iterum de tuo discessu fatigas, imponam".

ANEXO 15. TRADUÇÃO DAS PASSAGENS SOBRE A VIAGEM DE VICENTE YÁÑEZ PINZÓN EXISTENTES NAS "DE ORBE NOVO DECADES" (MARTIRE D'ANGHIERA, 1530)

"Capítulo Nove

Vicente Yáñez, cognominado Pinzón, e Aries Pinzón, seu sobrinho fraterno, que ao Almirante Colombo haviam acompanhado em sua primeira navegação, contratados como capitães de duas das pequenas embarcações chamadas caravellas, conforme falamos acima, atraídos pela amplidão das novas regiões e novas terras, construíram a sua própria custa outras quatro caravellas no seu porto natal, que os espanhóis chamam de Palos, situado no oceano ocidental. E havendo obtido a permissão real, zarparam dali próximo às calendas de dezembro do ano de 1499. O porto de Palos dista de Cádiz 72 milhas e 64 de Sevilha, principal empório espanhol da Bética. Todos seus habitantes, sem exceção, são gentes marinheiras e afeitas a contínuas navegações. Dirigiram-se eles primeiro para as Afortunadas pela rota das Hespérides, ou seja, pelas ilhas ditas do Cabo Verde, que outros chamam Górgodas Medúseas. Tomaram rumo direto para o meio-dia. Deixando nos idos de janeiro aquela Hespéride denominada Santiago por seus proprietários portugueses, receberam de proa o vento áfrico que chamam sudoeste, o qual é intermediário entre o austro e o zéfiro. Quando lhes pareceu haver navegado 300 léguas seguindo o dito vento, dizem ter perdido de vista o pólo ártico, cujo ocaso logo foi acompanhado pelo nascimento de uma terrível tempestade de marulhos e de turbilhões de ventos. Avançaram todavia, embora com sumo perigo, mais 240 léguas seguindo sempre o mesmo vento, pois o pólo estava perdido. Discutem os antigos poetas, filósofos e cosmógrafos se a linha equinocial é habitável ou inacessível. Com efeito, uns afirmam estar ela habitada por numerosos

povos, outros escrevem que é inabitável por causa da posição perpendicular do sol. Entre aqueles de antigamente, contudo, não faltou quem tenha se esforçado para prová-la habitável. Interrogados por mim se haviam visto o pólo antártico, estes marinheiros responderam não ter reconhecido nenhuma estrela semelhante à do ártico que se pudesse distinguir próxima daquele ponto. Todavia, disseram haver visto estrelas de outra sorte e uma certa neblina vaporosa pelo horizonte que quase lhes escurecia a vista. Pretendem que no meio daquela terra se erga uma elevação que impede a visão do antártico enquanto não seja ultrapassada, mas acreditam haver visto constelações muito diversas daquelas de nosso hemisfério. Isto me contaram e isto conto. São Davos e não Édipos. Por fim, a sete [dias] das calendas de fevereiro, viram terra ao longe e, notando a turbidez da água do mar, lançaram a sonda e encontraram uma profundidade de 16 braças, que vulgarmente chamam 'brazatas'. Aproximaram-se, desembarcaram e ali permaneceram dois dias; não havendo encontrando nesse período homem algum, por mais que vissem rastros humanos na praia. Gravados nas árvores e rochas próximas ao litoral os nomes dos reis e os seus próprios para marcar sua chegada, foram embora. Não longe daquela paragem, guiados por uns fogos que brilhavam na noite, toparam com um povo que pernoitava a céu aberto à maneira castrense, e deliberaram não perturbá-lo até o amanhecer. Saído o sol, quarenta dos nossos dirigiram-se armados até eles, que em número de trinta e dois vieram ao encontro com arcos de flechas postas, prontos para o combate. Seguiam-nos os demais, postos de igual maneira. Dizem que esses indígenas eram mais altos que os germanos e panônios. Fitavam com o rosto torvo e atitude ameaçadora os nossos, que resolveram não fazer uso das armas, ignoro se por medo ou para evitar que fugissem. Tentaram atraí-los com blandícias e oferta de presentes, mas eles, como que resolvidos a não manter com os nossos trato algum, recusaram toda a conversa, encarando suas palavras e acenos com suspeição e estando sempre preparados para o combate: assim se retiraram uns e outros. Entrada a noite, porém, os indígenas fugiram inesperadamente, abandonando os lugares que haviam ocupado. Acreditam que são um povo errante como os citas que, sem morada fixa, vão buscando com suas mulheres e filhos os frutos da terra. Asseveram sob juramento que o tamanho das pegadas dos seus pés, medido na areia, era quase o dobro daquelas de um homem nosso de altura mediana. Navegando mais adiante encontraram outro rio, mas não profundo o suficiente para ser percorrido com as caravelas. Por isso enviaram a terra, para um reconhecimento, quatro botes com homens armados. Viram sobre uma elevação próxima ao litoral uma chusma de indígenas. Os nossos, enviando na frente um infante, convidaram-nos a negociar. Pareceu que eles tentavam apoderar-se e levar consigo o nosso homem. Pois de longe eles lhe haviam arrojado uma pequena estaca dourada de um cúbito, assim como o nosso primeiro lhes arremessara uma campainha para atraí-los. Ao agachar-se o nosso para apanhar a pequena estaca dourada que havia sido atirada, mais que depressa, os indígenas rodearam-no para capturá-lo. Protegendo-se com o escudo e a espada de que estava armado, este defendeu-se até que seus companheiros lhe trouxessem auxílio dos barcos. Para dizê-lo com poucas palavras (pois tão ansiosamente me declaras tua partida), as flechas e dardos mataram oito dos nossos e feriram um número ainda maior. Dentro do rio cercaram os botes, temerariamente colocando-se ao alcance da mão, e desde a margem agarravam os costados dos botes. Eram trucidados como ovelhas sob o golpe das lanças e espadas, pois estavam nus, mas nem assim cediam. Lograram arrebataram dos nossos, ainda que sem gente, uma das embarcações, cujo patrão foi atravessado e morto por uma seta; os outros puderam safar-se. Assim deixaram aqueles homens belicosos. Dirigiram-se para o noroeste pelo mesmo litoral, tristes pelos que tinham morrido. Haviam percorrido cerca de 40 léguas quando vieram dar em um pélagos de águas tão doces que lhes permitiu encher suas barricas com água fresca. Ao investigar a causa daquele fenômeno, descobriram que desde uns vastos montes se precipitavam, com grande ímpeto, rios de rápidas correntes. Dizem que dentro daquele pélagos existem numerosas ilhas, afortunadas pela riqueza de seu solo e cheias de gente. Contam que os indígenas desta região são pacíficos e sociáveis, mas pouco úteis para os nossos por não possuírem nenhum bem desejável como ouro ou pedrarias. Em vista disso, levaram dali 36 cativos. Os indígenas chamam a dita região de Mariatambal; contudo, aquela situada a oriente do rio se denomina Camamoro e a ocidental Paricora. Os indígenas davam a entender que no interior daquela região existia quantidade não desprezível de ouro. Prosseguindo em linha reta para o norte do rio, por assim exigi-lo os contornos do litoral, recuperaram [a visão do] pólo ártico. Toda aquela costa pertence a Pária, de cujo descobrimento foi autor o próprio Colombo, que a encontrou, segundo dissemos, adornada de pérolas. Dizem que esta costa é contígua e forma um todo com a Boca do Dragão, de que falamos em outro lugar, e com as outras regiões como Cumaná, Manacapana, Curiana, Canchieto e Cuchibachoa; por causa disso atribuem-na ao continente da Índia do Ganges. Nem parece possível admitir que um âmbito tão dilatado se compadeça com a condição de ilha, por mais que o orbe inteiro, considerado no sentido lato, possa ser visto como uma ilha. Marchando para o ocidente rumo a Pária, em um espaço contínuo de 300 léguas desde a ponta de terra onde se perde o polo ártico, dizem que foram parar, quase a meio caminho, em um rio chamado Marañon, tão largo que me parece coisa de fábula. Perguntando-lhes mais tarde se não se trataria de um mar que separava as terras, responderam-me que eram doces as suas águas, tanto mais doces quanto mais se sobe a corrente, e que está prenhe de ilhas e de peixes. Ousam dizer que atinge mais de 30 léguas de largura e com impetuosa corrente se precipita no mar, o qual cede ante sua fúria. Se refletirmos, entretanto, o quão largas dizem ser as bocas do baixo Danúbio, chamadas boriostômea e espirocômea, e o grande trecho em que violam as águas do mar, oferecendo água potável aos navegantes, cessará nossa admiração, embora conste que este rio é ainda maior. Quem negará à natureza a possibilidade de criar a este rio maior que aquele, e outro ainda maior que este? Julgo ser este o mesmo rio de que o almirante Colombo fez menção ao percorrer estas costas. Algum dia sabê-lo-emos mais exatamente. Voltemos agora aos produtos da terra. Na maior parte das ilhas de Pária encontraram bosques de pau-vermelho e trouxeram dele três mil libras. Os mercadores italianos chamam-lhe 'vercino' e os espanhóis 'brasil'. Dizem que o pau-vermelho de Hispaniola é de muito melhor qualidade para o tingimento da lã. Seguindo depois

o aquilão, que os marinheiros espanhóis chamam noroeste e os italianos grego, passaram entre muitas ilhas desertas pela crueldade dos canibais, mas férteis. Com efeito, desembarcaram em muitos lugares e encontraram vestígios de muitas aldeias destruídas. Em alguns sítios viram homens, mas temerosos e prontos a fugir à vista de qualquer embarcação estranha para os penedos dos montes e para os bosques fechados; não tinham moradia fixa e andavam errantes por temer as ciladas dos canibais. Encontraram a cada passo árvores muito grandes que espontaneamente produzem a cassiafístula, conforme vulgarmente lhes chamam. Contam que esta não é inferior àquela que os atacados pela febre solicitam dos farmacêuticos; mas não estava ainda madura quando retomaram a marcha. Prefiro antes dar crédito a estes e a outros que mencionam o mesmo que averiguar mais detidamente. Asseguram existir aí árvores tão corpulentas que muitas delas não podem ser circundadas por um cordão de 16 homens de mãos dadas. Entre estas árvores achou-se aquele animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego [e] mãos humanas, imitando nos pés o macaco, que transporta seus filhos já nascidos, para onde quer que vá, em um útero externo a modo de uma grande bolsa. Este animal, embora morto, tu mesmo viste comigo e o manuseaste e admiraste aquela bolsa, novo útero, novo remédio da natureza, com o qual livra dos caçadores e dos outros animais violentos e rapaces os filhos, levando-os consigo. Dizem ter descoberto pela experiência que o animal leva sempre seus filhos dentro desse útero em forma de bolsa sem nunca deixá-los sair exceto para que brinquem ou para dar-lhes de mamar, até que aprendam a buscar por si mesmos o sustento. Capturaram com os filhotes o próprio animal; as crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses; por fim ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos. Mas já falamos bastante deste animal. Voltemos aos autores da empresa. Esses dois Pinzón, tio e sobrinho, passaram por coisas horríveis durante esta navegação. Já haviam percorrido 600 léguas pelo litoral de Pária, segundo pensam tendo passado além da cidade de Catai e da costa da Índia além do Ganges, quando se lhes desencadeou naquelas regiões, durante o mês de julho, tão fera tempestade que pôs a pique, ante seus olhos, duas das quatro caravelas que levavam, imediatamente arancando a terceira das âncoras e fazendo-a desaparecer. Sacudiu de tal modo a quarta em suas âncoras que por pouco não se lhe abriram as juntas. Terminaram por desembarcar do navio, havendo perdido toda a esperança de salvá-lo. Reunidos por esse motivo em um conselho, já cogitavam não só em construir domicílios naquelas regiões, mas também em dar morte a todos os indígenas próximos, com receio de que estes, convocando os seus vizinhos, convergissem para trucidá-los. Mas as circunstâncias melhoraram. Cessou a tempestade, voltou a caravela que a tormenta arrebatara, na qual vinham 18 homens, e a que havia permanecido ancorada à vista foi reparada. Nestas duas naves tomaram rumo da Espanha, regressando no dia antes das calendas de outubro para seu solo natal de Palos, suas mulheres e filhos, maltratados pelas ondas e havendo perdido não poucos companheiros. Trouxeram eles muitos pedaços de árvores que supõem ser de canela e de gengibre, mas inúteis por não estarem preparados, utilizando isto como desculpa por não haver trazido mais nada de precioso. Porém, teu amigo Battista Elisio, exímio filósofo e médico não menos ilustre, contou haver visto nas mãos deles pedras que trouxeram colhidas naqueles litorais marítimos, as quais afirma serem verdadeiros topázios. Se não me equivoco, assim o narrou a ti e a mim. Depois disso, também outros, desejosos de emular seus vizinhos, percorreram longuíssimas extensões para o meio dia, mas graças a descobertas alheias e às pegadas do almirante Colombo no litoral de Pária. Também estes acharam cassiafístula e aquele remédio precioso para eliminar a dor de cabeça com seu fumo, ao qual os espanhóis chamam anime branca. Sobre estes assuntos não logrei saber de nenhuma outra novidade que fosse digna de teu engenho. Darei, pois, fim a esse libelo, porque me acabrunhas novamente com tua partida”.

**ANEXO 16. O TEXTO SOBRE A “SIMIVULPA” DA “HISTORIAE ANIMALIUM
LIB. I. DE QUADRUPEDIBUS VIVIPARIS” (GESNER, 1551)**

[Páginas 981 – 982]

**“DE SIMIVULPA, SIC ENIM FINGO NOMEN, NE SIT ANONYMOS HAEC BESTIA: cujus
imaginem addidi, qualis in tabulis Geographicis depingi solet**

It qui nostra memoria Payram regionem lustrarunt, bestiam dicunt se vidisse quadrupedem, ex anteriore parte vulpem, ex posteriore simiam: praeterquam quòd humanis pedibus sit, & noctuae auribus: & subter communem ventrem, instar marsupii alium ventrem gerat, in quem tam diu eius catuli occultantur, dum tutò exire, & sine parentis tuitione cibaria inquirere possunt: ac nimirum non ex eo receptaculo prodeunt, nisi cum lac fugunt, Gillius: Transcripsit autem, ut apparet, ex Vincentiani Pinzoni Navigatione. Portentosum hoc animal, ut in eadem legimus, cum catulis tribus Sibiliam delatum est, & ex Sibiliam Illiberim, id est Granatam, in gratiam regum. Catuli licet in itinere perierint, conspecti tamem sunt à compluribus qui huius rei testes fuerunt. Petrus Martyr etiam Oceanae Decadis primae libro 9. Arboris ibi (in Pariana regione, inquit) tantas esse aiunt, ut plearesque sedecim hominum manu junctorum in gyrum vix lacertis concludi quirent. Inter eas arbores monstrosum illud animal vulpino rostro, cercopitheci cauda, vespertilionis auribus, manibus humanis, pedibus simiam aemulans: quod natos iam filios aliò gestat, quocunque proficiscatur, utero exteriori in modum magnae crumenae, repertum est. Id animal licet mortuum ipse vidi, convolui, crumenamque illam novum uterum, novum naturae remedium, quò à venatoribus aut aliàs à caeteris violentis & rapacibus animalibus natos liberet, illos secum asportando, admiratus sum. Experimento esse compertum aiunt, eo semper

utero crumenali animal catulos secum portare, nec illos inde unquam emittere, nisi aut recreandi aut lactandi gratia, donec sibi victum per se quaeritare didicerint. Cum catulis animal ipsum deprehenderant: sed in navibus catuli intra paucos dies perierunt, mater per aliquot menses supersuit, sed & ipsa tandem tantam aeris & ciborum mutationem ferre nequivit. Haec ille.

Haec bestia ficto nomine simivulpa, aut simia vulpina, Latinè: πιθηκαλωπιηξ Graecè dici poterit. Germanis fuchsaff. Inter pisces quidem de glauco mare legitur quod foetus suos, cum eis metuit, devoret ac rursus incolumes emittat, ut Aelianus refert".

ANEXO 17. TRADUÇÃO DO TEXTO SOBRE A "SIMIVULPA" DA "HISTORIAE ANIMALIUM LIB. I. DE QUADRUPEDIBUS VIVIPARIS" (GESNER, 1551)

"DA SEMIVULPA, NOME INVENTADO PARA QUE ESTAS BESTAS NÃO FIQUEM ANÔNIMAS.

Cuja imagem adicionei conforme está geralmente representada em cartas geográficas

Aqueles que, segundo nossa lembrança, exploraram a região de Pária, dizem ter visto bestas de quatro patas com a parte anterior de raposa e a posterior de macaco, além de possuírem pés humanos e orelhas de coruja. E sob o ventre usual carregam um outro ventre, como uma bolsa, no qual seus filhotes ficam escondidos pelo tempo necessário até que possam sair em segurança para buscar de comida sem a proteção de seus pais. E é claro que não saem desse abrigo, exceto para mamar, [segundo Pierre] Gilles. E transcreveu, ao que parece, da navegação de Vicente Yáñez Pinzón, que esse portentoso animal, como nele lemos, foi trazido com três filhotes para Sevilha e de Sevilha para Ilibéria – isto é, para Granada – como presente para os Reis [Católicos]. Embora os filhotes tenham morrido durante a viagem, eles foram vistos por várias pessoas que testemunharam o evento. Também Pietro Martire, no nono livro da primeira 'Década': As árvores de lá (na região de Pária, diz ele) são tão grandes que muitas delas não podem ser circundadas por um cordão de 16 homens de mãos dadas. Entre estas árvores achou-se aquele animal monstruoso com focinho de raposa, cauda de cercopiteco, orelhas de morcego e mãos humanas, imitando nos pés o macaco, que transporta seus filhos já nascidos, para onde quer que vá, em um útero externo a modo de uma grande bolsa. Eu mesmo vi esse animal morto e o manuseei, admirando aquela bolsa – novo útero, novo remédio da natureza – com a qual livra dos caçadores e dos outros animais violentos e rapaces os filhotes, levando-os consigo. Dizem ter descoberto, pela experiência, que o animal leva sempre seus filhotes dentro desse útero em forma de bolsa sem nunca deixá-los sair – exceto para que brinquem ou para dar-lhes de mamar – até que aprendam a buscar por si mesmos o sustento. Capturaram com os filhotes o próprio animal. As crias morreram pouco depois nos navios, mas a mãe sobreviveu-lhes alguns meses. Por fim, ela tampouco pode suportar uma mudança tão grande de clima e de alimentos. Isso diz ele.

Essa besta tem o fictício nome latino de 'simivulpa', ou macaco raposa, πιθηκαλωπιηξ pode ser dito em grego, 'fuchsaff' em alemão. De fato, lemos que os peixes do glauco mar, quando temerosos, engolem suas crias para depois devolvê-las ilesas, conforme relata Aelianus".

ANEXO 18. O TEXTO DA "CHURCHA" DO "SUMARIO DE LA NATURAL HISTORIA DE LAS INDIAS" (OVIEDO Y VALDÉS, 1526)

[Folio 24 recto]

"De la Churcha Ca. XXVIII

La Churcha es un animal pequeño del tamaño de un pequeño conejo, y de color leonado, y el pelo muy delgado: el hocico muy agudo, y los colmillos y dientes assi mismo, y la cola luenga de la manera que la tiene el raton, y las orejas a el muy semejantes. Aquestas churchas en Tierra Firme (como en Castilla las gaduñas) se vienen de noche a las casas a comerse las gallinas, o a lo menos a degollarlas y chuparse la sangre, y portanto son mas dañosas, porque si matassen una y de aquella se hartassen, menos daño harian: pero acaesce degollar quinze y veynte, y muchas mas sino son socorridas. Pero la novedad y admiracion que se puede notar de aqueste animal es, que si al tiempo que anda en estos passos de matar las gallinas cria sus hijos, los trae consigo metidos en el seno: de aquesta manera. Por medio de la barriga al luengo abre un seno que haze de su misma piel, de la manera que se haria juntando dos doblezes de una capa haciendo una bolsa: y aquella hendedura en que el un pliegue junta con el otro: aprieta tanto que ninguno de los hijos se le cae, aunque corra: y quando quiere, abre aquella bolsa y suelta los hijos y andam por el suelo ayudando a la madre a chupar la sangre de las gallinas que mata: y como siente que es sentida, y alguno socorre y va con lumbre a ver de que causa las gallinas se escandalizam: luego encontinente la dicha churcha mete en aquella bolsa o seno los hijos, y se va si halla lugar por donde yrse: y si le tomam el passo subese a lo alto de la casa o gallinero a se esconder, y como muchas vezes la tomam biva y algunas la matam, hase visto muy bien lo que es dicho, y hallanle los hijos metidos en aquella bolsa: dentro de la qual tiene las tetas, y pueden los hijos estar mamando. yo he visto algunas destas Churchas: y todo lo que es dicho, y aun me han muerto las gallinas en mi casa de la manera susodicha. Es animal esta Churcha, que huele mal, y el pelo y la cola y las orejas tiene como raton: pero es mayor mucho".